# convergência

MAIO • 1996 • ANO XXXI Nº 292

## A MÃE MARIA: ABORDAGEM EXISTENCIAL-TEOLÓGICA

Ir. Afonso Murad

## RELIGIOSIDADE POPULAR EM CAMINHO PARA DEUS

Frei Bernardino Leers




convergência

# SUMÁRIO

EDITORIAL
FAZER MEMÓRIA DE MARIA É CELEBRAR
A FÉ NO DEUS DE JESUS ..... 203
Maria Carmelita de Freitas, FJ

PALAVRA DO PAPA
A IGREJA QUE ESTÁ EM CUBA ASPIRA, COM
TODO O DIREITO, A UMA PLENA LIBERDADE
NA SUA AÇÃO EVANGELIZADORA ..... 205

INFORME CRB ..... 208

A MÃE MARIA.
ABORDAGEM EXISTENCIAL-TEOLÓGICA ..... 213
Ir. Afonso Murad

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA MULHER COMO
QUESTÃO TEOLÓGICA ..... 230
Ir. Maria Conceição Corrêa Pinto

RELIGIOSIDADE POPULAR EM
CAMINHO PARA DEUS ..... 238
Frei Bernardino Leers

OS RELIGIOSOS SE PREOCUPAM
COM OS JOVENS ..... 250
J.B. Libanio

O TRAUMA DO DESEMPREGO.
CAUSAS E DESAFIOS ..... 259
Pe. Inácio Neutzling, SJ

# NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

**ASSINATURA PARA 1996:**

**BRASIL:** taxa única
Terrestre ou aérea ..... RS$ 50,00

**EXTERIOR:** taxa única
Terrestre ou aérea ..... RS$ 85,00
Número avulso (Brasil) ..... RS$ 5,00

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

**convergência**
Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

**DIRETOR-RESPONSÁVEL:**
Pe. João Roque Rohr, SJ

**REDATOR-RESPONSÁVEL:**
Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

**EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:**
**Coordenadora:**
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Conselho editorial:**
Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS • Pe. Francisco de Assis Taborda, SJ • Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Frei Luiz Fernando Peixoto, OFM
Frei Prudente Nery, OFM Cap.

**DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:**
Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

**DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:**
Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 • Ipiranga
04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 914-1922

**Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73**

# EDITORIAL

# FAZER MEMÓRIA DE MARIA É CELEBRAR A FÉ NO DEUS DE JESUS

Maria Carmelita de Freitas, FJ
Belo Horizonte — MG

A piedade popular no Brasil atravessou os séculos carregando o andor de Nossa Senhora, aclamando a figura terna e solícita da Mãe de todos, levando nos braços, através das gerações, aquela que é a herdeira e o sustentáculo da esperança dos pobres e pequenos. Maio tornou-se o mês-símbolo dessa entranhada devoção mariana, haurida em tantas fontes, de forma muitas vezes espontânea e, ao mesmo tempo, tenaz como o rebrotar da erva que verdeja nos campos.

Mas, no calendário litúrgico, maio coincide também com o que se denomina tempo pascal. Nessa época do ano, as celebrações e, sobretudo, as leituras bíblicas estão impregnadas das alegrias da Ressurreição e de Pentecostes, lembrando ao povo de Deus que sua história está definitivamente marcada pelo amor misericordioso do Pai, que ressuscita dos mortos seu Filho Jesus e difunde o seu Espírito para além de todas as fronteiras. Nossa Senhora fica, assim, associada por um novo título – a devoção popular – aos mistérios centrais da fé cristã, especialmente ao mistério de Pentecostes.

Em tudo isso, mais que mera coincidência, existe uma profunda lição de vida cristã. Não é possível compreender e fazer a experiência da globalidade do mistério cristão sem a presença de Maria, "filha de nossa raça" e Mãe de Deus; mulher do povo, partícipe das suas angústias e esperanças, peregrina da fé na história e sinal elevado da esperança que não engana. Nela os pobres de todos os tempos sentem que a Boa Notícia do Evangelho se faz carne e verdade histórica. Nela as mulheres, especialmente as do nosso tempo se reencontram com a sua identidade e vocação humana mais profunda.

Precisamente por isso, na sociedade atual, dominada pelo neoliberalismo e pelas leis do mercado a ele atreladas, onde cresce a discriminação por razões de raça, cultura, condição social e sexo, adquirem extraordinária atualidade as palavras de João Paulo II em Zapopan, no México, apontando Maria como modelo "para os que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas da alienação..." Ou a voz de Paulo VI na encíclica *Marialis Cultus*, lembrando que Maria, "longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos tronos os poderosos do mundo (...) uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza, o sofrimento e o exílio – situações estas que não podem escapar à atenção de quem quiser secundar com espírito evangélico as energias libertadoras do homem e da sociedade" (MC, 37).

É certo que as condições socioculturais da época em que viveu Maria de Nazaré diferem muito das condições atuais. Não se trata aqui de querer equiparar situações e atitudes, mas de captar a força singular da figura de Maria – mulher do seu tempo e da sua raça – como protótipo do discipulado e do compromisso com a causa de Jesus.

Sentindo com o povo que neste mês honra e louva de modo especial a Mãe de Deus nas comunidades espalhadas pelo Brasil afora, e buscando oferecer aos leitores e leitoras um rico material de reflexão mariológica, CONVERGÊNCIA de maio publica o artigo do Ir.. Afonso Murad, "A Mãe-Maria, abordagem pastoral e teológica". Para o autor, o retrato bíblico de Maria que nos oferece o evangelista Lucas "descortina uma série de características da Mulher Maria, que vão bem além da função de mãe: profeta que anuncia a vitória de Deus na perspectiva dos oprimidos, pobre e consciente mulher de periferia (Lc 1,48-52), mulher de fé (Lc 1,45), discípula ideal de Jesus, peregrina na fé (Lc 2,50), figura antecipada da comunidade que acolhe o Espírito criador de Deus (Lc 1,35), pessoa que faz o elo de ligação entre o tempo da preparação, o tempo do Reino e o da Igreja (At 1,14).

O artigo de Ir. Maria Conceição Corrêa Pinto visa dar continuidade às reflexões sobre o tema da CF/96, focalizando a questão da "participação política da mulher como questão teológica". O artigo insere-se também na linha da preocupação da XVII AGO da CRB com as questões de gênero, preocupação que a Assembléia assumiu como um dos seus compromissos. Lembrando a atuação política – com caráter pioneiro – de algumas mulheres brasileiras ao longo da história, a autora aprofunda também o lado bíblico da questão e ressalta o papel contracultural de Jesus em relação com a mulher e com sua participação no âmbito do público.

Na mesma linha de continuar oferecendo subsídios para o aprofundamento da reflexão sobre os compromissos da XVII AGO, situam-se os artigos de Fr. Bernardino Leers, OFM: "Religiosidade popular em caminho para Deus", e o do Pe. João Batista Libanio, SJ: "Os religiosos se preocupam com os jovens". Dois temas de particular interesse para a Vida Religiosa hoje. Frei Bernardino falando a partir da sua notória experiência e competência no assunto, focaliza questões sumamente vitais para uma adequada compreensão teológico-pastoral do tema. Para ele, "religiosidade popular é um conceito genérico composto, cuja realidade é muito mais complexa e diferenciada do que pesquisas podem concluir. As imagens de Deus e as práticas para com Deus são tão variadas e misturadas entre o povo, que o contato com o povo é uma escola contínua de aprendizagem para o clero, religiosos e religiosas que, pela sua formação, são especialistas em Deus". O Pe. João Batista Libanio introduz o seu artigo com a candente pergunta: "Será que se pode falar de uma cultura ou subcultura juvenil de caráter mundial?" Para o autor, a mídia projeta imagem estereotipada do jovem moderno, imagem que entra no jogo ideológico do marketing. Ao longo do texto, Pe. Libanio oferece pistas e orientações para um trabalho pastoral eficiente e fecundo junto aos jovens de hoje.

Durante todo este ano de 1996, CONVERGÊNCIA publicará breves textos do Pe. Inácio Neutzling, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT) de Curitiba, como subsídios que ajudem os religiosos e religiosas a terem uma visão crítica da realidade nacional, a darem continuidade ao estudo e à discussão da Modernidade brasileira e a desenvolverem a sua consciência política. Este mês o autor focaliza o tema do desemprego.

# PALAVRA DO PAPA

## A IGREJA QUE ESTÁ EM CUBA ASPIRA, COM TODO O DIREITO, A UMA PLENA LIBERDADE NA SUA AÇÃO EVANGELIZADORA

*A Igreja em Cuba comemorou o X aniversário do primeiro "Encontro nacional eclesial cubano", que se tinha realizado em La Habana de 17 a 23 de fevereiro de 1986, e que foi então considerado "o acontecimento mais importante da Igreja católica nesta ilha nos últimos vinte e cinco anos" e deu abundantes frutos. João Paulo II foi representado naquela ocasião pelo Cardeal Eduardo Francisco Pironio, Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos.*

*Agora, coube ao Cardeal Carlo Furno representar o Santo Padre, como seu Enviado Especial, na celebração do II Encontro eclesial cubano iniciado no passado dia 21 de fevereiro, para comemorar aquele evento eclesial.*

*Na cerimônia de encerramento no domingo, 25 de fevereiro, o Cardeal Furno leu a seguinte mensagem pontifícia:*

Amados Irmãos no Episcopado
Queridos sacerdotes e diáconos
religiosos e religiosas
e fiéis católicos de Cuba

1. Desejo fazer-me presente entre vós, nesta ocasião que é, ao mesmo tempo, comemoração e anúncio. Comemoração do *I Encontro Eclesial Cubano*, que há dez anos deu um novo impulso à Igreja em Cuba e a levou a desenvolver uma *ação evangelizadora cada vez mais viva e aberta*, convidando os católicos cubanos a dar um lugar preferencial à oração e chamando a Igreja no vosso País a reconhecer-se a si mesma e sentir-se, em todos e cada um dos seus filhos, parte do povo no qual o Senhor a plantou.

Estes traços de uma *Igreja orante, encarnada e evangelizadora* que o vosso primeiro Encontro Nacional destacou como fundamentais, foram configurando a vida e a ação da Igreja em Cuba durante um decênio. Agora, revitalizada na sua missão sem deixar de crescer em número e no compromisso evangelizador dos seus fiéis, a Igreja convoca os católicos cubanos para comemorar com fé, e cheios de esperança, os dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo. Este é o anúncio que, nesta ocasião, a Igreja em Cuba dirige também ao povo fiel, para que se prepare durante o próximo triênio para o *Grande Jubileu do Ano 2000*, de acordo com as grandes linhas traçadas na minha Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente*.

2. Desde a celebração do Primeiro Encontro Nacional da Igreja em Cuba houve no mundo grandes transformações, que marcaram novas pautas na sociedade e nas relações internacionais. Entre essas transformações cabe mencionar a queda, na Europa do Leste, de um sistema político baseado na filosofia marxista (cf. *Centesimus annus*, 22), o qual tinha a sua influência em Nações de outros continentes.

O mencionado sistema, difundindo o ateísmo, fez com que a Igreja daqueles

Países experimentasse grandes provas, pois considerava irrelevante e inclusive nocivas a profissão e a prática da religião. Em muitas ocasiões reservava um tratamento burocrático, exclusivo e severo à Igreja, às suas instituições e aos fiéis em geral. Estes viram-se limitados e às vezes impedidos de proclamar a mensagem de Cristo e, em não poucas ocasiões, de viver a própria fé (ibid., 29). Ainda que as condições da Igreja entre vós não fossem exatamente as mesmas como as descritas, os católicos cubanos, que há dez anos celebravam o seu Primeiro Encontro Eclesial, tinham experimentado situações difíceis.

3. Em Cuba as circunstâncias também mudaram para a fé cristã, durante este mesmo período. Embora a Igreja no vosso País aspire, com todo o direito, a uma plena liberdade na sua ação evangelizadora, de modo que – com os meios que lhe são próprios, incluídos os que hoje oferece a técnica –, possa levar a mensagem de Cristo a todos os cubanos. Por outro lado, é certo também que a etapa do ateísmo, impropriamente chamado científico, parece superada na vossa Nação e que, tanto por parte do povo como das instâncias oficiais, se reconhece cada vez mais a ajuda que a fé cristã pode oferecer ao bem social. Por esta razão, a esperança deve caracterizar a celebração e projeção dessa reunião comemorativa, que vem construir o vosso *II Encontro Eclesial Cubano*.

A Igreja Católica em Cuba deve estar disposta a dar passos seguros nos seus projetos evangelizadores. Ao mesmo tempo, é desejável que, em diálogo aberto com as Autoridades públicas, ela possa não só dispor dos meios necessários para cumprir a sua missão, mas ser compreendida e aceita na sua natureza. A Igreja e o Estado têm âmbitos próprios e independentes, ainda que não paralelos nem opostos. Igreja e Estado devem servir ao homem e à mulher, e isto sem interferências nem submissão de um ao outro, mas de maneira complementar, para promover o único bem comum. Este princípio de complementaridade nas relações entre pessoas, nações e instituições, deve substituir as concepções duma certa dialética, que traz consigo o confronto e a luta, e qualquer outra visão da realidade que queira confinar a fé religiosa no âmbito puramente privado.

A paz, e também a paz social, exige de todos uma mudança de mentalidade para que as tensões, que geram conflitos, dêem lugar à compreensão e ao diálogo. Por isso, a Igreja dirige a sua mensagem a seres humanos imersos em realidades múltiplas e variáveis, por vezes angustiantes e desafiadoras. A Palavra de Deus, da qual a Igreja é portadora, deve ser proclamada assim em situações concretas, procurando incidir, com a sua força benfazeja, na vida dos homens e dos povos.

4. O Terceiro Milênio abre diante da humanidade e também, queridos filhos e filhas de Cuba, muitas interrogações, mas oferece além disso perspectivas novas e insuspeitadas: Como será o mundo do século XXI? Saberemos nós aproveitar as experiências do passado e construir uma convivência pacífica no seio de cada comunidade nacional e entre as nações? Poderão encontrar sulco apropriado os anseios de liberdade de tantos homens e povos da terra?

Quando parecem já *superados os sistemas coletivistas que sufocam as válidas iniciativas pessoais* ou de grupo, cairá o mundo sob os cegos mecanismos dum tipo de organização econômica desumana, que não tenha em conta os mais débeis e frustre as aspirações dos pobres?

É missão da Igreja, e por conseguinte dos católicos de Cuba, *propor ou resgatar os valores da família*; recordar em todos os momentos a grandeza e a *preeminência do trabalho humano* e a sua justa retribuição. De igual modo, a própria Igreja sente o dever de despertar as consciências de

quantos exercem funções públicas, acerca das suas grandes responsabilidades no âmbito da política ou da economia, com ela tão relacionado.

Com efeito, o futuro da humanidade depende da atuação responsável das pessoas, quando se fundamentam na verdade e a sua vida é iluminada por altos princípios morais, que tornam o seu coração capaz de amar até ao sacrifício. O *modelo deste homem*, servidor e amante, é *Jesus Cristo*. Este é o anúncio perene que a Igreja dá ao mundo: Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e sempre (cf. Hb 13,8).

5. Queridos filhos e filhas de Cuba, não deixeis de proclamar que *Jesus Cristo é o único Salvador*, que o seu evangelho pode transformar as mentes e os corações, produzir a almejada reconciliação e convocar os cubanos, assim como todos os povos da Terra, para uma autêntica fraternidade, sem ódios nem receios. É necessário que sejais *cristãos conhecedores da Palavra revelada*, da doutrina moral e social da Igreja, assim como das exigências da justiça e da paz; comprometidos no serviço da caridade e na promoção do vosso povo; diligentes em procurar a aproximação de todos os vossos irmãos, respeitando os diversos modos de pensar. Se a Igreja não proclamar a verdade nem mostrar o amor, quem o fará? Esta é a nossa missão insubstituível nas proximidades do ano 2000 e sempre.

6. Peço ao Senhor, pela intercessão materna da Virgem Maria da Caridade do Cobre, que este II Encontro Eclesial Nacional dê abundantes frutos. Que Ela, Estrela luminosa da nova Evangelização, vos ajude a *ser pregoeiros incansáveis da verdade e testemunhas do amor*, para que a Igreja em Cuba, seguindo Cristo e iluminada pelo Espírito, prepare caminhos de justiça e de paz no seio da vossa sociedade, e assim reine a esperança nas famílias, em cada um de vós e em todo o povo cubano.

Enquanto espero que não esteja distante o dia em que eu possa visitar-vos pessoalmente, abençôo-vos de coração no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

*Vaticano, 2 de fevereiro de 1996.*

# 1

# COMENTÁRIOS À NOTA: "CLAMOR POR JUSTIÇA E PAZ"

A Presidência da CNBB e a Comissão Episcopal de Pastoral (CEP) emitiram uma Nota, entregue à imprensa no dia 29.02.96, sobre a conjuntura nacional, intitulada **"Clamor por Justiça e Paz"**, em alusão direta à Campanha da Fraternidade em curso. Os Bispos convidam a todos, homens e mulheres, à conversão que se inicia numa nova consciência do compromisso pessoal e intransferível com a fraternidade e a solidariedade... O grande desafio para a Campanha, dizem os Pastores assinantes da Nota, é a real articulação entre a Fraternidade e a Política, visando a profundas mudanças na maneira de conduzir nosso País, a começar por maior democracia e transparência no processo eleitoral que se aproxima". Dois cristãos leigos: **Plínio de Arruda Sampaio**, ex-deputado federal, e **Guilherme Delgado**, economista do IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas), comentam as posições assumidas pelos Bispos.

Todos conhecem a moderação da CNBB — o cuidado que ela tem para manter-se isenta no meio das paixões da política. Por isso, chama a atenção o tom firme e duro do documento "Clamor por Justiça e Paz", recentemente publicado pelos Bispos da Presidência e pela Comissão Episcopal de Pastoral da entidade.

Herdeiros dos profetas, nossos bispos sabem a hora de falar e o tom adequado das suas falas. Não se pode ter meias-palavras em uma hora como a que estamos vivendo. Por isso, a mensagem da CNBB é clara como água cristalina: os bispos estão dizendo aos católicos que está na hora de assumir uma atitude mais ativa diante do quadro social do país. A mensagem é mais do que oportuna, porque a verdade é que estamos nos acostumando à barbárie do cotidiano. Centenas de pessoas são assassinadas nas folias do Carnaval, milhares de pessoas morrem em acidentes rodoviários a cada ano, dezenas de jovens são chacinados a cada fim de semana, crianças da mais tenra idade vivem literalmente nas ruas, legiões de desempregados dormem nas calçadas. E no entanto, diante desse quadro de verdadeiro genocídio, posto que implica na impossibilidade de vida minimamente humana para milhões de pessoas, a reação de uma parte importante da massa católica tem sido a de refugiar-se em formas falsas de espiritualidade, desligadas do drama humano para o qual o cristianismo promete apresentar uma resposta. Os bispos que firmam a nota, com Dom Lucas Moreira Neves à frente, estão cobrando dos fiéis uma atitude de coerência com os princípios da sua fé — coerência que exige a participação responsável na política.

Para não deixar dúvidas quanto aos rumos dessa participação, os bispos tiveram o cuidado de alinhar os pontos concretos pelos quais os católicos devem lutar, a fim de responder ao "*clamor por justiça e paz*": combater a violência urbana; democratizar e equipar a polícia; agilizar a justiça; substituir o modelo de exclu-

são pelo de criação de empregos; moralizar o sistema financeiro; promover uma verdadeira reforma agrária; liberar os Sem-Terra que estão presos injustamente no Pontal do Paranapanema.

Trata-se de uma pauta corajosa, que já provocou a reação irada de alguns órgãos de imprensa, notórios pela defesa intransigente dos privilégios das elites dominantes. Contra essas vozes minoritárias e preconceituosas, cuja esdrúxula teologia quer condenar a Igreja do Cristo a transformar-se em uma espécie de droga espiritual para anestesiar a angústia existencial dos privilegiados diante do mundo estúpido que produziram, ergue-se a consciência, não só dos verdadeiros católicos, mas de todos os homens de boa vontade deste país, no apoio ao manifesto da CNBB.

Coerente com a linha de assegurar a independência da Igreja, o documento não sugere apoio a partidos ou lideranças. Levanta bandeiras, aponta causas a serem abraçadas pelos católicos que desejam se manter fiéis à sua fé. Esse engajamento supõe apoio político a todos os que se alistam na mesma causa, sem discriminações motivadas por diferenças de concepções religiosas ou filosóficas. Esta postura não sectária está destinada a criar um clima favorável ao apelo da CNBB entre as diversas forças políticas e grupos sociais, favorecendo o surgimento de um amplo movimento de repúdio às políticas que visam inserir a economia brasileira no processo de globalização ao preço do sacrifício do projeto nacional e de um inaudito sofrimento dos mais pobres.

Vivemos uma época difícil. Nosso país está sendo objeto de uma investida feroz, desfechada por forças internacionais e nacionais muito poderosas. Sob o falso argumento de que o país precisa de ajustar-se de qualquer maneira ao processo de globalização que as grandes potências capitalistas e as multinacionais estão promovendo, essas forças estão desmantelando o estado nacional, a indústria brasileira, a classe trabalhadora e a população do campo. Nesse contexto adverso, a palavra de bispos, recentemente eleitos pelo colégio episcopal para os cargos mais importantes da CNBB, se insere na milenar tradição profética da Igreja. O profeta, por um lado, profliga a injustiça e, por outro lado, acende a esperança no coração dos injustiçados. Daí a necessidade de realçar duas frases basilares do documento: "Não dá para aceitar a violência como um processo natural, como uma epidemia incontrolável, mais forte do que nós". "É preciso reagir, baseando-nos nos valores de honestidade, de retidão e de dedicação generosa ao bem-estar da comunidade."

Os profetas cumpriram o seu dever. O povo de Deus não lhes faltará.

Plínio Arruda Sampaio
Ex-Deputado Federal

# 2

# A TÍTULO DE ESCLARECIMENTO

**Sobre a matéria publicada no jornal "Folha de S. Paulo" (FSP), 10.03.96 — Terras da Igreja**

O jornal **"Folha de S. Paulo"**, em 10.03.96, publica longa matéria, com o título principal de primeira página: **"Igreja poderia assentar mais de 20.000 famílias" — "propriedades católicas incluem áreas suficientes para instalar todos os sem-terra".**

A chamada de primeira página remete

para longas reportagens, nas pags. 8, 9 e 10, inteiramente dedicadas às terras e outros bens patrimoniais da Igreja.

No que tange às terras da Igreja, matéria central da reportagem, (1ª e 8ª páginas), cumpre esclarecer que a informação jornalística padece de erro grave, além de outras distorções de interpretação que comprometem a seriedade do trabalho jornalístico. Vejamos os fatos e as distorções, a seguir:

1. A CNBB utilizou levantamento dos estabelecimentos rurais constante do Censo Agropecuário – 1985, que é o último realizado pelo IBGE, e constatou que haviam sido identificadas na titularidade de **"instituição pia ou religiosa"** 330.000 hectares de área total em todo o Brasil. Esta classificação de propriedade das terras *"individual, condomínio e sociedade de pessoas, sociedade anônima, sociedade de responsabilidade limitada, cooperativa, entidade pública e instituição pia e religiosa"* é adotada pelo IBGE desde o Censo de 1960 e abrange estabelecimentos rurais de todas as Igrejas e não apenas da Igreja Católica na categoria de "instituição pia ou religiosa". Bastaria que os jornalistas consultassem a informação do Censo, cuja fonte é citada no levantamento a que a "Folha" teve acesso, para que tivessem a justa medida da veracidade da informação.

2. O dado censitário de 1985 (330.000 hectares) corresponde naquele ano a menos de 0,1% do total da área de estabelecimentos rurais em todas as titularidades que somam o total de 374.924.923 hectares.

Observe-se que ao longo dos últimos 15 anos cobertos pelos Censos econômicos do IBGE (1970 a 1985), as áreas rurais de propriedade das Igrejas apresentam a seguinte configuração:

**Área de propriedade das "instituições pias ou religiosas":**

| | |
|---|---|
| **1970** | **623.285 ha** |
| **1980** | **369.890 ha** |
| **1985** | **330.647 ha** |

Há, portanto, queda apreciável das propriedades mantidas sob titularidade das "instituições pias ou religiosas", enquanto cresciam acentuadamente as outras titularidades.

3. Outra informação não verdadeira, publicada na matéria da "Folha", é encabeçada por uma manchete da 8ª página: **"Soma das áreas rurais de grupos católicos seria suficiente para assentar cerca de 22.000 famílias sem terra"**. Complementa esta manchete outra da 1ª página que afirma: **"Propriedades católicas incluem área suficiente para instalar todos os sem-terra".**

Obviamente que não corresponde à verdade a afirmação que quantifica em 22.000 o número de famílias sem terra no Brasil. Por outro lado, se o referido jornal se desse ao trabalho de consultar a fonte dos dados citada pela CNBB, "Censo Agropecuário de 1985", verificaria que cotejando estes dados com os **critérios constitucionais** para realização da Reforma Agrária jamais seria possível dividir as áreas totais das "instituições pias ou religiosas" pelas famílias sem-terra da forma simplista como a reportagem sugere.

Os 330.000 ha das Igrejas comportam elas próprias uma ocupação parcial de inúmeras famílias de pequenos e médios agricultores (talvez terrenos paroquiais, chácaras de casas religiosas, escolas agrícolas...). Basta ver, ao consultar a estratificação de grupos de área total (cf. anexo 1), que 135.645 ha correspondem a estabelecimentos de tamanho micro, pequeno e médio, albergando o número mínimo de 11.689 famílias (adotando-se uma hipótese de um

estabalecimento por família). Ora, já estando ocupadas produtivamente estas áreas ou estando as mesmas constitucionalmente impedidas de desapropriação para efeitos de Reforma Agrária (art. 165), por se caracterizarem como áreas de pequenos e médios estabelecimentos rurais. O jornal a bem da boa informação, teria, no mínimo, que considerar esta distribuição.

Restaria a considerar uma área suplementar de 195.000 ha em todo o Brasil (estabelecimentos com área total acima de 500 ha, cf. anexo 1). Aí poderia haver terras juridicamente passíveis de desapropriação para fins de Reforma Agrária. Como a própria reportagem já explicita, citando o vice-presidente da CNBB, Dom Jaime Chemello: "Estas terras, se improdutivas, acho que a Igreja deveria abrir mão delas. Seria injusto ficarmos com terras improdutivas. Eu seria a favor que a Igreja cedesse as terras".

Aliás, é isto que espontaneamente as Igrejas já vêm fazendo, como indicam indiretamente os dados do IBGE de 1970 a 1985.

Finalmente, resta a saber como ficam os 99,95% das áreas rurais "*de indivíduos, sociedades anônimas, condomínios, empresas Ltda.*"... que a Folha "esqueceu" de identificar como susceptíveis de ocupação produtiva pelos trabalhadores sem-terra de todo o Brasil.

**Anexo 1**
**"Instituições Pias ou Religiosas"**
**Grupos de área total – Brasil – 1985**

| Estratificação por área do Estabelecimento (ha) | Nº de estabelecimentos | Área dos estabelecimentos |
|---|---|---|
| Menos de 10 ha | 9582 | 19.875 |
| 10 a 100 | 1790 | 54.139 |
| 100 a 500 | 317 | 61.632 |
| 500 a 1000 | 32 | 22.782 |
| 1.000 a 10.000 | 56 | 129.558 |
| 10.000 a mais | 03 | 42.858 |
| Sem declaração | 21 | — |

Dom Raymundo Damasceno Assis
Secretário-Geral da CNBB

# 3
# SIMPÓSIO DE MARIOLOGIA

Por ocasião da XVII AGO da CRB Nacional, em São Paulo, em julho de 1995, foi anunciado um SIMPÓSIO DE MARIOLOGIA para julho de 1996. A iniciativa surgiu de um grupo de Superiores (as) Maiores de Congregações mariais. Dois objetivos se apresentavam:

• aprofundar a reflexão mariológica e a espiritualidade congregacional respectiva;

• celebrar o Sesquicentenário da Aparição de Nossa Senhora da Salette, a 19/09/

1846, à qual se ligam os Missionários e Irmãs de N. Sra. da Salette, e o Centenário da chegada dos Irmãos Maristas ao Brasil.

O SIMPÓSIO MARIOLÓGICO acontecerá nos dias 22 a 26 de julho de 1996, no Colégio Arquidiocesano, em SÃO PAULO.

Está prevista a apresentação de temas mariológicos de grande atualidade, tais como: "Maria, a estrela da Nova Evangelização a partir do Magistério latino-americano", e "Maria no imaginário pós-moderno" e "Maria no universo teológico popular, Maria e as culturas oprimidas, Maria e as deusas mães, sobretudo Iemanjá".

Pe. Atico Fassini

# A MÃE MARIA. ABORDAGEM EXISTENCIAL-TEOLÓGICA

Ir. Afonso Murad

O amor materno, na sua forma pura e destilada, caracteriza-se por ternura, afeto, cuidado, nutrição de natureza biológica, psicológica e espiritual, relação que toca a pessoa visceralmente, olhar intuitivo que vê por dentro.

Estamos acostumados a chamar Maria de "Mãe". Parece já algo natural, mesmo que para nós, religiosos e religiosas, a maternidade em sentido literal esteja distante da nossa experiência íntima. Já é tradição no mês de maio a gente celebrar tanto o dia das mães quanto a figura de Maria. Neste contexto, ousamos perguntar: em que consiste ser mãe? Como Maria exercitou sua missão de mãe? O que a maternidade de Maria diz também para homens e mulheres celibatários? Realizar tal tarefa exige o recurso às ciências humanas, especialmente a psicologia e a antropologia cultural, e uma leitura nem exegética nem dogmática dos textos bíblicos. Esta leitura, na linha da teologia espiritual e com cunho mais existencial, se funda no fato de que todo texto tem um excesso de sentido, que pode ser explorado por abordagens diversas. Os textos bíblicos, em especial, estão encharcados da presença do Espírito de Deus, que nos reserva aspectos enriquecedores, ainda não plenamente descobertos e desenvolvidos.

Subjaz à nossa reflexão aceitar os relatos dos evangelhos, especialmente as narrações de infância, como textos que conjugam, em diferente teor, os eventos e sua interpretação à luz da fé. Torna-se extremamente difícil distinguir o que de fato aconteceu do que é elaboração da comunidade e do evangelista. Quando citaremos os textos do evangelho, portanto, não estamos afirmando que de fato aconteceu assim. Somente mostraremos que é possível e coerente fazer a leitura que apresentaremos aos leitores. A hermenêutica de um texto bíblico não se detém na análise de sua historicidade, nem na provável intenção originária do autor. Levando também em conta estes dois elementos, visa a descobrir o sentido atual dos textos, em confronto com a nossa experiência do presente. Em alguns momentos, portanto, faremos interpretações que vão além dos relatos bíblicos. Não nos limitaremos ao factual (o que se testifica que aconteceu) e ao significado original textos, mas também faremos "um vôo" sobre o presumível (o que pode ter acontecido, a partir dos dados que temos e da releitura que fazemos). O leitor deve estar bem consciente do gênero literário e da perspectiva que adotamos, que não se afina com o necessário rigor da teologia acadêmica[1]. Convém ainda recordar que esta abordagem deve ser integrada com as reflexões da teologia feminista, que mostraram justamente a importância de Maria não somente como mãe, mas funda-

mentalmente como mulher. Mãe é um papel que ela desempenha, ser mulher faz parte de sua identidade. Por fim, a reflexão sobre a maternidade de Maria não deve subestimar a importância de São José, de sua figura paterna, no processo educativo de Jesus.

O encontro com a maternidade divina de Maria é mediado pelas experiências maternas da humanidade e a vivência de cada indivíduo com a sua mãe[2]. Por isso o tema, aparentemente tão simples, se complexifica à medida que entramos nele. "A mãe é o mundo primeiro da criança e o último do adulto"[3]. Todos os seres humanos passam por um mínimo de experiência da maternidade, a partir do seu reverso, a filiação. A gente sabe um pouco o que é ser mãe devido à condição de filhos. Mas somente uma parte da humanidade prova a condição materna no papel específico de mãe. A maternidade, fenômeno complexo, compreende aspectos biológicos, afetivos, relacionais, educativos e culturais[4].

# 1. A GENITORA MÃE-MARIA

## a. A maternidade, experiência biológico-afetiva

A mulher experimenta sensivelmente a maternidade em todo o processo de gravidez e parto. O seu útero se prepara para acolher o novo ser. A mãe cria o ambiente vital para o feto, através da placenta, e o nutre. Ela vive intensamente a relação com o filho/a no período da gravidez. Sente o feto se desenvolver dentro de si, à medida também que percebe as alterações no seu corpo. Literalmente, carrega o filho, que vai lhe pesando cada vez mais. Momentaneamente, existe uma identidade de destino. A mãe grávida comunica sentimentos e percepções vitais, que podem condicionar o filho(a) para o resto da vida, como a rejeição ou a acolhida. Terapias que remontam à etapa intra-uterina comprovam a importância da relação mãe-feto neste período.

O processo do parto, com sua intensidade de prazer e dor, tem forte conotação efetiva, afetiva e simbólica. Só a parturiente pode "dar à luz", trazer à existência social explícita o novo ser humano, que vem ao mundo no meio de prazerosas e dolorosas sensações.

O nascimento da criança marca o início do longo processo de diferenciação e ruptura biológica e psicológica, que se inicia no gesto de cortar o cordão umbilical[5]. A mãe, especialmente no primeiro ano de vida, tem diante de si um ser frágil. Ela o amamenta, nutre, cuida dele, toma-o nos braços comunicando-lhe humano calor. A amamentação, em especial, ocasiona prazer físico para a mãe e a criança, influenciando muito o bebê no seu desenvolvimento ulterior[6]. Impressionante observar o olhar silencioso e cheio de emoção entre mãe e filho/a nesse momento. Porém, "o amor materno não é inato. Ele é adquirido ao longo dos dias passados ao lado do filho, e por ocasião dos cuidados que lhe dispensa (...) Se não se cuida do amor, ele pode se debilitar a ponto de desaparecer"[7].

Do lado do filho, a maternidade é vivida neste período como a única mediação que lhe possibilita ter contato com o seu redor, estabelecer as trocas com o restrito meio-ambiente. O feto vive em total dependência da mãe. Recebe dela nutrição e vida. Filtra suas experiências vitais. Ao nascer, a criança está ainda nesta relação de submissão e certa indiferenciação, que supera no lento processo de evolução e crescimento. A mãe é aquela que lhe supre as carências básicas de alimento, higiene, sono e afeto. Grande parte dessas carências, no entanto, podem ser preenchidas pela ação de outra pessoa: a babá, a avó, o tio, a irmã mais velha.

A maternidade é experiência fascinante, quando fruto de opção da mulher. Revela-se trágica e sofrida, quando não querida e não assumida. Além do imenso custo energético, deixa feridas e cicatrizes na vida da mãe e do filho/a.

### b. Maria, mãe biológico-afetiva

Maria viveu a maternidade, como experiência biológico-afetiva. Ela provou no seu corpo e na sua psique uma gravidez humana normal. Experimentou a expectativa da vinda do filho, preparou-se para ela. Viveu neste compasso da presença-ausência que marcam os nove meses de gestação. Assumiu a maternidade com todas as forças que uma adolescente pode ter. Seguramente, não podia antever tudo o que lhe reservaria o futuro filho, mas ser mãe não se transformou num "acidente de percurso". Maria proporcionou ao feto-Jesus os pressupostos básicos para uma futura vida sadia e sem traumas.

Conforme Lucas, o nascimento do menino é motivo de alegria para todo o povo (Lc 1,10); para Maria tem um sabor todo especial. Esta experiência da alegria do parto é tão forte, que a comunidade cristã das origens compara a euforia da ressurreição e a vinda do novo tempo do messias com um nascimento[8]. Maria, como qualquer outra mãe, provou o prazer de amamentar o filho e estabelecer vínculo básico com ele. Fitou-o com o silencioso e penetrante olhar materno. Nutriu-o, tomou-o nos braços, acolheu-o com calor. Supriu-lhe as carências básicas de alimento e afeto. A psicologia moderna trouxe à luz a importância de todas estas conotações do amor materno, que não são referidas pela Escritura e nem desenvolvidas pelo dogma. Quando hoje dizemos que Jesus é verdadeiro homem, em tudo semelhante a nós menos no pecado, lembramos também do equilíbrio de sua estrutura psíquica, que muito deve à relação intra-uterina entre o feto e a mãe e ao amor recebido nos primeiros anos de vida[9].

## 2. MARIA MÃE-EDUCADORA

### a. A maternidade, experiência afetivo-educativa

À medida que a criança se desenvolve, o elemento biológico da maternidade vai perdendo importância, em favor da dimensão propriamente afetiva e relacional. Até hoje a mãe permanece a principal dispensadora de amor para o recém-nascido e o bebê: amamenta, dá banho e comida, vigia os primeiros passos, consola, cuida, tranquiliza à noite. Estes e outros gestos de amor e devotamento significam tempo e energia dedicados à criança, implicam privação do tempo pessoal da mulher em favor do filho/a. Seria esse "dom de si mesma", natural e específico da mulher-mãe? Hoje se pergunta se a "função de mãe", com exceção da amamentação, é algo específico dela, ou poderia ser exercida por qualquer pessoa, inclusive do sexo masculino, sem prejuízo para o crescimento integral do bebê.

A dimensão educativa da maternidade não é determinada pela natureza. "Se é indiscutível que uma criança não pode sobreviver e desenvolver-se sem uma atenção e cuidados maternais, não é certo que todas as mães humanas sejam predestinadas a oferecer-lhes esse amor de que ela necessita. Não parece existir nenhuma harmonia pré-estabelecida nem interação necessária entre as exigências da criança e a resposta da mãe. Neste domínio, cada mulher é um caso particular"[10]. Ser mãe, como ser pai, é uma tarefa que a pessoa assume — ou não — em diferente intensidade. Embora, em princípio, cada genitor seja responsável pelo filho que pôs no mundo, o seu grau de compromisso educativo varia enormemente. Há mães dedica-

das aos filhos, há mães relapsas e outras que abandonam os filhos. Por impossibilidade ou por falta de sensibilidade delegam grande parte da função educativa a outra pessoa. Além disso, ser mãe é apenas um dos papéis exercidos pela mulher na sociedade.

Atribui-se prioritariamente à mãe certas funções básicas como acompanhar a criança a aprender a andar ou ensiná-la a falar. Tanto é que a língua primeira, que possibilita expressar nossa percepção do mundo, é chamada de "língua materna". Mas os genitores em conjunto, mãe e pai, ou pessoas que os substituam, são os responsáveis pelo processo de humanização de criança. Favorecem ou não o desenvolvimento das suas estruturas cognitivas e morais. Uma salutar relação familiar básica, exercitada pelos genitores ou por pessoas que ocupem seu lugar, é responsável em grande parte pelo crescimento físico, intelectual e psicológico da criança. Trata-se fundamentalmente de uma relação educativa, entre pessoas de diferentes níveis e com papéis claros (um educa, outro é educado). Existe certa interação, exercida entre indivíduos de distinta condição.

A relação mãe-filho, correlata à relação pai-filho, passa por etapas que configuram até atitudes opostas. Quem não se lembra da relação idealizada e respeitosa com a mãe durante a infância? Quantas vezes a adolescência se caracteriza, entre outras coisas, pelo enfrentamento do filho/a com o pai e a mãe, em busca de sua auto-afirmação? E no período da juventude, quando a gente quer ser independente, ter sua casa e organizar sua vida, longe da família? Mas, na idade adulta, a relação com a mãe, quando bem trabalhada, pode voltar a ser harmoniosa. Especialmente muitas mulheres adultas encontram na mãe uma companheira e amiga com quem partilham sua existência.

Na perspectiva do filho/a, é sempre bom ter referências positivas da mãe-educadora. Para crianças, jovens e adolescentes, é praticamente consensual: soam-lhes ruim ter um pai inexpressivo ou ausente[11]. Pior ainda é não ter a mãe. Dito de forma simples, é mais difícil ser feliz sem o amor de mãe. Mas este amor pode ser exercitado por outra pessoa que não seja a mãe biológica[12]. Este fenômeno, — a concentração do papel da genitoridade na mãe — pode ser explicado pela antropologia cultural ou pela sociologia. A condição ideal para os filhos, infelizmente vivida por poucos, é provar a relação paternidade-maternidade, como forma de extrapolação da saudável relação do casal. "Quando os filhos são bem cuidados, com amor, por pais que vivem um grande amor, inevitavelmente eles, um dia, também o viverão"[13].

## b. Maria, a mãe que educa o filho e é por ele educada

Os textos bíblicos dos relatos de infância, embora construídos sob o olhar da ressurreição de Jesus e sem pretensão de fazer uma leitura psicológica da relação mãe-filho, permitem-nos desvelar algo da maternidade de Maria enquanto relação permanente com Jesus[14], experiência afetivo-educativa. Nos relatos de nascimento transparece a identidade de destino, a união vital da criança com a mãe. Mateus, cita quatro vezes a expressão "o menino e a mãe" quando narra a ida e a volta do Egito[15]. Como sabemos, nos relatos de infância, a figura de Jesus guarda certa ambivalência: por um lado é de fato uma criança, por outro lado transparece já a atitude cultual da comunidade para o Cristo ressuscitado. Do ponto de vista da relação mãe-filho, diríamos que há identidade de destino, mas já se superou a fase da indiferenciação e fusão. Tanto Mateus como Lucas mostram a proximidade da mãe-Maria ao Jesus-menino, mas deixam claro que só Jesus é reverenciado, só ele é focado.

> Ao entrar na casa, os magos viram o menino com Maria, sua mãe, e prostrando-se, o adoraram (Mt 2,11)[16].
>
> Os pastores foram apressados a Belém e encontraram Maria, José e o recém-nascido deitado numa manjedoura. Vendo-o, contaram o que lhes fora dito a respeito do menino (Lc 2,16s).

No único relato de "adolescência" de Lucas, Jesus é apresentado na dupla relação de obediência e independência em relação aos seus genitores, a partir dos doze anos. No episódio da perda e reencontro no templo, Maria repreende o Filho, usando de sua autoridade materna: *"Meu filho, porque você agiu assim conosco? Olhe que seu pai e eu o procurávamos aflitos"* (Lc 2,48). Jesus lhe responde com clareza, mostrando antecipadamente a sua consciência da missão em relação ao Pai e ao Reino de Deus (Lc 2,49). Diante desta afirmação inesperada, Maria e José respeitam a "diferença" do filho, que começa a lhes escapar do controle. Jesus não lhes pertence[17]. Embora não compreendam o alcance das suas palavras[18], eles não o retêm, como fazem os pais autoritários ou inseguros.

Complementarmente, José e Maria mantêm com o filho uma relação educativa, na qual Jesus adolescente sabe de seus limites. No sumário que segue este acontecimento diz-se que *"Jesus desceu com eles para Nazaré e lhes obedecia (..) E Jesus crescia em sabedoria, estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens"* (Lc 2,51). Não há também indefinição de papéis, como às vezes acontece nas relações atuais, onde os pais renunciam, por medo de serem autoritários ou repressores, a sua função de educadores. Essa saudável relação educativa, superando os extremos do autoritarismo e da permissividade ilimitada, dá boas condições para o desenvolvimento humano e espiritual de Jesus.

Os relatos da vida pública de Jesus mostram-no também como um educador. Jesus ensina à multidão (Mc 4,1s; Lc 8,1s). Prepara os seus discípulos para a missão (Lc 9,1-6), faz com que eles reflitam sobre o sentido dos acontecimentos e de suas palavras (Lc 8,9-15). Maria, a "perfeita discípula" (Lc 1,42-45; 11,27s; 8,15) teve que aprender muito com Jesus. A profecia de Simeão (Lc 2,35) mostra que a fidelidade da perfeita discípula exige a "prova de fogo" de passar pelo crivo da Palavra viva de Deus (Hb 4,12). Jesus é desconcertante. Aprender dele exige de todos, inclusive de sua mãe, constantes "correções de rumo", mudança de mentalidade, abertura para a novidade radical que ele traz. Impossível seguir a Jesus sem experimentar conflitos. Jesus não só traz novos conhecimentos mas ensina os seus discípulos a contemplar o mundo com outro olhar: o do Pai, e a transformar o mundo com o seu ideal, o do Reino de Deus (Lc 12,30s).

## 3. O AMOR DA MÃE-MARIA: NA DOSE CERTA

### a. Ambigüidade e risco do amor materno

O amor materno, na sua forma pura e destilada, caracteriza-se por: ternura, afeto, cuidado, nutrição (de natureza biológica, psicológica e espiritual), relação que toca a pessoa visceralmente, olhar intuitivo que vê por dentro. No dia-a-dia, no concreto da existência, não existe este puro amor materno. Ele é idealização, ou melhor dizendo, um projeto de perfeição. Como qualquer manifestação humana, o amor de mãe apresenta riscos e desvios. "Como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito[19]".

Mais ainda, o amor de mãe, a experiência concreta o demonstra, pode bloquear o crescimento do outro(a), sufocá-lo, quando vivido de forma desequilibrada.

Isso se manifesta, por exemplo, na fusão, na qual o filho ou educando não emerge totalmente na sua diferença (não cortou o cordão umbilical)[20]; nas posturas de dominação e superproteção[21], que inibem a maturação necessária para o filho lidar com perdas e aprender com o sofrimento, e na megalomania relacionada com a ausência de limites concedidos à criança. Poder-se-ia listar um enorme elenco, que cada escola ou linha de psicologia identifica e classifica. C. Jung, por exemplo, identifica a psicopatologia de "complexo materno"[22]. No filho, os elementos negativos do complexo materno aparecem no homossexualismo e no donjuanismo (busca inconsciente de mãe em todas as mulheres). Na filha, manifesta-se como hipertrofia do materno (procriar como única meta da mulher), exaltação do eros (relação incestuosa inconsciente com o pai), identificação com a mãe e paralisação do próprio destino feminino ou defesa contra a mãe, provocando a rejeição extrema do papel materno.

A "idealização da maternidade" também guarda certa ambigüidade. Positivamente, o amor materno ideal "representa uma das lembranças mais comovedoras e mais inesquecíveis do adulto; constitui a secreta raiz de todo futuro e de toda transformação, que é a volta ao aconchego-lar e a volta a si mesmo; é o silencioso fundamento de todo começo e de todo final"[23].

Negativamente, a idealização pode criar uma insuportável camisa de força em torno às mães-mulheres. Chega-se à criação de estereótipos, expressos nas frases como "ser mãe é padecer no paraíso", "mãe é uma santa". Elas carregam uma carga brutal sobre si, produzindo somatização da tensão a ponto de provocar doenças. Dito de forma caricaturizada: "Qual é o nosso padrão de mãe? Ela precisa sofrer muito, tem de se dedicar inteira aos filhos e mais nada; mãe tem de sentir as preocupações do mundo em relação ao que poderia acontecer de mal com os filhos. Mãe é uma infeliz, tem a obrigação de ser infeliz, de viver com medo e preocupada"[24].

Muitas mulheres comentam com amargor sobre o esgotamento que lhes causou a maternidade, porque sobre elas pesou enormemente a pressão social, a cobrança, introjetada por elas mesmas, de serem mães perfeitas.

> "Durante anos, vivi apenas por dever, a tal ponto que já nem sequer sabia o que me agradava" (..) "Os filhos me sugam; há dias em que fico cheia, em que preferiria ficar sozinha comigo mesma" (..) "A mãe é uma vaca leiteira que se ordenha sem parar até que se esgote" (..) Se você não passou por isso, não pode imaginar o que pode ser esta solicitação contínua; o único consolo é saber que um dia os filhos serão pais"[25].

O único papel que lhes cabia era ser mãe. Não desenvolveram o espaço para se ver como seres humanos contingentes, ser elas mesmas, cuidar de si. Estranhamente, a idealização da maternidade, expressa como hipertrofia do materno, produz ainda mulheres inseguras, com imensa vontade de poder, que chegam, em alguns casos, a aniquilar a personalidade e a vida do filho/a[26].

## b. A mãe-Maria ama sem reter

Os evangelhos mostram com clareza a tranqüila relação de Jesus com as mulheres (Lc 7,36-48; Jo 8,1-11; Lc 10,38-42). "Deste traço podemos deduzir um dado relativo a Maria: suas relações com Jesus não foram ambivalentes, nem possessivas, nem perturbadoras; o crescimento que ela lhe propiciou e lhe apoiou, foi um crescimento em liberdade, de tal forma que não deixou fixações que depois projetaria em outras mulheres. Jesus, para dignificar a mulher, não necessitou idealizá-las, tratou-

as como pessoas e como pessoas elas se sentiram na sua presença e na sua companhia"[27]. No que diz respeito ainda à maturidade humana, o evangelho nos mostra Jesus como um homem varão equilibrado, que integra as características do "feminino" e "masculino", se é que ainda possam se considerar válidas estas distinções[28]. Tanto o trato positivo com as mulheres quanto o equilíbrio do masculino e feminino na personalidade remontam à educação positiva de Jesus, recebida de sua família em Nazaré[29]. Não somente de Maria, mas de José e Maria, bem como da "grande família", onde se incluíam os parentes próximos.

A relação entre Maria e Jesus apresenta traços inusitados nos relatos joaninos[30]. Em Caná (Jo 2,1-11), nenhum dos dois se trata reciprocamente como mãe e filho. Maria não lhe diz explicitamente "meu Filho", Jesus chama Maria de "Mulher". Talvez isso não seja proposital no quarto evangelho. Mas no texto transparece que o papel materno de Maria já não é mais biológico. A maternidade se transformou, saiu da caverna-útero do lar, que tanto acolhe como pode aprisionar. Maria agora já é a mulher, a figura feminina da comunidade. Exercita agora sua "mediação materna"[31], como companheira, em favor dos amigos/servos de Jesus, a começar dos círculo dos dozes e seus familiares. O relato da cruz leva este movimento a seu extremo, apontando explicitamente esta nova relação maternal entre Maria e a comunidade do ressuscitado.

A cena de Maria aos pés da cruz (Jo 19,25-27), tão alimentada na piedade popular ibérica da "Nossa Senhora das Dores", reforçou nas mulheres-mães a idéia de que a maternidade é uma cruz, um contínuo sofrimento, que a mãe deve continuar unido ao filho até o fim, desgastando-se continuamente. Há valores heróicos nas atitudes de muitas devotadas mães, que devem ser reconhecidos e incentivados, mas a atitude neurótica de sempre "se matar pelos filhos" não é humana nem cristã. Embora a cruz, sinal inequívoco do sofrimento, esteja presente na existência de todos, a vida da gente não é só cruz. E, ironicamente, para o quarto evangelho, o momento da cruz não representa em primeiro lugar o sofrimento, mas a consumação da obra de Jesus (Jo 17,4s; 19,30), a hora de passar para o Pai (Jo 17,1s), de julgar o mal no mundo e atrair todos para Deus (Jo 12,31-33).

Como qualquer passagem, a cruz-ressurreição assemelha-se a um parto, marcado por dor e alegria, especialmente para os discípulos que irão perder a presença física de Jesus (Jo 16,19-22), mas ganhar o Paráclito, o Espírito do ressuscitado (Jo 15,26; 16,13). No momento deste novo nascimento, na morte-ressurreição e na efusão do Espírito, Maria aparece. Morreu completamente, com a cruz, o exercício de maternidade humana em relação a Jesus. Confirmou-se, com o nascimento da Igreja, sua nova forma de mediação materna.

O evento da cruz, se nos atrevemos ainda mais nesta releitura psicológica, significa para Maria não somente o trágico e doloroso momento de ruptura com o filho, inevitável na morte, que toda mãe vive com intensidade ímpar e incomparável. Quer dizer também o coroamento da missão de discípula-mãe, o fim de uma etapa e o começo de outra, o renascimento para as novas e calorosas relações com o discípulo amado, que representa a comunidade cristã, além das fronteiras do judaísmo.

## 4. MARIA, MÃE NA SUA CULTURA

### a. A maternidade, experiência cultural

As significações de natureza biológica, afetivo-educacional e simbólica da materni-

dade se mediatizam através da cultura. A imagem social da mãe varia de acordo com os diferentes contextos culturais. Normalmente, nas culturas pré-modernas do ocidente, "mãe" é praticamente o grande papel delegado à mulher, que se torna a responsável pelo espaço privado da casa. Ao homem, pelo contrário, se reserva o espaço público[32]. Em muitas situações, a mãe participa enormemente do trabalho de subsistência da família, dedicando-se, tanto quanto o homem, no cultivo da terra ou em outra forma de busca de sobrevivência. Apesar deste quadro comum, observam-se algumas diferenças notáveis, relativas a etnias, contextos geográficos ou processo civilizatório. Basta ver as especificidades da tradicional figura da mãe, por exemplo, entre os italianos, alemães, negros de cultura ioruba ou banto ou os libaneses.

O advento da cultura moderna, com o processo de urbanização, alterou o papel social e as expectativas em relação a maternidade. A pesquisa de Elizabeth Badinter mostra que, sobremaneira no contexto urbano, as mães francesas no século XVIII não viam a maternidade como algo de valor. Delegavam a função materna a outras mulheres, as amas, que também não a realizavam a contento. O hábito de contratar amas de leite alcançou tal nível, que ocorreu escassez de amas[33]. As mulheres da aristocracia e da burguesia recorriam a esta prática por opção. As mulheres dos operários e artesãos não tinham outra alternativa, pois nos ofícios em que elas estavam diretamente associadas ao trabalho do marido lhes era mais difícil conservar e criar os filhos[34]. Como as mães e as amas não se interessavam pelas crianças e nem cuidavam bem delas, havia altíssimo índice de mortalidade infantil[35]. No século XIX a maternidade voltou a ser valorizada, cultivada, e atribuída como valor básico para a mulher[36].

Hoje, com a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho e na vida da sociedade, e a difusão de distintos métodos contraceptivos, a maternidade tem cada vez mais condições de ser opção e não destino ou fatalidade. Por outro lado, a rápida alteração dos padrões de comportamento sexual, aliada à crise de valores tradicionais e a falta de informação e prevenção, tem contribuído, especialmente nas classes populares, para o aumento de casos de gravidez em adolescentes. A grande parte delas se torna mãe sem o companheiro que assuma a adoção e educação do filho/a.

As mulheres estão rompendo a "domesticidade confinada"[37], a que foram submetidas durante séculos. Na cultura brasileira, onde a maternidade tem imensa força no imaginário social, as mulheres empreendem gigantesco esforço para conciliar o papel de mãe com outros, como o de profissional, cidadã e naturalmente, mulher. "O problema prioritário que se apresenta a toda mãe que trabalha fora de casa é a guarda do(s) filho(s) de menos de três anos. Este problema envolve dois aspectos distintos: um de ordem material (a quem confiá-los?) e outro de ordem psicológica (ele se sentirá feliz?)[38]. Delegar o cuidado cotidiano da criança para outra pessoa sempre comporta um risco psicológico real e inevitável[39].

Outra questão que atordoa as mães modernas é a dupla jornada de trabalho[40]. As mulheres ampliaram seus papéis, os homens mantiveram os mesmos. Normalmente, eles participam pouco das tarefas de casa e do cuidado das crianças. Raramente o pai acompanha, por exemplo, os deveres escolares dos filhos. Felizmente, o quadro está mudando na classe média[41], mas encontra muita resistência nos setores populares, onde o machismo, na sua forma mais crua, está muito enraizado.

A fragmentação e "desdefinição"[42] que marca a atual crise da modernidade atinge de cheio a distinção entre "paternidade" e



os novos papéis de homem e mulher. As ções da comunidade, vê em Maria a pes-

a "maternidade". Antes parecia claro que a maternidade ideal se mostrava nas atitudes de cuidado, proteção e afeto corporal. Evocava amor gratuito e desprendido. Amor paterno por sua vez, indicava os limites, as normas, as regras, a relação com a autoridade[43]. Hoje, homens e mulheres devem, talvez em graus distintos, exercitar ambos os grupos de características, como genitores-educadores. Além disso, "depois de séculos de autoridade e de ausência do pai, parece surgir um novo conceito, o "amor paterno", semelhante em tudo ao amor materno"[44].

Na relação pai/mãe-filhos a intimidade tende a ocupar lugar mais importante que a autoridade[45]. A autoridade mesma só se compreende a partir dos laços estabelecidos. Não se obedece a quem não se ama e de quem não se sente amado/a. Além disso, famílias desfeitas, famílias monoparentais, guarda partilhada dos filhos de uniões anteriores e famílias reconstituídas estão mudando significativamente as expectativas em relação a "mãe e pai". Ao sabor das separações, dos divórcios e das uniões dos pais, cada vez mais crianças herdam, sucessivamente, diversos modelos de pais e mães[46]. Trata-se de novos laços de parentesco[47], não mais de natureza biológica, mas afetiva, envolvendo "compromissos negociados". O grau efetivo de paternidade ou maternidade depende da qualidade dos relacionamentos estabelecidos[48].

## b. A mãe Maria na cultura patriarcal judaica

Maria viveu a experiência de maternidade no contexto cultural da Palestina, há quase dois mil anos atrás[49]. Nem se vislumbrava então as situações que desafiam tantas mulheres mães, como a dupla jornada de trabalho, a ausência de companheiro, as novas relações familiares, o conflito entre as exigências da casa e da profissão, os novos papéis de homem e mulher. As relações familiares eram mais rígidas. A cultura androcêntrica, patriarcal, reservava à mulher um desempenho restrito ao ambiente familiar[50]. A mulher não aprendia a ler, a sua palavra não valia para o testemunho público. A única forma de garantir certo reconhecimento se dava através da fecundidade maternal. A relação familiar era marcada por papéis bem definidos para o homem, a mulher, os filhos e os pais.

São Lucas parece superar a visão patriarcal-machista de mãe, corrente na sociedade judaica. Narra uma cena, em que uma mulher exalta a maternidade pelo seu sinal reducionista, orgânico. Diz, no meio da multidão: "Feliz o ventre que te gerou e os peitos que te amamentaram" (Lc 11,27). Jesus retruca, situando a sua mãe (e conseqüentemente todas as mulheres) no nível de pessoa, naquilo que a marca enquanto tal: "Antes, feliz quem ouve a palavra de Deus e a põe em prática". Jesus valoriza sobremaneira a condição de ser discípulo[51].

Lucas não "pinta" Maria como a dona de casa, zelosa pelo marido e o filho. Evita cenas tipicamente domésticas, dentro da casa de Nazaré. O evangelista descortina uma série de características da mulher Maria, que vão bem além da função de mãe: profeta que anuncia a vitória de Deus na perspectiva dos oprimidos, pobre e consciente mulher da periferia (Lc 1,48-52), mulher de fé (Lc 1,45), discípula ideal de Jesus, peregrina na fé (Lc 2,50s), figura antecipada da comunidade que acolhe o Espírito criador de Deus (Lc 1,35), pessoa que faz o elo de ligação entre o tempo de preparação, o tempo do Reino e o da Igreja (At 1,14)[52].

Para a mulher que se compreende hoje mais do que mãe, Maria pode inspirar muitas atitudes. Lembra-nos Paulo VI [53] que a mulher contemporânea, desejosa de participar com poder de decisão nas opções da comunidade, vê em Maria a pes-

soa que dá seu consentimento ativo e responsável não para a solução de um problema pequeno e contingente, mas para a "obra dos séculos", a redenção da humanidade. Maria não se volta ciosamente para o filho, mas assume um compromisso de vida com perspectiva bem mais ampla.

Do ponto de vista das condições concretas de exercício da maternidade, a experiência de Maria está muito distante da experiência contemporânea da mulher. Neste sentido literal, não é modelar para os nossos dias[54].

Por vezes é até contraprodutivo e faz violência às pessoas propor a família de Nazaré como exemplo acabado e fixo de convivência humana. Hoje, mais do que nunca, estamos aprendendo que o amor na família se vive nas condições possíveis, e não na situação ideal. Para uma família separada ou reagrupada com membros não consangüíneos, não vale a forma de convivência pacífica de Nazaré. Importa sobretudo traduzir e recriar o espírito de partilha, amor e respeito, nas situações dadas. O exemplo da família bem-constituída, seguindo o modelo da "Sagrada Família", continua a estimular a convivência atual e a constituição dos novos núcleos familiares. O padrão ideal deve ajudar as pessoas a buscar o maior bem possível, não a sentirem-se inúteis ou fracassadas porque não o alcançaram.. Neste sentido, canta o Padre Zezinho:

> "Tudo seria bem melhor se o Natal
> não fosse um dia
> Se as mães fossem Maria e os pais
> fossem José
> E se a gente parecesse com Jesus de
> Nazaré".

## 5. MARIA, MÃE POBRE E CORAJOSA

### a. A maternidade no contexto de pobreza e exclusão

Na América Latina e Caribe, este continente sofrido e esperançado, a maternidade tem o rosto das nossas culturas negras, indígenas, brancas e mestiças. Apresenta-se ainda, para a grande parte da população, inserida no meio da pobreza e da carência de bens mínimos indispensáveis. A mortalidade infantil, a desnutrição da mãe e do filho, as múltiplas doenças são fantasmas aterrorizadores bem reais para muitas mulheres e crianças. A permanência em vida já é um milagre.

A pobreza, intensificada pela exclusão social gerada no neoliberalismo, não se mostra somente como questão econômica. Produz efeitos psíquicos tanto nas mães como nos filhos. "O denominador comum de toda a população periférica é a falta de segurança psíquica, social e econômica. A característica fundamental introjetada por este povo é a falta. As circunstâncias materiais de sobrevivência, que normalmente funcionam como suporte para enfrentarmos o embate da falta psíquica, não se encontram no meio desta população. A situação de incompletude está sempre ligada a um símbolo faltoso: ou falta dinheiro, ou comida, casa própria, ocupação, satisfação profissional, serviços de saúde, de transporte e também amor"[55]. Ser pobre é não ser, pois o empobrecimento despoja a pessoa de sua dignidade mínima, e dificulta a formação de sua identidade psicoafetiva[56] e da consciência da cidadania.

Muitas mulheres-mães da classe popular, habitantes da periferia de grandes cidades, reclamam de que "sofrem dos nervos"[57].

> "Não tomo remédio, mas acho que deveria tomar. Bato muito nos meus filhos." "Os problemas me fazem ficar mais nervosa. Tem dias que eu estou com meus nervos lá na telha." "Minha cabeça está tão ruim, me dá um nervo, e me dá vontade de bater na minha filha." "A gente vai vegetando. Não sei por que

a gente casou e tem filhos. Sou nervosa e tenho muita dor de estômago."

Elas buscam, em vão, medicação para um problema que é mais amplo. Desconhecem o funcionamento, fisiologia e anatomia do seu corpo[58]. Mas as experiências bem-sucedidas das Comunidades de Base, Clube de Mães, Grupo de mulheres e outras iniciativas, estão levando as mulheres-mães da periferia a tomar consciência de si, de seu corpo e de sua dignidade[59]. Tornam-se genitoras também de arte, beleza e vida, através de projetos alternativos de geração de renda, artesanato e ajuda a crianças e adolescentes. Grande parte dos membros dos movimentos populares existentes são mulheres-mães, empenhadas, de forma grupal, em criar melhores condições de vida.

### b. Maria-mãe: pobreza e consciência social

O evangelho de Lucas nos apresenta Maria como uma mãe pobre. Faz parte da perspectiva do evangelista, que é muito sensível à pobreza (Lc 12,13-21; 16,19-26), e destaca a solidariedade e a libertação dos pobres como forma privilegiada de viver a boa nova do Reino (Lc 3,7.10.17; Lc 4,18-21; Lc 7, 22). No nascimento de Jesus, Maria o envolve com faixas e o reclina num cocho de animais (Lc 2,7), pois não havia lugar para eles no alojamento. A pobreza da família de Nazaré se mostra também pela qualidade da oferta que trazem para o templo: um par de rolas e dois pombinhos, pois não têm condições de oferecer um cordeiro (Lc 2,24; Lv 12-6-8; 5,7). Porém, a pobreza de Maria não se compara com as terríveis e subhumanas condições de muitas mães pobres, que fazem parte do contingente de excluídos no nosso país.

A pobreza da mãe-Maria não destrói a sua dignidade. Ao contrário, Lucas projeta nela a figura da mulher-profeta, que anuncia, com toda energia e vigor, a ação libertadora de Deus em favor dos empobrecidos. O canto do Magnificat (Lc 1,50-53) explicita sua consciência social, de raiz simultaneamente ética e religiosa.

> "Maria de Nazaré, Mulher forte, conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio — situações estas, que não podem escapar à atenção de quem quiser secundar, com espírito evangélico, as energias libertadoras do homem e da sociedade (..) Apesar de absolutamente abandonada à vontade de Deus, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo (..)"[60].

## 6. O SÍMBOLO MARIA-MÃE

### a. A maternidade: símbolo e arquétipo

Segundo C. G. Jung, há um "a priori" de todas as atividades humanas, que é a estrutura individual da psiquê, inata, préconsciente e inconsciente, manifesta através de imagens primordiais, que ele denomina *arquétipo*. Como tal, preforma e influi no pensamento, no sentir e no atuar de cada individualidade. Os arquétipos não estão determinados quanto ao seu conteúdo, mas somente de maneira formal, como possibilidade da forma de uma representação. O conteúdo advém da experiência consciente concreta, a partir do "núcleo significativo invariável que determina seu modo de manifestação"[61]. Os arquétipos são formas arcaicas e latentes, uma espécie que conjuga estrutura e processo.

Destarte, "há uma imagem primordial da mãe, superior e preexistente a todo fenômeno do materno[62]". No nível dos ar-

quétipos, dos símbolos primeiros que balizam a experiência coletiva da humanidade, a figura da Grande Mãe apresenta características ambivalentes, tem uma face luminosa e outra sombria. No arquétipo da mãe se encontram as propriedades positivas como "a autoridade mágica do feminino, a sabedoria, a elevação espiritual para além do intelecto; o que é bom, protetor, paciente, que sustenta, que favorece o crescimento, a fecundidade, a nutrição; o lugar da transformação mágica, do renascimento"[63]. Negativamente, o arquétipo da Grande Mãe evoca "o que existe de secreto, de escondido, de obscuro; o abismo, o mundo dos mortos, aquilo que devora, que seduz, que envenena, que provoca angústia e não permite fuga"[64].

O simbolismo da mãe se relaciona com o do mar e da terra, receptáculos e matrizes da vida. Nascer é sair do ventre da mãe, como quem emerge das águas, morrer é retornar à terra. No símbolo da mãe se encontra a mesma ambivalência que no do mar e da terra. "A mãe é a segurança do abrigo, do calor, da ternura e do alimento; é também, pelo contrário, o risco da opressão devido à estreiteza do meio e ao afogamento pelo prolongamento excessivo da função de nutriz e guia: a genitora devorando o futuro genitor, a generosidade tornando-se acaparadora e castradora"[65].

No arquétipo de mãe concentram-se três aspectos fundamentais: a bondade protetora e nutriente (sustentadora), a emocionalidade orgiástica da paixão e a obscuridade das trevas profundas[66]. "O conceito de Grande Mãe provém da história da religião e abarca as mais distintas configurações do tipo de uma deusa mãe"[67]. A Grande Mãe, na mitologia, tanto dá à luz, protege e nutre, como pode ser terrível, devoradora e mortal. Basta lembrar os relatos mitológicos sobre Cibele e Tamuz ou Afrodite e Adônis. Na cultura negra Ioruba, a Grande Mãe, com sua ambigüidade constitutiva, se tematiza na figura religiosa de Iemanjá[68]. Em todas as mitologias e em muitos relatos religiosos, as deusas-mães apresentam este aspecto de nutriz tirânica, de mãe captadora e ciumenta. O ventre materno, sinal de refúgio, se converte em prisão[69].

## b. Maria Grande Mãe e a relação cultual

Os estudos da Antropologia cultural e da Psicologia Analítica sobre a Grande Mãe e sua manifestação no culto da deusa fornecem dados para compreender o porquê do vertiginoso crescimento do culto a Maria como "Mãe de Deus e nossa mãe". Este culto a "Nossa Senhora" não foi maldosamente inventado pela Igreja, que teria assim traído o centralismo cristológico das origens, quando unicamente Jesus era venerado como "o Senhor". A partir da figura bíblica de Maria como mãe de Jesus e da comunidade, ampliou-se enormemente a relação maternal-filial dos fiéis com Maria, na esteira do arquétipo do feminino materno, radicado no imaginário e nas práticas cultuais da deusa-mãe. "A maternidade divina é uma das imagens de significado psicodinâmico mais complexo, por estar ligado a um motivo arquetípico profundamente enraizado no inconsciente coletivo, a Grande Mãe[70]", presente como uma das mais antigas divindades. Figura arcaica e latente, longamente sedimentada no inconsciente humano, é marcante até os nossos dias.

Maria-mãe supera em muitos aspectos a ambigüidade do arquétipo da Grande Mãe. Típico de Maria é a possibilidade de gerar a divindade como conseqüência de um processo de decisão livre e responsável — e não devido a uma tragédia do destino ou pela coerção da divindade — que dilata a consciência até esta aceitar o mistério que fecunda. Devido a este aspecto maternal amplo, que sobrepassa o horizonte da comunidade cristã, é que se di-

fundiu, desde a patrística, a imagem de Maria como Nova Eva. Ela representa a possibilidade de gerar o eterno na vida humana, evoca a utopia da imortalidade da vida. Qual "terra úmida" que participa do processo divino de originar a vida, representa a imagem cósmica do nascimento[71]. Eva é mãe dos viventes, mas também a imagem corporativa da humanidade.

Em toda a experiência religiosa existe o risco de o encontro com o mistério tornar-se totalizante a tal ponto que absorve a consciência, levando a pessoa a perder a autonomia e paralisar seu processo de maturação. O fanatismo religioso se radica muitas vezes em intensas e sinceras vivências, nas quais, infelizmente, se perde até a visão ponderada da realidade. Ora, a figura simbólica de Maria, mãe de Deus, conciliadora original da relação da criatura com a divindade, inspira experiências religiosas equilibradas, onde se respeita o valor do humano.

> "A mulher que gera Deus com conhecimento lúcido e livre determinação, onde a abertura ao Espírito supõe fecundidade, criatividade, estar aberta e não inflada das energias desconhecidas do mistério, é o símbolo marcante de como o indivíduo deve e pode realizar um encontro autêntico com o sagrado, vivido na concreteza histórica, seguindo criativamente o caminho individual, aquele que está em sintonia com seu equilíbrio pessoal"[72].

Na figura de Maria-Mãe não há o aspecto terrificante do amor materno que afoga, prende e devora. Maria não retém nada nem ninguém para si. Tudo conduz a Jesus. No entanto, é possível encontrar aspectos deficientes ou patológicos na relação dos fiéis com Maria. Certos exageros de devocionismo mariano acabam "devorando" a figura de Jesus e colocando Maria no centro do culto, como se fosse a deusa. Em alguns movimentos marianos conservadores, o amor à mãe-Maria se combina com uma ética muito rígida, especialmente na área da sexualidade. Eclode de novo a mãe dominadora, que não deixa os seus filhos serem eles mesmos, provarem de sua autonomia e diferenciação. A ética cristã madura, ao contrário, equilibra a autonomia da subjetividade com o divino amor misericordioso e a interpelação de Deus.

A relação cultual com Maria-mãe é considerada legítima no catolicismo, mas deve sempre se purificar de expressões sentimentalistas estéreis e passageiras[73]. A "mãe de Deus" não está no mesmo nível de "Deus Pai". Todo culto cristão é fundamentalmente trinitário e assim deve se manter: ao Pai materno, pelo Filho, no Espírito[74]. A maternidade espiritual de Maria não a transforma em deusa. Na comunhão com todos os glorificados por Deus, os santos, ela contribui para gerar Cristo no coração dos crentes e intercede por nós[75].

## CONCLUSÃO: A NOSSA PARTICIPAÇÃO NO AMOR MATERNO, COMO MARIA

Como vimos, a maternidade de Maria é muito mais rica e complexa do que se imagina à primeira vista, pois comporta não somente elementos biológicos, mas também psicológicos, educativos, culturais, antropológicos e simbólicos. Mais ainda, repercute na forma concreta como Maria viveu sua fé em Deus e sua opção pelo Reino. Mas há ainda um aspecto humano, mais amplo, da maternidade, que toca tanto a homens quanto a mulheres.

A maternidade extrapola, pela metáfora e analogia, a realidade material da mãe-mulher. Expressam-se várias experiências humanas significativas com elementos da maternidade. A *gestação* evoca metaforicamente todos os processos histórico-sö-

ciais, comunitários e pessoais alentados, sonhados, esperados e engendrados. O *parto*, paradoxalmente doloroso e prazeroso, lembra as situações duras, as crises que preparam o novo tempo, a irrupção do diferente, da novidade na história. Mostra que toda nova configuração tem um custo, que se traduz em esforço e até sofrimento. No entanto, provoca uma alegria incomparável.

*Romper o cordão umbilical* sinaliza a necessária superação das relações de dependência que escravizam pessoas e grupos. Marca metaforicamente o rompimento de laços simbióticos, neuróticos, de indiferenciação entre pessoas, em busca da maturidade humana e da identidade pessoal. Identifica a passagem rumo a emancipação. *Amor materno* expressa o desejo de homens e mulheres de viver relações caracterizadas pelo cuidado, pela atenção e pela sensibilidade. *Mãe* evoca origem, princípio, fonte[76]. Com a nova sensibilidade ecológica, a mãe-terra é chamada "Gaia", relembrando o antigo mito explicitado por Hesíodo. Também as culturas indígenas latino-americanas mostram esta sensibilidade à maternidade telúrica. A terra é mãe, que nos nutre gratuitamente com seus frutos[77].

O amor materno se radica na experiência concreta das mães. Tem nelas a sua expressão primigênia, original e originante. Impossível esquecer ou subestimar este dado. No entanto, há certas características do amor materno que podem e devem ser vividos por todos, homens e mulheres. Em sentido lato, há uma dimensão materna do amor humano, saudável e necessária para as relações humanas. A dimensão materna do amor não se opõe à amizade ou ao amor erótico, mas faz parte deles.

Alguns traços do amor materno necessitam ser cultivados por todos, independentemente do sexo, pois respondem a anseios humanos vitais, radicalizados pelas carências do nosso tempo. A *ternura*, o calor humano nas relações humanas, a começar dos núcleos interpessoais primários e próximos, é antídoto eficaz para a impessoalidade que assola o mundo moderno. A *intuição*, o ver por dentro, o cultivo da sabedoria reconstitui e reunifica o ser humano, que na modernidade caiu no racionalismo empobrecedor que tudo quer reduzir a coisas explicáveis, que tudo pretende dissecar e "cortar" mediante a fria análise. O *cuidado* com o outro/a, tão fragilizado e por vezes fragmentado num mundo confuso e sem claros critérios éticos, o cultivo do *ouvir e acolher* gratuitamente a sua história marcada por poucas certezas constituem a base para o renascimento de muitas vidas.

À medida que o cristão, leigo/a ou consagrado/a, exercita estes traços maternos de todo amor humano, mostra ao mundo, como o fez Maria, o rosto misericordioso de Deus, a sua beleza e encanto[78]. Participar da maternidade de Maria não é outra coisa que tornar humanamente visível o amor paternal-materno de Deus, através do exercício de relações permeadas por acolhimento, ternura, atenção, gratuidade, proteção, cuidado e energia que nutre e ajuda a crescer.

# NOTAS

1. O presente texto é uma versão provisória, que sofrerá correções posteriores em vista de futura publicação.
2. Cf. L. Pinkus, *O mito de Maria. Uma abordagem simbólica,* São Paulo, Paulinas, 1991: 131s.
3. C. G. Jung, "Los aspectos psicológicos del arquetipo de la madre" in: —, *Arquetipos e inconsciente colectivo,* Barcelona, Paidos, 1981: 87.
4. Agradeço à minha irmã Dra. Anette Murad, mãe, pediatra e hebeatra (especialista em adolescente) pelas intuições e informações que nortearam o meu estudo sobre a maternidade.
5. "A mãe não é somente a pré-condição física, mas também psíquica da criança. Com o despertar da consciência do eu a participação se vai dissolvendo pouco a pouco e a consciência começa a colocar-se em oposição com o inconsciente, isto é, com sua própria pré-condição. Daí resulta a diferenciação entre o eu a mãe, cuja peculiaridade pessoal pouco a pouco se torna mais clara" (C. Jung, op.cit.: 94).
6. Cf. Elizabeth Badinter, *Um amor conquistado. O mito do amor materno.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 58.
7. E. Badinter, op.cit.: 14s.
8. "Quando a mulher está para dar a luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando porém nasce a criança ela já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem. Também vocês agora estão tristes; mas eu verei a vocês de novo e o seu coração se alegrará, e ninguém tirará de vocês esta alegria" (Jo 16,21s. Ver também Ap 12,2.5).
9. Cf. M. Navarro Puerto, *Maria, la mujer. Ensayo psicológico-bíblico.* Madrid, Claretiana, 1987: 195s.
10. E. Badinter, op.cit.: 18.
11. Ver os depoimentos em Michel Dorais, *O homem desamparado,* São Paulo, Loyola, 1994: 67-76.
12. Hoje se questiona a necessária distinção entre os papéis paterno e materno para o bom desenvolvimento da criança. A questão permanece aberta. Cf. Elizabeth Badinter, op. cit: 338, 368s.
13. R. T. Shinyashiki e E. B. Dumet, *Amar pode dar certo.* São Paulo, Ed. Gente: 144.
14. Cf. S. de Fiores, op.cit.: 504s.
15. "Em sonho, o anjo do Senhor disse a José: levanta-te, toma *o menino e sua mãe* e foge para o Egito. Ele se levantou, tomou *o menino e sua mãe* e partiu para lá (..) Depois, o anjo lhe disse em sonho: levanta-se, toma *o menino e a mãe* e vai para a terra de Israel. Ele se levantou, tomou *o menino e a sua mãe ...*" *(tò paidíon kai tèn metéra autoû)* (Mt 2,14.20).
16. Prostrar-se diante de Jesus é a típica atitude de reconhecimento de sua condição messiânica (Cf. Mt 8,2; 9,18; 15,25; 20,20).
17. Ver a interpretação psicanalítica deste episódio em F. Dolto, *O Evangelho à luz da psicanálise,* Rio de Janeiro, Imago, 1979: 33-37.
18. "Mas eles não compreenderam o que lhes dizia" (Lc 2,50).
19. E. Badinter, op.cit.: 22.
20. "A criança, presa no mundo materno, não consegue mais sair desta relação sufocante, devoradora, e tomar consciência de si mesma como sujeito sexual e independente" (E. Badinter, op.cit.: 319). Ver também o Verbete "Madre" in: J. Chevalier e A. Cheerbrant, *Diccionario de los símbolos,* Barcelona, Herder, 1986: 676.
21. "O ventre (materno) é refúgio, mas é também devorador. A *genetrix* pode mostrar-se dominadora e cruel; ela alimenta a seus filhos, certamente, mas corre o risco de mantê-los em seu estado infantil e de impedir-lhes o desenvolvimento espiritual, que os faria autônomos em relação a ela" ("Vientre" in: J. Chevalier e A. Cheerbrant, op.cit: 1072).
22. Cf. C. Jung, op.cit.: 78-84.
23. C. Jung, op.cit.: 85.
24. J. Ângelo Gaiarsa, *Amores perfeitos,* São Paulo, Ed. Gente, 1994: 68.
25. Depoimentos citados por B. Marbeau-Cleirens em *Psicologie des mères,* Ed. Universitaires, 1966: 92s, transcritos em E. Badinter, op.cit.: 353s.
26. Cf. C. Jung, op.cit.: 81.
27. M. Navarro Puerto, op.cit.: 196.
28. Ver as críticas de Elizabeth A. Johnson, *Aquela que é. O mistério de Deus no trabalho teológico feminino.* Petrópolis, Vozes, 1995: 80-85.
29. G. O'Collins, "L'equilibrio umano in Gesù di Nazareth" in: *Theotokos III* (1995): 365-368.
30. Novamente aqui extrapolamos o âmbito da mera historicidade para nos situamos no nível do "exploração de sentido". Existem dificuldades em aceitar a cena de Maria aos pés da cruz como um evento histórico, pois ela está ausente nos outros evangelistas.
31. Alguns autores, especialmente sensíveis ao diálogo ecumênico com os evangélicos, substituem esta expressão por "serviço materno" ou outra similiar. Voltaremos ao assunto no final deste capítulo.
32. R. Damatta, *A casa e a rua,* São Paulo, Brasiliense: 39-51.
33. E. Badinter, op.cit.: 65.
34. Idem, ibidem: 73.
35. Idem, ibidem: 87.
36. Cf. E. Badinter, op.cit.: 241-294.
37. Expressão de A. Giddens em *A transformação da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.* São Paulo, UNESP, 1992: 67.
38. E. Badinter, op.cit.: 341s.
39. Idem, ibidem: 345.
40. Cf. E. Badinter, op.cit., 346-350.
41. Mesmo no caso onde os homens partilham as ta-

refas com as mulheres, "as mães se ocupam antes de tudo das tarefas vitais para o filho: alimentar, cuidar, vestir, e os pais preferem as tarefas menos impositivas (jogos e organização dos lazeres) e mais agradáveis". Grande parte das tarefas realizadas pelo homem são compreendidas como parceria ou ajuda à mulher, mas não como responsabilidade sua. Pesquisas recentes na França mostram, no entanto, maior envolvimento dos homens nas tarefas básicas de cuidado com recém-nascidos. Muitos desejam dividir as tarefas com as mulheres, mas não inverter os papéis tradicionais (E. Badinter, op. cit.: 350, 362s).

42. Neologismo criado pelos estudiosos da pós-modernidade. Eles preferem este termo ao conhecido "indefinição", pois ele caracterizaria melhor o atual momento cultural, onde se reverte e se desfaz o que já era tido como certo.
43. Cf. Erich Fromm, *A arte de amar*, Belo Horizonte, Itatiaia, sd.
44. E. Badinter, op.cit.: 364.
45. A. Giddens, op.cit.: 111, 121.
46. Cf. M. Dorais, *O homem desamparado*, op.cit.: 79-82.
47. A. Giddens, op.cit.: 109-111.
48. Esta crise alcança inclusive a instância jurídica. Pergunta-se "quais leis" devem normatizar os novos papéis.
49. Cf. C. Saulnier e B. Rolland, *A Palestina no tempo de Jesus*, São Paulo, Paulinas, 1983: 65-68; E. Morin, *Jesus e as estruturas do seu tempo*, São Paulo, Paulinas, 1981: 55-61.
50. Cf. também: Lea S. Schazzochio, "Maria, Donna e Madre ebrea" *in: Ephemerides Mariologicae* 44 (1994): 45-64; B. J. Malina, "María: doncella y madre mediterránea" in: *Ephemerides Mariologicae* 45 (1995): 69-90.
51. Cf. M. Navarro Puerto, op.cit: 192s.
52. Cf. Afonso Murad, *Quem é esta mulher? Maria na Bíblia*, São Paulo, Paulinas, 1986capítulo terceiro.
53. Paulo VI, Marialis Cultus 37.
54. "Antes de mais nada, a Virgem Maria foi sempre proposta pela Igreja à imitação dos fiéis, não exatamente pelo tipo de vida que ela levou, ou menos ainda, por causa do ambiente sociocultural em que se desenrolou sua existência, hoje superado quase por toda a parte..." Paulo VI, Marialis Cultus 35.
55. W. C. Castilho Pereira, O adoecer psíquico do subproletariado, Belo Horizonte, SEGRAC, 1991: 60.
56. "A identidade é tudo aquilo se vivencia (sente, enuncia) como sendo eu, por oposição àquilo que se percebe ou enuncia como não-eu" (J. Freire Costa, Psicanálise e contexto cultural: 22, citado por W. Castilho, op.cit.: 60s, nota).
57. Depoimentos de mulheres-mães da Vila Cabana do Pai Tomás, de Belo Horizonte, citado em W. Castilho, op.cit.: 86.
58. Ibidem: 81-87.
59. Ver os relatos sobre as reuniões de grupo de mulheres da "Cabana Pai Tomás", em Belo Horizonte, in: W. Castilho, op.cit.: 111-137.
60. Paulo VI, *Marialis Cultus* 37.
61. C. G. Jung, "Los aspectos psicológicos del arquetipo de la madre" in: —, *Arquetipos e inconsciente colectivo*, Barcelona, Paidos, 1981: 70-74. Hoje há várias críticas à reflexão de Jung, por parte de feministas. Elas consideram que o autor não conseguiu superar os esquemas sexistas de sua cultura, ao caracterizar o arquétipo feminino da mãe. Ver: E. A. Johnson, op.cit.: 87s.
62. Ibidem: 70.
63. P. Iwashita, "Clamores na Cultura e Teologia Marial" in: Espaços 1/2, 1993: 99. A caracterização de Iwashita se baseia em E. Neumann, *Die Grosse Mutter. Eine Phänomenologie der weiblichen Gestaltungen des Unbewussten*, Freiburg, 1981, e C. G. Jung, op.cit.: 75.
64. P. Iwashita, op.cit.: 99.
65. Verbete "Madre" in: J. Chevalier e A. Cheerbrant, op.cit.: 674.
66. Cf. Jung, op.cit., 76.
67. Ibidem, 69. Para Jung, o símbolo religioso da Grande Mãe é um derivado do arquétipo de mãe.
68. Ver o estudo de P. Iwashita, *Maria e Iemanjá. Análise de um sincretismo*. São Paulo, Paulinas, 1991.
69. Cf. J. Chevalier e A. Cheerbrant, "Vientre", op.cit.: 1072.
70. L. Pinkus, *O mito de Maria. Uma abordagem simbólica*. São Paulo, Paulinas, 1991: 131.
71. Cf. L. Pinkus, op.cit.: 132s.
72. L. Pinkus, op.cit.: 136.
73. Cf. Paulo VI, *Marialis Cultus* 38.
74. Idem, ibidem: 25.
75. Cf. B. Forte, op.cit.: 196s.
76. No horizonte da computação, denomina-se "mother-board" a placa principal do CPU.
77. Cf. A. Gonzáles Dorado, *De María conquistadora a Maria liberadora*. Santander, Sal Terrae, 1988: 70s; tradução brasileira Ed. Loyola.
78. Alguns teólogos, por considerar muito estreita a compreensão de Maria como mãe, valorizam sua figura de "irmã" e "amiga" (Ver, por exemplo, M. Navarro Puerto, op.cit.: 209-214). Embora tal procedimento seja enriquecedor para as mulheres hoje, tem o inconveniente de se fundar em fraca base bíblica. Parece-me melhor mostrar que Maria é mais do que mãe (discípula, seguidora de Jesus, peregrina na fé), e que a sua presença materna rompe com o horizonte patriarcal e androcêntrico. Além disso, "Mãe" não é somente uma função da mulher, mas uma dimensão do amor humano, vivido por homens e mulheres.

# BIBLIOGRAFIA BÁSICA


M. NAVARRO PUERTO, *Maria, la mujer. Ensayo psicológico-bíblico.* Madrid, Claretianas, 1987: 186-214.

PAULO VI, *Marialis Cultus:* 35-37.

E. BADINTER, Um amor conquistado. O mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985: 9-27, 241-369.

J. CHEVALIER e A. CHEERBRANT, "Madre" e "Vientre" in: Diccionario de los símbolos, Barcelona, Herder, 1986: 674-676, 1071s.

P. IWASHITA, "Clamores na Cultura e Teologia Marial" in: *Espaços* 1/2, 1993: 97-112.

C. G. JUNG, "Los aspectos psicológicos del arquetipo de la madre" in: —, *Arquetipos e inconsciente colectivo,* Barcelona, Paidos, 1981: 69-102.

M. NAVARRO PUERTO, "Maria-madre, el paso de una a otra fe" in: *Ephemerides Mariologicae* 44 (1994): 45-95.

M. DORAIS, *O homem desamparado,* São Paulo: Loyola, 1994: 67-82.

A. MURAD, *Quem é esta Mulher? (1) Maria na bíblia.* São Paulo, Paulinas, 1996: 94-145; 153-203.

E. A. JOHNSON, *Aquela que é. O mistério de Deus no trabalho teológico feminino.* Petrópolis, Vozes, 1995: 80-85.

B. J. MALINA, "María: doncella y madre mediterránea" in: *Ephemerides Mariologicae* 45 (1995): 69-90.


# QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. No começo do artigo, o autor faz, entre outras, a seguinte pergunta; "O que a maternidade de Maria diz também para homens e mulheres celibatários?" A partir da sua experiência de religioso, de religiosa como você responderia a esta pergunta?
2. O artigo focaliza, sob diferentes ângulos, a relacionamento de Maria-Mãe com o Filho Jesus. Que aspectos desse relacionamento chamaram mais a sua atenção? Quais deles você considera mais inspiradores para a sua vida de seguidor/seguidora de Jesus?
3. Depois de ler atentamente todo o artigo, procure traçar (pessoalmente ou em comunidade) um retrato de Maria que seja expressão da sua própria experiência espiritual.

# A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA MULHER COMO QUESTÃO TEOLÓGICA

Ir. Maria Conceição Corrêa Pinto

O ser humano é pluridimensional, o que não quer dizer que é uma soma de partes, mas que seu todo se expressa em vários aspectos. Cada um destes aspectos tem que ser levado em consideração para que o todo se realize sem atrofias.

A ligação entre o estatuto cristão e a urgência de participação política não é tão evidente se atentamos para o que comumente se veicula mesmo em ambientes de razoável conhecimento do cristianismo. No entanto, com essa ligação estamos diante de uma exigência antropológica presente na Escritura judeu-cristã.

Em se tratando da mulher, mesmo com abstração da mensagem cristã, cresce a dificuldade de se admitir a mesma exigência. Talvez seja ainda mais difícil aceitar a participação política da mulher consagrada na VR. Quando se fala, porém, de realidades que dizem respeito ao ser humano, a reflexão por sua natureza inclui todas as mulheres e as religiosas só podem estar muito presentes.

A maneira pela qual praticamente se exerce a participação política é uma questão diferente. Cada Instituto, comunidade, pessoa tem a sua criatividade desafiada para efetivar o exercício dessa participação. Aliás, desde sempre os cristãos em geral e as religiosas em particular com menor ou maior intensidade se preocuparam com as questões que dizem respeito ao bem-estar de toda a sociedade. Aqui no Brasil, sobretudo nas últimas décadas, essa preocupação tem sido prioritária para muitas mulheres, religiosas ou não. Por vezes falta, porém, uma fundamentação filosófico-científica, bíblica, teológica, para que as atividades já exercidas sejam reconhecidas por elas mesma como políticas. Outras vezes, com algumas alterações, as mesmas atividades tomariam precisões mais nítidas e melhor realizariam suas autoras quanto à dimensão antropológica que se atualiza pela atividade política, essa, ao mesmo tempo que dariam maiores frutos de bem comum, de abrangência societária. Aqui, acreditando que pensar é sempre bom, fica-se ao nível de reflexão básica. Em primeiro lugar, apresenta-se a participação política como exercício de uma dimensão do ser humano, independentemente de seu gênero; em seguida, um reflexão cristã para a afirmação da pertinência da participação política da mulher.

# 1. O SER HUMANO, UM SER POLÍTICO

O ser humano é pluridimensional, o que não quer dizer que é uma soma de várias partes, mas que seu todo se expressa em vários aspectos. Cada um desses aspectos – dimensões – se funda nesse todo, deriva dele, e tem que ser levado em consideração para que o todo se desenvolva harmoniosamente e se realize sem atrofias. Portanto, o ser humano é unitário, um todo complexo que se deixa visualizar de vários ângulos mas que não pode ser visto na sua verdade total de um único ponto de vista, como se a consideração de um único ângulo, pudesse expressar o conteúdo humano total. Daí que, tratando da dimensão política, não se pode esquecer que ela se insere no todo unitário da realidade somática espiritual, psíquica, erótica, social, religiosa, histórica, ética, etc. Ao contrário, tratar da dimensão política deve trazer à baila outros aspectos da totalidade do ser humano, inclusive a realidade da sua transcendência.

Nessa unidade pluridimensional, a dimensão política aqui diz respeito à ambientação de cada pessoa numa vida coletiva, num grupo de homens e mulheres organizados de tal forma que sua palavra seja ouvida no espaço público, em vista dos múltiplos relacionamentos necessários a vida em sociedade – o que não exclui, mas na verdade inclui, as relações com a vida privada de cada pessoa. Mais comumente as pessoas estão inseridas numa família, mas podem, também pertencer a uma comunidade de outro tipo. A política dizendo respeito às relações de forças no grupo social organizado, falar da dimensão política significa falar a respeito de atividades realizadas por pessoas ou grupos de maneira que influenciem as maneiras de ver, de julgar os comportamentos de grupos, sejam eles semelhantes ou diferentes daqueles grupo que age visando influir.

A vida política se organiza primordialmente no *espaço da palavra pública.* O ser humano é político porque é um ser de palavras. Com a troca de palavras ele constrói uma trama de forças em vista de decisões. A trama da palavra é aparentemente frágil, se a comparamos à força física. Na sua aparência de fragilidade, porém, as palavras estimulam a vitória contra a mera força física. É verdade que essa vitória pode também conotar-se de fragilidade, uma vez que facilmente se esquece quanto custou a luta e o seu alcance. Ainda que assim de fraca memória histórica, é importante para todo ser humano expressar-se. Homens e mulheres precisam expressar-se com palavras, que dirigem a si mesmos ou a outros para configurar seus desejos e interesses. Por meio delas se apercebem de suas aspirações, identificam suas metas e ao mesmo tempo encontram como realizá-las. Por palavras e com elas justificamos as causas que defendemos ou a falta de razões dos adversários que as negam. As palavras são a porta para a vida democrática. A vida só é real, isto é, humana, quando segue a convicção, e a convicção toma corpo na mente pelo embate das idéias que a palavra veicula. Sem este símbolo, nós não podemos pensar.

A linguagem é *poder*. Aquele que sabe falar conhecendo as palavras com que diz o que quer, tem oportunidade de impor-se a alguém que é incapaz de expressar-se e, por isso, fica dependente de quem sabe argumentar, porque teve acesso ao manejamento das palavras da argumentação. Este acesso também acontece na própria expressão e no diálogo, que os livros não substituem na tarefa de dar agilidade para debater.

O poder da linguagem é ambíguo, pode libertar mas também ser terrível, pode criar dependências. Está na origem dos totalitarismos que não fazem senão conseguir dar à palavra um único sentido, desnaturando-a para significar o que convém ao

poder estabelecido ou a um poder que pretenda estabelecer-se. Por meio das palavras que jogam dúvidas e desvalorizam convicções, tem acontecido que alguém cujas idéias não valem grande coisa domine o que é forte nas suas verdades, mas incapaz de dar corpo comunicativo às suas certezas. Não é possível pensar sem palavras, quem não consegue manejá-las, nem fazer-se ouvir, torna-se mesmo interiormente vulnerável e permeável a valores que um dia já repudiou. Vê-se isso com freqüência alarmante.

Mas a palavra é também *poder a bem do grupo*. O ator político colabora para a organização social justamente porque a palavra não manipulada não obriga, respeita a liberdade do outro. A voz da palavra política não é a voz do chefe. A palavra política é estruturante, testemunha que o fulcro do poder reside na efervescência espontânea da vida social, da qual a fala resume simbolicamente todas as possibilidades e energias.

A palavra política é *liberdade* de palavra em vista da *decisão*. Liberdade de quem fala e de quem ouve. Este, tendo sua capacidade de pensar, relativiza o que ouve e replica; ao mesmo tempo, o primeiro interlocutor só pode responder à palavra trocada, se a sua própria palavra considerar a que lhe foi anteriormente dita. A liberdade de palavra no grupo faz que a decisão seja o final de um processo de participação.

Da palavra trocada pode resultar uma *autoridade* que, uma vez instalada e respeitada, pesa na decisão tomada em liberdade, não sem luta verbal, embates e sofrimentos, que fazem parte, aliás, da realidade humana. A linguagem política supõe, portanto, uma discussão instituída cujo papel é exprimir, de modo específico, a opinião pública formada através desses mesmos confrontos. O que requer vida associativa, isto é, organização política.

No caso específico das mulheres – resumindo a partir do que foi dito – o exercício da sua dimensão política pode ser visto como consistindo em terem vez e voz – ou *voz para terem vez*. Poderemos fazer uma rápida aplicação a elas, das notas atribuídas à voz política. Antes, porém, gostaríamos de precisar o que se entenderá como ação de natureza política. Acreditamos que apenas se enquadram na ação política as atuações não só conscientemente realizadas, mas com a decisão de alcançar influência sobre as estruturas da sociedade. Na atuação das mulheres – como dos homens – o grau de "politicidade" vai variar em dependência da própria vocação, estrutura e história pessoais. Mas, deve estar presente, ainda que minimamente, a intenção de decisão política, isto é, o objetivo de uma transformação da sociedade, para se caracterizar uma atividade como ação política. É, conseqüentemente, para que através dessa atividade, a mulher se realize como pessoa atendendo à sua realidade antropológica. Não seria, pois, exercício da dimensão política utilizar serviços públicos ou desenvolver atividades no âmbito da família reproduzindo forças de outras pessoas, filhos ou maridos, p.ex., que atuarão politicamente. Claro que dentro desta concepção muitos problemas práticos se colocam, na maioria dos quais, porém, identificam-se facilmente cacoetes de uma cultura patriarcal, da qual ainda não nos livramos.

No momento, voltando à rápida aplicação às mulheres das algumas conotações apresentadas para a ação política, enquanto voz de alcance público, que participa de um processo de decisão em vista de influência nas estruturas sociais, lembremos que o fato de não falar aconteceu a mulheres brasileiras em geral, que silenciosas politicamente, se tornaram invisíveis e inoperantes na vida pública, com atrofia evidente das personalidades. Exemplos de exceções, pelo mesmo caráter excepcional,

alertam de um lado, para o silêncio "estrutural" das mulheres na sociedade brasileira e, de outro lado, para o fato de como a realidade antropológica da dimensão política impede que seja totalmente sufocado o seu exercício. A nossa história – oficial – registra, no século passado a atuação de uma mineira da revolução de 1842, D. Josefa Carneiro de Mendonça, e, na primeira metade deste século, nomes como Bertha Lutz, Carmen Portinho, Nathercia Silveira, para ficar com algumas que lutaram pela voz pública e política da mulher. Houve outras, sempre atuações esparsas, e no entanto, notáveis. Hoje, embora as coisas se tenham modificado para melhor, e em maior número e mais freqüentemente as mulheres falem publicamente, escrevam e discutam assuntos de interesse público, ainda essa participação é desproporcionada em se considerando que somos nós, mulheres metade da população.

O que foi dito a respeito de ser a atividade política uma exigência de "ser humano", convida a enfatizar que essa exigência de atividade política deve ser respondida e atualizada em qualquer tipo de vida, estado civil, religioso, profissional. Seria um erro continuar a pensar, como se pensou no passado que política é feita para políticos, além de nem sempre ser boa coisa para cristãos e muito menos para as cristãs. O Documento da Campanha da Fraternidade deste ano de 1996 elucida bem a questão. Isto porém não impede que a situação e a desproporção numérica das mulheres no governo estatal seja boa ilustração das convicções, atitudes e conseqüentes tomadas de posição quanto ao que se pensa da mulher, o que sentem elas mesmas a respeito e como as vêem os varões, metade do eleitorado.

Considerando o que se diz acima, propomos como exemplo bem flagrante da ausência das mulheres nas decisões de esfera pública, que se olhem as imagens televisionadas do nosso Congresso atual. Se por um lado, repetimos, a participação política não supõe engajamento numa carreira de política partidária ou no governo estatal, por outro lado, a pequena participação das mulheres é sintomática tanto de uma menor disposição delas para esse tipo de participação, quanto da pequena convicção por parte do eleitorado – de homens e mulheres – de urgir a participação de mulheres.

No entanto, tudo indica que a ausência silenciosa aguçou a sensibilidade das mulheres para os mais variados setores da vida, não só pela atribuição específica que lhe confere seu gênero ou que lhe impõe a cultura, mas também, paradoxalmente, em virtude da sua posição de espectadora à margem. Ora, esse enxergar melhor fica, na realidade perdido, pelo mesmo silêncio e invisibilidade que o proporcionou – o que acontece com freqüência notável. São decisões a bem da sociedade e da vida que se perdem, com a não participação política das mulheres, com a anulação do seu poder legítimo que lhe confere sua cidadania, nome para exprimir o exercício pleno do ser pessoa no aspecto social que inclui o político. Mas aqui também houve recentemente exemplos positivos de reação das mulheres, com a qualidade importante de realização comunitária. Falamos das oportunidades criadas por elas mesmas, tanto em movimentos sociais populares como, no âmbito religioso, na vida eclesial cristã, das grandes igrejas históricas. As mulheres, de todas as classes sociais reivindicaram e muitas vezes conseguiram que suas vozes fossem ouvidas, sua presença reconhecida, com algum resultado de ordem pública. E continuam na mesma linha.

Como conseqüência – não única – da dinâmica que se cria a partir das trocas de idéias veiculadas, estimuladas e criadas pelo uso da palavra, vem o fato insofismável de que o número de mulheres com consciência política tem crescido ultimamente. E todas, independentemente de clas-

se social e grau de cultura – apenas com linguagem diferente — admitem que se reconhecem "mais gente", dizem umas, "conscientes de verem respeitados os próprios direitos", dizem outras. Na verdade sentem-se mais plenamente pessoas, pelo fato tão simples quanto importante de que uma das suas dimensões, antes atrofiada porque inoperante, atualizou-se.

## 2. A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA COMO QUESTÃO TEOLÓGICA

A teologia cristã é reflexão que tem como parâmetro e fonte, a revelação do Deus cristão endereçada a homens e mulheres situados no espaço e no tempo. Todos fazemos parte de uma região do planeta e vivemos num determinado momento histórico. Donde, nos ser indispensável a mediação das realidades que nos cercam. Mas, pois que a teologia é uma reflexão sistemática, passemos a considerar como o *exercício* da dimensão política enquanto "voz para ter vez" atualizando mais perfeitamente a mulher como pessoa, é requerido pela mensagem cristã.

O texto bíblico refere-se a Deus criando com sua palavra, à sua imagem, o homem e a mulher com igual estatuto, na diferença dos gêneros. Ora, essa imagem de Deus consiste, justamente, em ter o ser humano a capacidade de ser interlocutor desse próprio Deus. No entanto, tal realidade, constitutiva das pessoas, pervade-lhes todo o ser, fazendo delas fundamentalmente seres de relações, também entre seus pares, mas igualmente, ligados às demais criaturas não humanas, cuja existência devem respeitar e, em conseqüência, investigá-las e conhecê-las. Tudo isso traduz a expressão bíblica que ordena à mulher e ao homem "multiplicar-se" e "submeter a terra", isto é, administrar sua sociedade, situada no ambiente cósmico. Com inteligência, sensibilidade, liberdade, como seres humanos que são.

A dimensão política e a urgência do seu exercício está evidente, pois, já na primeira página da Bíblia. Com todo o patriarcalismo que invadiu a cultura israelita dando-lhe uma conotação dualista ao estatuto da mulher vista muito biologicamente, o pensamento teológico javista continuou concebendo o ser humano como ser unitário. De acordo com a visão unitária de pessoa, e em conseqüência dela, a dominação do homem sobre a mulher aparece na Bíblia – embora nem sempre explicitamente – como fruto de uma liberdade desviada de seu rumo e que se afasta de Deus, por iniciativa de ambos, tanto do homem como da mulher, – o que se chamou pecado. É de se notar que embora no Antigo Testamento da Bíblia a visão da mulher seja nitidamente biológica por injunções culturais, mesmo dentro desse estatuto eminentemente biológico, no qual as mulheres são vistas quase que tão somente como esposas e mães, perpetuamente tuteladas, as mulheres não são dispensadas de uma atuação política. Na verdade, são várias e de todos os séculos do Antigo Testamento as heroinas israelitas que atuam como protagonistas para a libertação, melhores condições de vida, redimensionamento do sentido político-religioso (tenhamos presentes que Israel era uma teocracia) de seu povo. Entre outras cumpriram esse papel Ester, Judite, a mãe dos Macabeus e, sem nenhuma conotação biológica, a juíza Débora. Por trás dos relatos das heroinas há uma teologia segundo a qual a mulher deve exercer a sua dimensão política. Essa convicção era tão viva que por vezes passou-se por cima de valores que em outras circunstâncias seriam primordiais. A sedução feminina, p. ex., contra a qual tanto eram prevenidos os varões hebreus, aparece legitimada pelo objetivo da libertação de Israel. E note-se que freqüentemente as heroínas celebram

com palavras, em "cânticos", os importantes feitos que por intermédio delas Deus cumpria em favor do povo. Semelhante uso da palavra fará mais tarde Maria, Mãe de Jesus.

Jesus – o Verbo enviado ao mundo – coerentemente com a visão unitária da pessoa, trata como desvio cultural em relação ao homem e à mulher a divisão de seus papéis sociais que retinha as mulheres no âmbito doméstico. A coerência das atitudes de Jesus com a unidade da Pessoa, fez que os evangelhos consignassem episódios em que foi claramente ultrapassada uma visão biológica da mulher, por parte de Jesus. Não cabe, portanto, que os cristãos continuem desejando para mulheres e homens comportamentos que dificultem as atividades públicas.

Homens e mulheres retomaram a sua vocação antropológica de vivenciar a realidade de imagem de Deus, também no aspecto da sua igual responsabilidade no governo do mundo. Interessante é verificar que na mesma passagem dos evangelhos em que Jesus reabilita a mulher quanto à sua responsabilidade em paridade com o homem no campo do relacionamento mútuo e moral conjugal, ele, Jesus, invoca os textos iniciais da Bíblia aos quais aludimos, e que se referem também à responsabilidade do homem e da mulher no governo do mundo (cf. Mc 10,2-9; Mt 19,3-8). A partir daí se infere o alcance de suas outras atitudes com respeito à missão da mulher – no mundo religioso e profano já que para Jesus, judeu, esses dois mundos não fazem senão um, tanto para sua fé javista como pela sua visão unitária de pessoa.

Entre as atitudes de Jesus com respeito ao exercício da dimensão política da mulher, destacamos algumas em que claramente aparece o respeito de Jesus pela mulher como interlocutora sua e dos discípulos varões bem como anunciadora da mensagem que ele veio trazer ao mundo. Momentos em que mulheres usam a palavra, têm voz e vez.

Assim, Jesus ouve as mulheres, responde-lhes as perguntas, acata suas reivindicações. Jesus as trata como interlocutoras, numa troca leal e recíproca que chega a levá-lo a reformular decisões já tomadas por ele, como aconteceu em Caná atendendo à sua Mãe (Jo, 2ss) ou no encontro com a mulher cananéia de Mateus (15, 21-28) ou sírio-fenícia de Marcos (7, 24-30) a pedido das quais faz sinais que não eram de sua intenção inicial. À Marta e à Samaritana, Jesus explica questões teológicas que as preparam para a atividade pública da evangelização.

Com tais atitudes que consideram a palavra das mulheres, e as estimulam a usar da palavra, Jesus a todos os seus seguidores mostra que pretende para elas uma nova posição na sociedade, e às próprias mulheres, as predispõe e encoraja – "não temais, ide anunciar" – a tomar essa nova posição, com novos papéis sociais. Jesus as convida por duas atitudes a saírem do silêncio e da invisibilidade para inseri-las no ambiente público da sua futura Igreja, cujos fundamentos então preparava.

Portanto, numa atitude contracultural, inusitada para um líder religioso da época, Jesus aceita que mulheres o sigam como discípulas e as instrui, admite que anunciem o evangelho, como consentiu que o fizesse a Samaritana logo em seguida ao que ela de sua boca diretamente ouvira. Em outra ocasião, ocasião solene e decisiva da sua ressurreição, envia uma mulher, Maria de Magdala, aos discípulos homens, com uma revelação de sua vida divina e do seu propósito imediato. Por aí, como em outras circunstâncias, deixa clara a intenção de que o anúncio da sua boa nova fosse continuado por homens e mulheres. Mas, sobretudo, fica ainda mais patente a sua determinação de tirar as mulheres da

esfera privada com o gesto significativo que faz, qual testamento, em relação a sua própria mãe, Maria, no últimos momentos que precederam sua morte na cruz. Então, inesperada e surpreendentemente, Jesus manifesta a sua vontade de que um Apóstolo, João, acolhesse Maria, como a sua própria mãe, em sua casa. Ora, a vida de João seria, pelo fato mesmo de ser Apóstolo, votada ao contato direto com o povo, aos confrontos com as mesmas autoridades que condenaram Jesus à morte, a uma pregação que inevitavelmente levaria a alterações das estruturas sociopolíticas vigentes – como de fato a história o mostrou. Unir assim os destinos de ambos, seria necessariamente colocar Maria nesse cadinho público que prometia ser a vida dos Apóstolos. E foi dessa forma que Maria e os demais discípulos o entenderam. Na grande reunião que fizeram para, na oração e em comunidade – organizados – traçarem a continuidade do grupo fiel ao Crucificado Ressurecto, lá estavam as mulheres discípulas e entre elas Maria, a mão de Jesus. Foi quando, a partir da experiência de uma assistência toda especial do Espírito Santo, estabeleceu-se publicamente a Igreja de Cristo. Jesus quis que sua Mãe participasse da esfera pública. E ela participou.

Mas há uma razão teológica para que o Enviado do Pai quisesse que as mulheres exercessem a sua dimensão política. Está justamente na identidade do Deus cristão bem como na identidade do ser humano. Este, criado à imagem de Deus, é criado à imagem de um Deus Uno e Trino. Jesus refere-se a seu "Abba", seu Pai, que envia a Ele, seu Verbo. A vontade do Pai e do Filho são distintas, o que sugere o diálogo entre o Pai e seu Verbo. Como ao Pai e a si próprio, Jesus se refere ao Espírito, que será enviado após a Cruz e a Ressurreição, e que ensinará o que ele ensinara, com virtudes e autoridade que tinha ele mesmo, Jesus. Revela assim que seu Deus é um Deus que sendo único é uma trindade. Trindade de relações consubstanciais e distintas, com atribuições diferentes em relação às criaturas que unanimemente criaram. E que aos seres humanos, homem e mulher, criaram à sua imagem. Isto é, analogamente a Deus, os seres humanos são relacionais, livres, responsáveis dialogais e criativos. Aí está o fundamento teológico da dimensão política das pessoas humanas e, portanto da mulher. À imagem de um Deus que em si mesmo é amor unificante de três relações distintas e que na sua realidade amorosa cria seres inteligentes e livres que participem dessa sua felicidade – o amor – os homens e as mulheres igualmente e distintamente realizam sua identidade quando administram sua sociedade e desenvolvem suas próprias potencialidades e as das coisas da natureza.

Nesse trabalho consciente e livre, realizado amorosamente – e em equipe – está ao mesmo tempo a sua semelhança com e seu Deus Trino e sua alteridade em relação a ele: a felicidade dos homens e mulheres seres contingentes, consiste também no seu aperfeiçoamento e no desenvolvimento do mundo, bem como na superação de si mesmos em abertura para uma Transcendência à qual, sempre buscar e jamais atingir cabalmente realiza a aventura humana e sustem o dinamismo do amor. Programa para todos os seres humanos, logo, para todos os cristãos e cristãs, sem excluir as religiosas, claro.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO


ALVES, Branca Moreira, *Ideologia e Feminismo*. A luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1980

ARDUINI, Juvenal, *Destinação Antropológica*. São Paulo, Paulinas, 1989

CORRÊA-PINTO, M.C., *A Dimensão Política da Mulher*. São Paulo, Paulinas,1992

GEFFRÉ, C. "La Foi à l'âge du pluralisme religieux", *La Vie Spirituelle*, (687) 1990: 805-815

VALADIER, P. *Agir en Politique*, Paris, 1980.

# QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A Campanha da Fraternidade de 1996 quer contribuir para desenvolver a consciência política dos cristãos. O artigo de Ir. Conceição focaliza mais especificamente a questão da participação política da mulher. Na sua maneira de ver, como a Vida Religiosa (masculina e feminina) tem se situado diante desta questão?

2. A autora afirma que, na história recente, "mulheres de todas as classe sociais reivindicaram e muitas vezes conseguiram que suas vozes fossem ouvidas, sua presença reconhecida, com algum resultado de ordem pública". Você conhece casos assim? Partilhe isso em comunidade.

3. O artigo refere-se à atitude contracultural de Jesus em relação com a mulher, dentro das condições e características socioculturais daquela época. O que você pensa a esse respeito? Em que essa atitude de Jesus pode iluminar homens e mulheres de hoje na superação da discriminação política da mulher?

# RELIGIOSIDADE POPULAR EM CAMINHO PARA DEUS

Frei Bernardino Leers
Divinópolis – MG

A religiosidade popular está bem viva ainda. Crescimento religioso é processo lento e limitado cujo valor depende da pureza do coração, da sinceridade das convicções e da eficiência da prática solidária em favor dos mais necessitados.

Sentado de cócoras, tranqüilo, estava o caboclo, esperando condução. Cheguei. Cumprimentei. Mas a prosa não saiu. Ele ficou em silêncio, olhando o vasto panorama de terras trabalhadas, gado, matas contra os bastidores imponentes da serra com o sol clarinho no azul. A condução demorou. O caboclo, chapéu para trás, quietinho, contemplando o universo local. De uma vez virou-se para mim e disse: ó frei, como Deus faz as coisas bem feitas. Nenhuma palavra a mais. Silêncio. Até que finalmente chegou o caminhão leiteiro.

O que se passou na cabeça, no coração deste homem? Sabia fazer o sinal da cruz, direitinho esparramando as palavras, ou rezar o Pai Nosso e o Credo, todinho? Tinha devoção a Nossa Senhora Aparecida ou outra Nossa Senhora? Isso sim, foi batizado, tinha feito a primeira comunhão. Casado na Igreja? Filhos? Participava da Semana Santa? Certamente não tinha estudado o novo Catecismo da Igreja católica e suas setecentas e tantas páginas, porque não sabia ler ou tinha esquecido os óculos em casa. Mas Deus faz as coisas bem feitas!

## 1. VIDA E LETRA

Deus não olha tanto quantidades ou doutrinas, formadas em séculos de especulação intelectual. Trabalha mais pacientemente com as pessoas concretas que são seus filhos e filhas, uma por uma, acompanhando pessoalmente cada uma conforme vive em seu contexto sociocultural e participa do dinamismo do universo em caminho para o Criador e Juiz final. Livros de aprendizagem, sejam livros sagrados, e códigos de normas não produzem nada por si mesmos; precisam das pessoas que, como Lucas diz de Nossa Senhora e Jesus confirma, respondendo à mulher que tinha cantado os louvores da mãe dele[1], ouvem a palavra, entendem-na no coração e a praticam nas situações em que se encontram. Corrimão e sinais de tráfego não têm sentido prático, se não há ninguém para aproveitar deles.

No romance de Umberto Eco, *O Nome da Rosa,* a grande biblioteca com seus preciosos manuscritos e livros se incendiou e tudo virou cinza para os cristãos se lembrarem de fazer penitência. Mas frei Guilherme anima seu jovem companheiro: a vida continua. A vida do povo religioso

e sofrido, como na peça de "Morte e Vida Severina" de Suassuna, termina sempre com o nascimento de um novo ser humano. As palavras passam e a biblioteca queima. Mas a vida das pessoas é paradoxalmente passageira e eterna, destinada à morte e à casa das muitas moradas[2]. Para Deus as pessoas valem mais do que todas as palavras passageiras que entram e saem sem deixar rasto.

Como instituição histórica, a Igreja é uma religião discursiva[3] que enche bibliotecas inteiras com documentos oficiais, catecismos, códigos de normas, livros de devoção e especulação teológica, dicionários e enciclopédias que se multiplicam a cada dia. Tudo parece já pensado, formulado, regulamentado: a liturgia, as ciências teológicas, a disciplina eclesiástica, as práticas da vida da fé e da moral. Em sua impressionante abundância parece um supermercado anexo a um *shopping center*.

Será que o dinamismo da fé do povo simples, clientela majoritária da Igreja, resistirá em sua procura de Deus e do sentido da vida a todo este sistema complexo? Não está afastado demais dos centros do saber e poder? Forçar a barra não parece ser a tática da paciência de Deus. Jesus disse, quando e como podar uma árvore frutífera para dar mais fruto[4]. A religiosidade popular está bem viva ainda. Crescimento religioso costuma ser um processo lento e limitado, cujo valor não depende da quantidade cognitiva imposta, mas da pureza do coração, da sinceridade das convicções e da eficiência da prática solidária em favor dos mais necessitados. Sábios e doutores talvez tentem levar o mar para um buraquinho na praia; os simples e pequeninos bebem de uma fonte viva.

## 2. TRAÇOS DA RELIGIOSIDADE POPULAR

Na Igreja atual a tendência centralizadora que não dá muita asa à colegialidade do episcopado e à identidade das Igrejas locais, traz consigo uma uniformização teórica de instruções que ajuda a autoridade eclesiástica no exercício de seu poder e fixa a identidade própria de seu campo religioso. Mas deste modo cria sérios problemas num mundo que, de um lado, se globaliza e reduz as religiões ao terreno da livre escolha privada em muitos países, doutro, mostra uma diversidade cultural, mesmo dentro do mesmo Brasil, que se assemelha a uma colcha de retalhos. A Igreja é um mundo, podia repetir Emile Poulat[5], dentro do mundo global e sua pluralidade religiosa.

Diante do acervo impressionante de documentação católica que não cabe na cabeça e vivência de ninguém, a religiosidade popular tem uma mundivisão e práticas simples que deixam Deus no centro da atenção. Para o povo-povão, o universo vivido não é apenas uma rede de relações humanas, familiares, sociais, casa, emprego, transporte e tudo o que a rua apresenta; está povoado também com santos, anjos, demônios, almas, padres, pastores, pais de santo, benzedores, macumbeiros e gente que põe mau-olhado. Contudo o eixo da existência é o mistério, chamado Deus, que sabe tudo, pode tudo e controla tudo, castiga, perdoa e recompensa os méritos humanos. Os mediadores são muitos, mas Deus está na cúpula do mundo. A linguagem do povo ainda circula em redor de "graças a Deus", "se Deus quiser" e assim mais. O povo talvez não entenda bem o papel intermediário de Cristo Jesus que, se tudo lhe estiver sujeito, entregará tudo ao Pai, e assim Deus será tudo em todos[6]. Mas de Deus sabe.

Religião realmente liga o povo pobre, de corpo e alma a Deus. A biblioteca filosófico-teológica da Igreja pode apelar à racionalidade humana e encher o vácuo da cabeça com doutrinas sobre Deus, anjos, demônios, Igreja, sacramentos e normas morais. O povo vive com Deus. Daí que a

dona protestou: "Não, senhor padre, não moro sozinha não; moro com Deus e Nossa Senhora". Para com Deus e toda a população celeste, os pobres são carne e ossos, coração, mãos, pés, imaginação e criatividade. Por isso, gostam de procissão (meio indisciplinada) e romaria, porque sua vida é andar muito e, "festa acabada, pé na estrada." Carregar santo, tocar nas imagens, até maltratá-las, subir no altar para colocar a esmola prometida ao pé do santo, cinza na cabeça, vela na mão, cantar suas devoções, enfeitar o cruzeiro, fazer o sinal-da-cruz ao passar defronte à matriz ou entrando no campo de futebol podem parecer "folclore" para o intelectual, mas mostram que de sua religião os homens e as mulheres participam como pessoas encarnadas que são mais do que cérebros.

Na religião o povo pobre trabalha com sua imaginação, criando estórias e inventando ritos e bênçãos originais. A coroação de Nossa Senhora costuma estar bastante estilizada, com cânticos e gestos tradicionais, agora fotografados por pais modernos. Mas os presépios que o povo mesmo faz na capela, com espelho-lagoa e pato de plástico e arroz verdinho em redor e folhas de palmeira e um menino Jesus muito maior do que seus pais, mostram originalidade, talvez primitiva, mas sensivelmente sincera. O mesmo povo conta dezenas de estórias de Jesus e Pedro colocadas no ambiente de fazendas, matas e montanhas, e fica admirado de que o frei não sabe, que estão na Bíblia. Até a morte tem ainda seu esquema de quebrar a esfera de tristeza; na cozinha tem café e algo mais para a consolação humana no velório. Nas folias, as rimas em homenagem aos moradores das casas visitadas são inventadas na hora pelo homem que puxa a cantoria. Alegria de festa, foguetes no ar, depois da reza os leilões e as barraquinhas; juventude namoradeira pulando a fogueira na noite fria de São João. Na devoção do povo, porém, Santo Antônio é o casamenteiro-mor, mas tão inteligente, que ele mesmo não entrou nesta dança.

Em contraste com esta satisfação e alegria simples de viver está bastante espalhado o traço de medo que se manifesta na vida familiar e na marginalização de pessoas que erraram. Os componentes deste traço são a severidade, o pecado, senso de culpabilidade, demônio e inferno, castigo eterno. Muitos fatores históricos entram neste complexo religioso-moral em que a bondade, o perdão e a misericórdia de Deus ocupam pouco espaço. Certamente o papel da Inquisição em Portugal e Brasil-colônia, o relacionamento entre o machismo patriarcal e o segundo sexo e a penetração do jansenismo francês e puritanismo inglês pelos seminários e os internatos femininos ajudaram a formar uma esfera de medo, de culpa, de pecado, de condenação, de insegurança angustiante[7]. A raiz mais profunda, porém, está na história da teologia moral mesma, condicionada pela necessidade de formar confessores para o sacramento da penitência. Por causa da progressiva complicação dos problemas morais no mundo moderno, também a normatividade católica foi crescendo, acompanhada por listas de pecados e exames de consciência mais complexos. Sobre o Deus de Jesus, Deus de bondade, paciência, misericórdia, perdão e paz caiu a sombra profunda dos pecados contra as normas, muitas vezes mal conhecidas, sem olhar as condições reais dos agentes morais.

O povo simples tem consciência conforme a normatividade e tolerância que vivem em seu grupo social e que cada um aprende se integrando no grupo. Mas matutando sobre o que fazer ou decidir, cada um descobre em sua consciência algo do arauto e mensageiro de Deus, ou o santuário secreto em que cada um se encontra com Deus a sós [8]. A teoretização lógica em redor da consciência pessoal e seu papel nas decisões morais é bastante recente no ambiente em que predomina mais a ade-

são ao comportamento do grupo e ao "todo mundo faz assim". Idéias de responsabilidade assumida e do dever de prestar contas depois a Deus são vivas. Até piadas contam, como se pode enganar a São Pedro para pecador entrar no céu. E o povo fica gozando, quando alguém conta que pobres entram no céu sem cerimônias ou protocolo; festa especial fazem os anjos, quando entra bispo ou padre, porque -- ironia fina – não é fato tão freqüente. Será que por isso pobre morre tão calmo, porque acredita mais no Deus de misericórdia do que em seus prórpios pecados?

O povo de Deus, a Igreja, não é uma estrutura social parada no ar, mas um campo de forças às vezes antagônicas. De um lado, o zelo pela ordem, unidade, pureza da instituição procura colocar as ovelhas todas na mesma direção vivendo de uma só alma e um só espírito, doutro, entram as iniciativas, inspirações e opções que sempre de novo surgem nas comunidades dos fiéis e exigem um discernimento correto, às vezes bem difícil, para, pelos frutos da caridade, conhecer a qualidade da árvore. Não é de admirar, que a relação entre lideranças eclesiásticas e o povo com suas formas de religiosidade e maneiras de viver foi sempre flutuante em termos de avaliação, integração, tolerância, rejeição, afastamento, aprovação. O Espírito de Deus é um só, mas os entendimentos humanos com ou sem autoridade são muitas vezes diferentes. Neste jogo dinâmico as colisões de rota e conflitos não faltam na história.

A religiosidade popular, sendo grupal, comunitária, costuma estar integrada na própria convivência social e rede de relações do povo. Viver ao lado de outros exige formas de paciência, tolerância e paz, que um teórico ou legalista que quer clareza pura de identidade perfeita não entende. O exemplo é um casal que não pode casar na igreja, como o povo diz, mas vive muito bem, cria bem os filhos, ajuda muito na pastoral e chega a certa liderança na comunidade local. A carta brava do bispo que recebeu a notícia, foi um verdadeiro bota-fora. A comunidade murchou por completo. Se o conhecimento das leis e normas prevalece sobre o respeito pelas pessoas concretas, acontecem conflitos, afastamentos da Igreja, freqüência a outras religiões, porque a procura de Deus fica e precisa se externar e alimentar.

Em sua religiosidade, o povo pobre não possui o acervo de conhecimentos do clero; é mais fé do que teologia, mais vida humana com os outros do que teoria ou código. Naquele que conhece muito, a serpente do orgulho infiltra com a tentação de saber tudo de Deus e até ser como Deus, embora decifrar os desígnios de Deus ultrapasse a capacidade mental dos seres humanos, conforme a longa tradição judeu-cristã. Nossos caminhos não são os seus caminhos nem nossos pensamentos seus pensamentos. O que foi revelado é abundância para o vaso de barro de nossa pequenez e pouca coisa em comparação com a riqueza de Deus[9]. Fica de pé o louvor de Jesus, porque o Pai revela os mistérios do Reino aos pequeninos e oculta-os aos sábios e doutores[10].

# 3. OBSTÁCULOS DE FORA

O crescimento e amadurecimento da fé fiducial em Deus que se encarnou em tantos ritos, orações, gestos, atitudes e práticas não constituem uma rodovia plana e larga. Na história do Brasil a cristianização do povo sempre foi considerada imperfeita, deturpada e sincrética. Pela modernização entraram outros empecilhos.

## 3.1. A penetração alheia

Tradicionalmente a religiosidade popular foi um amálgama de elementos, catolicismo ocidental, cultos afro-brasileiros, espiritismo, candomblé, macumba. Esta mistura não impediu que uma alta percenta-

gem de brasileiros se declarassem católicos, deixassem batizar os filhos, assistissem à Missa de 7° dia etc. A flexibilidade pastoral encobriu as diferenças e contradições.

O quadro da aparente unidade sofreu e sofre sempre mais pela divulgação recente de outras denominações cristãs, as Igrejas evangélicas, que dão aos neoconvertidos uma nova identidade religiosa. Isso não significa apenas uma Bíblia na mão ou um novo *status* social, mas uma mudança de lugar no espaço religioso. Por causa do tradicionalismo e conhecimento muito reduzido de muitos católicos, as diferenças entre uma e outras religiões nem sempre são bem conscientizadas. A apresentação, porém, é "crente", "evangélico", outra religião, explicitamente o fim da original pertença à Igreja católica. Seria uma hipótese talvez consoladora de ver neste processo em curso algo de uma purificação e de apelar ao novo "élan" missionário na Igreja. No outono as folhas secas caem da árvore preparando a primavera da vida nova. Mas com isso, os fatos quantificáveis ficam e não são apenas os católicos nominais que mudam de religião.

A repercussão desta mudança não impõe apenas restrições quantitativas à religiosidade popular geralmente, no passado, identificada com a Igreja católica. Igualmente provoca uma série de problemas religiosos, Bíblia, fundamentalismo ético, convivência social, tolerância, sacramentos, papel do clero, imagens de santos. A identidade diferente dos "crentes" torna o catolicismo mesmo questionável da parte daqueles que tradicionalmente pertencem à esfera eclesiástica. Quanto mais fraca, superficial, sincrética for a prática religiosa e moral nesta esfera, tanto mais a problemática acerca de Deus, Jesus, Maria, Igreja se privatizará, no sentido de pôr as pessoas diante da opção individual de abandonar ou aprofundar a fé e a prática religiosa herdadas.

## 3.2. A miragem do consumo

Na realidade da vida brasileira, os fetiches do dinheiro e do consumo não parecem ser ameaça direta da religiosidade popular. Para o povo simples e pobre que é multidão, que se vira com o mínimo de recursos e serviços sociais, e fica abaixo do nível de uma existência humana digna, tal ligação não deve ser mais do que um negócio estranho. Durante anos a distância em poder, saber e posses entre a elite consumidora e as famílias de baixa renda está crescendo. Esta história de ricos mais ricos e pobres mais pobres nem de longe terminou, porquanto a política social é mais discurso do que realização.

Povo pobre porém, não é só pouco dinheiro pra gastar. É também imaginação e desejo de ser e ter, estimulados constantemente por lojas, *shoppings*, supermercados que fazem uma propaganda contínua, refinada pelos meios populares de comunicação. Onde o dinheiro não dá, há loterias, bingo, sorteios, supersenas que prometem felicidades mil a todos e dão prêmios a pouca gente de sorte. Onde pobres mais experimentados na dureza da vida têm mais consciência de suas limitações, especialmente os jovens, criam nuvens de fantasias que nunca vão alcançar e tornar realidade. Embora não cheguem a matar por causa de um par de tênis importado, vão acumulando desilusões e condições de agressividade, violência e criação de ídolos.

Diante de um imaginário tão povoado de ofertas de consumo e propagandas de roupas, discos, "fast-food" e assim mais, as práticas religiosas costumeiras perdem muito de sua atração. Deus corre o risco de desaparecer atrás das nuvens. Doutro lado, uma crescente consciência de salvar a terra e restaurar um ambiente humanamente viável, tantas vezes limitada a uma ecologia secularizada pós-religiosa, pode significar também reassumir uma raíz muito profunda e tradicional da religiosi-

dade popular. Antes da urbanização rápida e gigantesca, ela se tem desenvolvido no triângulo da natureza cósmica – Deus criador – trabalho humano responsável.

### 3.3. Uma nova religião?

Sob a influência de autores dos Estados Unidos, está se formando entre a burguesia cristã o que José Maria Mardones chama a religião política neoconservadora[11]. Em seu bem-estar, condicionado pelo chamado "Wellfare-State" esta religião assume as "virtudes" do capitalismo, trabalho, organização, racionalidade, maior produção de bens e serviços, prosperidade, economia de mercado, criatividade, desenvolvimento, sob a bandeira tricolor da liberdade, democracia, ordem, *status quo* do poder existente que há de perpetuar-se para garantir a produção e o bem-estar. Por este caminho, também os povos do tal terceiro mundo alcançarão sua libertação, maior renda, mais comida.

Aqui não se trata simplesmente de uma ideologia contrária à linha pastoral que os bispos da América Latina, confirmados pelo Papa João Paulo II, assumiram: a opção evangélica pelos pobres. A crise do sistema capitalista mais ou menos batizado e único deixou até na América do Norte seus sinais "populares" de pobreza, miséria, desemprego, violência e dívidas. Mas as sombras desumanas e as chagas sofridas dos milhões de pobres e explorados fora do chamado mundo desenvolvido são muito mais profundas. Com muita sutileza tenta-se jogar uma teologia dos ricos caridosos liberais contra uma teologia dos pobres, e reduzir a vida humana a uma existência confortável, assegurada e protegida em que até a morte é maquilada. Neste fim da história, os avisos de Jesus sobre camelo e fundo de uma agulha [12] evaporarão como nuvens no sol.

Em última análise, o problema não se limita a uma leitura crítica do sistema capitalista liberal e seus efeitos reais. O risco é de Deus que vive entre o povo numa variedade de imagens. Homens e mulheres são imagens à semelhança de Deus; por isso, como o contexto de Gênesis 1 esclarece, participam da criatividade de Deus. Na religiosidade popular muitas vezes o Deus criador é tão dominante que a criatividade humana fica como atrofiada. No entanto, o contrário seria funesto e falsificaria a assistência humana mesma. Precisar-se-á ainda de Deus, se a nova religião da criatividade humana resolver os problemas até dos pobres e criar uma nova ordem ética pública no meio do caos da crise moral?

## 4. DILEMAS INTERNOS

A modernização do Brasil, rápida e profundamente ambígua, trouxe a pluralidade religiosa e construiu os templos do dinheiro, consumo e opulência para todos. No imaginário popular, a Igreja-instituição é uma organização complexa de doutrinas, normas, hierarquia centralizadora que parece ter resposta para qualquer pergunta, norma certa para qualquer situação e, se o povo não sabe, "o vigário falou" ou "a rádio Aparecida deu". Estas fórmulas mais simples do que a clássica fórmula; "Roma locuta, causa finita", não resolvem tudo entre o povo simples, mesmo se conhece a teoria, as prescrições, a decisão que vem de cima.

### 4.1. Problema Deus escondido[13]

Porque o povo fala mais com Deus e com o santo, na vida prática, "Roma" nem sempre tem a última palavra. A explicação está na ignorância ou num aperto "danado", que não tinha outro jeito mesmo, mas também, porque às vezes este povo sabe, que a Igreja proíbe, mas Deus entende. Durante séculos escravizado e ainda explorado e sacrificado, o povo desenvolveu um instinto de defesa e uma ética de emer-

gência em que o jeito virou uma arte de sobreviver. Quantas práticas e devoções religiosas, folias, benditos, novenas, imagens, benzedores continuam entre o povo pobre, que o clero proíbe ou nem sabe que tais coisas existem. Até hoje o testamento de Judas, ritual em franco declínio é uma válvula para o povo criticar e ironizar seus padres, objeto, aliás, de muitas piadas, ofensivas a almas muito devotas.

Para o povo sofrido, Deus mesmo é problema, porque dEle não se escapa. Talvez saiba enganar o vigário e burlar o controle da Igreja que ainda continua identificada com "os podres" e as "irmãs de caridade", mas com Deus não se brinca. Promessas cumpridas ou esquecidas, completadas com esmolas aos santos e velas acesas pertencem à política comercial que se infiltrou na vivência religiosa. Os santos podem ser apertados, ameaçados, castigados e quebrados de tanta raiva, mas Deus não tem imagem, não se deixa virar de rosto contra a parede e, mesmo a gente xingando baixinho, Ele escuta o que agente fala e sabe o que pensa. Pensamentos de vigança de Deus são talvez raros. Castigos de Deus continua a desempenhar papel importante nas tentativas do povo de explicar o porquê de um desastre, uma morte repentina, uma doença ou prejuízo grande. "O que fiz, meu Deus, para sofrer tanto?" permanece na linha de pergunta que os discípulos com sua tradição judaica fizeram a Jesus: "Quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?"[14].

No entanto, também para os pequenos da religiosidade popular, Deus não é um livro aberto, uma transparência em todos seus pormenores. O Deus verdadeiro é para eles um enígma que não se deixa decifrar e causa surpresas, porque escreve reto em linhas tortas, e torto em linhas que suas criaturas humanas traçam retas. Os santos da devoção são mais acessíveis e maleáveis; Deus é mais distante e escapa, fica escondido e deixa seus filhos e filhas como perdidos no vácuo. Mas eles sabem que não sabem, aceitam que não entendem e não esquecem que são pequenos demais para medir a largura, o cumprimento e a profundidade do mistério de Deus.

## 4.2. Problema Deus-justiça

Embora calejados no sofrimento e experimentados pela atrocidade imposta da vida, os agentes da religiosidade popular enfrentam exatamente nesta experiência o problema de Deus e sua justiça. Jó volta a sentar-se no meio da cinza, gritando ao céu. As válvulas de escape funcionam: o fatalismo quase árabe, a má sorte, o pagamento dos pecados, o prêmio futuro de quem apanha mais, ganhará mais. Não satisfazem o fim, como não satisfazem as várias explicações simbólicas da tradição bíblica e teológica: purificação, advertência ou provação da parte de Deus como Judite declarou, enquanto o Cristo crucificado é ligado ao preço vigário pelos pecados dos outros, ao sacrifício expiatório, à redenção, à justificação, à salvação da humanidade, à identificação com a vida sofrida do povo pecador, à passagem para a glória da ressurreição depois da morte[15]. As relações pessoais do povo religioso incluem ainda a revolta, a acusação do Deus ser injusto e cruel, o afastamento de qualquer prática religiosa, até, raras vezes, a negação de Deus, o "não creio mais em Deus".

Na medida em que as interpretações de exploração, injustiça e violência penetram na consciência coletiva do povo sofredor, também o enigma de seus sofrimentos se torna mais indecifrável. Tradicionalmente o problema sumiu em expressões resignadas de "está do jeito que Deus quer", "Deus sabe o que faz", "que Deus esteja servido", ou o exemplo de Jesus crucificado dava apoio. Mas a visão sobre a realidade social muda, e as causas humanas do sofrimento, marginalização, injustiças e abusos se movimentam mais para o centro da

percepção. Por que Deus não faz nada? Não entra para castigar os exploradores, os injustos? Deus não tem poder? A imagem de Deus, absorvendo todas as alegrias e tristezas humanas e deixando os cristãos resignados e submissos virou um espelho quebrado que coloca de novo a questão de Francisco de Assis: Quem sois vós, Senhor, e quem sou eu? Questão sempre aberta, porque nunca tem resposta adequada da parte dos mortais diante de um Deus todo-poderoso sem poder, um Deus de amor que deixa o joio estragar o trigo no campo.

O paradigma que despertou o povo religioso foi: "Ouvi o clamor de meu povo". A expressão: "está do jeito que Deus quer" mudou para "estamos na luta", até tomar a justiça nas próprias mãos. Mas o mistério de Deus se aprofunda. Deus fica em silêncio, se não tem a voz abafada pela balbúrdia do templo e da rua. Deus se esconde e não é um "prêt-à-porter" ou pronto-socorro que atende na hora, como as vítimas da violência e injustiça querem. A paciência de Deus escapa à compreensão humana. A oração de Jesus na cruz pelos seus algozes faz parte do mistério do crucificado e do mistério da misericórdia e do perdão de Deus. "A justiça de Deus tarda, mas não falha", diz o povo. Muitas vezes, porém, fica invisível aos olhos dos pobres peregrinos neste mundo. E o sofrimento e a exploração continuam.

O perigo está no choro do rabino, cuja tristeza Martin Buber guardou em seus "Contos hassídicos" [16]. Seu neto foi brincar na rua com seus amiguinhos o jogo do esconde-esconde. O menino se escondeu tão bem, que ninguém o encontrou. A turma foi para casa. Quando o menino não escutou mais nada foi olhar. Não havia mais ninguém. Desiludido voltou para casa, chorando. Contou a história ao avô. Então também o rabino começou a chorar e disse: "Assim é com Deus. O povo O procura. Mas Ele sabe se esconder tão bem, que muitos desanimam e deixam de procurá-Lo". Qual é o caminho certo entre a submissão cega, passiva, fatalista e o abandono que "deixe Deus para lá" e afoga o homem em seus muitos afazeres e distrações? Se o "onde está Deus" espera a resposta da especulação intelectual, pobre Jó.

## 4.3. Problema Criador

Outro problema é subordinação ou participação. Vivendo na zona rural, a amplitude do universo e a dependência das forças da natureza formam o palco em que a imagem de Deus apresenta o Criador onipotente, o Legislador, o Senhor Dono universal do mundo, do espaço, da terra e do agir humano. A chuva, a seca, o sol, a colheita até a mãozinha tão perfeita do bebê recém-nascido ou o bom resultado da operação no hospital estão na conta do Deus fez, Deus deixou, não quis, e que Deus esteja servido. Por assim dizer, Deus é tão absoluto e onipresente, que quase não há lugar para apreciar o trabalho, o esforço, a dedicação dos seres humanos. Começando com a interpretação histórica de Gênesis 1–3, o relacionamento religioso dominante se torna: Deus — Criador — Legislador — Conservador — Previdência, cujas normas imóveis as criaturas humanas seguem e executam, obedientes, submissas e resignadas.

Quando a cidade, os meios de comunicação modernos, o salário, a escola, o transporte entram no campo da percepção avaliativa, esta interpretação ofuscante de Deus chegar a ser interrogada e perde algo de sua total dominância. O que as pessoas pensam, planejam, decidem, realizam começa a ocupar maior espaço, com a possibilidade de a presença de Deus praticamente eclipsar além do horizonte cotidiano dos fatos, acontecimentos, trabalhos e encontros inter-humanos. No mundo atual, comércio, indústria, serviços circulam de tal modo em redor do fazer bem ou mal

dos agentes morais, que estes projetam e esperam mais a iniciativa e responsabilidade ou o dever humano a cumprir, em vez de colocar tudo nas mãos de Deus. Nas mentalidades, a colaboração dos seres humanos com Deus na organização social e formação de normas e condutas ultrapassa a subordinação passiva e faz deles não mais meros executores de leis impostas, mas agentes livres e responsáveis ao lado de Deus de cuja criatividade constantemente participam. O que no mundo secularizado do direito, da economia etc. é tranqüilo, começa a intranqüilizar a relação Deus/pessoas humanas.

## 4.4. Problema Jesus

Sem conhecer o holocausto e seus horrores, o povo pobre e sofrido que tantas vezes confessa sua muita fé em Deus projeta e celebra, já faz séculos, seus sofrimentos e desilusões em seus ritos e devoções religiosos. Nesta terapia de agüentar mão e suportar a realidade da vida, Jesus e seu sacrifício na cruz desempenham papel importante de desabafo, consolação, sustento e encorajamento: "Ó meu Jesus". Muitos não freqüentam Missa regularmente e não entendem tal "Carestia", mas participam da Semana Santa, identificando-se com Jesus. Apesar das reformas pastorais que focalizam a glória da Ressurreição, a Páscoa, a esperança, a Semana Santa é ainda centrada em muitos lugares na Paixão e Morte de Jesus, e termina na 6ª feira santa. Além de ser uma Bíblia dos pobres na apresentação de Adão e Eva e outras figuras da história da salvação, as grandes procissões do depósito das imagens, dos ramos, do Horto, do encontro até o descimento da cruz e a solidão de Nossa Senhora são expressões da ligação que foi criada entre o povo sofrido e as expressões de sofrimento e dor apresentadas nas imagens e pregadas nas cerimônias paralitúrgicas. Pela força desta identificação do povo sofrido com Jesus sofredor, as imagens de Jesus levando a cruz, ou na cruz, e de Nossa Senhora das Dores ficam expostas o ano todo em certas igrejas e na mentalidade de muitos fiéis. E vem o remédio consolador: "a gente sofre muito; Jesus sofreu muito mais. Jesus não tinha pecado; a gente tem".

Aqui entra todo o valor do evento Jesus, Deus conosco, para encontrar luz nas trevas da vida sofrida e explorada. Graças à "Bíblia nas mãos do povo" e à produtividade da teologia da libertação, esta caminhada existencial está mais aberta às comunidades cristãs. O obstáculo é a própria religiosidade popular em que Jesus como uma imagem caída em pedaços: Jesus de Belém; Menino Jesus de Praga; Jesus milagreiro; Jesus crucificado com bastante tinta de sangue; o Santíssimo Sacramento, como devoção; Jesus que ganha e Pedro que apanha. A fé e a imaginação oriental e ocidental nunca forneceram uma imagem uniforme do mistério-Jesus de Nazaré nos vinte séculos do cristianismo. Mas esta flexibilidade tão clara na história da teologia e da arte não tem produzido aquela fragmentação e incoerência que aparecem na devoção popular.

Sem querer generalizar o mundo variado da vivência religiosa do povo, – já por si um nome extremamente genérico –, muitas vezes parece faltar a consciência da unicidade da pessoa de Jesus e sua maneira de agir e fazer, mistério escondido e paradigma-mor de ação para os cristãos. Mesmo se o amor e a caridade solidária funcionam eficazmente nas comunidades pela oração e operação até política, ainda Jesus fica na sombra. Na narração de Mateus sobre o julgamento final é revelador que as pessoas que fizeram o bem perguntem: "Quando foi que te vimos com fome, sede, sem abrigo, nu, doente, preso"?[17] A mística da união da humanidade não está à venda por preço barato em qualquer lugar.

## 4.5. Problema Igreja

Em sua secular caminhada a Igreja católica tem perdido multidões num divisionismo que movimentos ecumênicos procuram penosamente costurar agora de novo. Da parte dela, a proliferação de outras denominações evangélicas talvez seja sinal de aviso. Se a secularização levou a degradar muitas expressões religiosas populares a folclore e turismo, a saída nova pode indicar que especialmente para o povo pobre, a identidade evangélica da Igreja não convence, embora a procura do Deus verdadeiro continue firme. Uma mãe-sabe-tudo-faz-tudo deixa seus filhos eternas crianças sem autonomia amadurecida que faz crescer a confiança no mistério divino da vida, fortalece a capacidade de decisão e estimula a cooperação. Autoritarismo e espírito de rebanho conbinaram sempre bem na história de tantos ismos. Agora a palavra é evangelização.

Na realidade cotidiana, o processo da comunicação evangélica, melhor dos comunicadores do Evangelho, não é simples. Pois a mensagem pode estar registrada nos livros e nas cabeças de quem cursou bastante exegese bíblica, teologia, moral e direito. No entanto o problema central é o interlocutor, o praticante da religiosidade popular. Até qual ponto ele é conhecido em seu mundo, entendido em sua linguagem, ritos e práticas? Como pode ser conhecido, se apenas é ouvinte silencioso, um na massa que enche a matriz? Como criar um intercâmbio de experiências religiosas e morais? Mesmo assim, a base é comum. Todos estão envolvidos na mesma procura de Deus, chamam-se católicos e são membros do corpo de Cristo, unidos na vontade de amadurecer na fé, esperança e caridade.

Numa sociedade de tanta miscigenação cultural, composta de milhões de pobres, pobres sofridos com um ensino básico precário e deficiente ao lado de uma elite de muito poder e posses, e de formação universitária, a linguagem religiosa é ou há de ser diversificada e adaptada num processo de inculturação que não pára na história. Em tal contexto uma linguagem única que todos entendem e assumem é por agora uma utopia. O forum acadêmico, o clube social da classe A, o mercadinho da roça e o bar da esquina da favela são quatro ambientes diferentes, quatro mundos vividos em que os interesses e desejos se externam de modo próprio. Neste quadro a secularização da lingugem que sobe com os graus de formação escolar funciona como fator complicador. A ignorância religiosa, uma vez marca registrada do povo-povão, toma forma própria entre muitos intelectuais, de profissão livre ou técnicos. Na esfera da privatização da religião, as opções pessoais e certas formas de crença continuam, mas costumam ser mais vagas, senão sincretistas, do que as fórmulas compactas da Igreja. No mercado religioso e moral de hoje, muitos fazem mais ou menos seu próprio "prato".

A documentação oficial da Igreja que passa acima de todas as fronteiras e culturas, "urbi et orbi", deixa-se traduzir nas línguas modernas ocidentais, mas constitui leitura muito pesada para o povo cristão pobre. Pessoas de pouca escolaridade talvez admirem o discurso, mas não o entendem, porque os textos levam séculos de certa filosofia e teologia, em geral desconhecidos. A linguagem religiosa do povo é diferente, e expressar documentos oficiais na linguagem popular é muito difícil. A maioria dos praticantes da religiosidade popular não tem muito contato nem intercâmbio com os representantes da hierarquia. Duas linguagens sugerem dois mundos interpretativos diferentes, cujo distanciamento só se vence pela convivência aberta à alteridade do outro, neste caso, o povo simples.

Religiosidade popular não é peça estática guardada em museu, mas realidade

viva de formas e práticas religiosas que muitas pessoas reproduzem, criam, intensificam ou estão perdendo no redemoinho das mudanças culturais atuais. Para atender às necessidades destes católicos, a renovação pastoral colocou a Bíblia, o culto dominical e textos de reflexão e oração à disposição; organizou comunidades, grupos de oração e assim mais. Em muitas paróquias e dioceses, a formação religiosa e moral de muitos adultos se desenvolveu bem, como também o espírito missionário. Esta estratégia se torna tanto mais importante, quanto mais o número de fiéis, com que a igreja pode contar dimimui. Passou a época em que os católicos podiam cantar: "quem não tem fé, brasileiro não é", num congresso eucarístico.

Diante deste quadro complexo de que os praticantes da religiosidade popular fazem parte, quase por contraste ressente-se a falta de sacerdotes na Igreja brasileira. Da parte do povo de Deus e suas necessidades humanas e divinas não basta apenas ouvir a palavra de Deus, a mensagem evangélica, rezar e cantar os louvores do Senhor. Isso também se faz em outras Igrejas cristãs, evangélicas, geralmente mais movimentadas e entusiastas. Conforme o mandato do Senhor Jesus, seus discípulos precisam celebrar a Eucaristia e o sacramento da Reconciliação, para a glória de Deus e a mútua edificação e partilha. Mas é o sacerdote a única pessoa que recebeu este poder de consagrar e perdoar sacramentalmente os pecadores nas comunidades. Nem as novas expressões, comunidade eclesial de base e Igreja doméstica querem sugerir, que o ideal seria, que qualquer líder ou pai ou mãe celebrassem com os seus o perdão de Deus e a mesa do pão consagrado em memória da morte e ressurreição do Senhor. A multiplicação de ministros e ministras não chega a camuflar um pouco a ausência do padre e a necessidade fundamental da vida católica?

Um restaurante em que a clientela aumenta precisa aumentar os garçons também. O novo pessoal não esteja talvez tão preparado, mas as reclamações dos fregueses obrigam a integrá-lo no serviço. Na Igreja acontece o contrário. A carga da formação intelectual do futuro clero se torna mais exigente e uniforme, em vez de se adaptar à sociedade cultural e religiosamente diversa com milhões de pobres. Com a linguagem nova aprendida, o padre se afasta do povo simplesmente em vez de comunicar-se facilmente com a opção preferencial da Igreja. Para vivência com pobres; religiosas e religiosos não ordenados tem melhores condições.

## Saindo do campo

Na sociedade pluralista atual, religião alguma pode fechar-se dentro de seu próprio quintal, criando uma identidade religiosa que exclui as outras[18]. Entretanto tal abertura dificilmente se formará na mentalidade dos fiéis, se a religião, neste caso a Igreja e sua liderança, não criarem em solidariedade amplo espaço de comunicação e participação de sua clientela na formação das práticas comunitárias da fé em Deus e na moral.

Religiosidade popular é um conceito genérico composto, cuja realidade é muito mais complexa e diferenciada conforme pessoas e grupos familiares e sociais do que pesquisas podem concluir. As imagens de Deus e as práticas para com Deus são tão variadas e misturadas entre o povo, que o contato com o povo é uma escola contínua de aprendizagem para o clero, religiosos e religiosas que, pela sua formação, são especialistas em Deus. Enquanto este Deus for experimentado em sua misericórdia e sua paciência de mil anos são como um dia ou uma hora da noite[19], o mundo rodará para frente, talvez menos desencantado do que o pessimismo nostálgico se imagina.

# NOTAS

1. Lc 2,19.51; 11,27s.
2. Jo 14,2.
3. K. Armstrong, *A history of God*, New York, Ballantine, 1994, 115.
4. Jo 15,1s.
5. É. Poulat, *L'Église, c'est un monde*, Paris, Cerf, 1986, principalmente pp. 259-279.
6. 1Cr 15, 25-28.
7. Veja Delumeau, R. Vainfas, Hoornaert, L. de Mello e Souza etc.
8. *Veritatis Splendor*, 54.58.
9. H. Kasimow e B. L. Sherwin, *No religion is an island*, Maryknoll, Orbis, 1991, 168.
10. Mt 11,25.
11. J. M. Mardones, *Capitalismo y religión, La religión neoconservadora*, Santander, Sal Terrae, 1994.
12. Mc 10,25.
13. Veja H. Haering, "Opnieuw leren wat wij zijn vergeten", *TvT*, 35 (1995) 148-170.
14. Jo 9,1-3.
15. J. Lambrecht e R. F. Collins, eds., *God and Human suffering*, Louvain, Peeters, 1990.
16. M. Buber, *Chassidische Vertellingen*, Katwijk, Servire, 1967, ed. 3, 133: tradução livre.
17. Mt 25, 37-40.
18. F. Teixeira, *Teologia das religiões*, São Paulo, Paulinas, 1995, 188-190.

# QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O autor apresenta no seu artigo uma ampla visão da religiosidade popular, com suas características e conseqüentes desafios para a Vida Religiosa. Como você e sua comunidade têm se situado diante desta importante questão: com interesse, com indiferença, com solicitude pastoral?
2. "Na sociedade atual, religião alguma pode fechar-se dentro de seu próprio quintal, criando uma identidade religiosa que exclui as outras". Você está de acordo com esta afirmação do autor? Que conseqüências de ordem prática comporta a aceitação de tal afirmação? Procure debater tudo isso na comunidade.
3. O número dois do artigo descreve alguns traços da religiosidade popular. Procure identificar esses traços e aprofundá-los. A partir da sua experiência, você acrescentaria outros? Quais?

# OS RELIGIOSOS SE PREOCUPAM COM OS JOVENS

J. B. Libanio

O primeiro contato com os jovens marca muito um trabalho pastoral. Na relação com eles é fatal a presença de pessoas azedas, depressivas, carentes, infelizes, que não conseguem passar esperança na vida e a alegria do Evangelho.

Os religiosos se têm empenhado, como nunca, no trabalho com a juventude com a preocupação justa de proverem-se de vocações. Mas os frutos minguados não parecem corresponder ao esforço investido, quer quanto ao número, quer quanto à perseverança. Antes de tudo, importa entender esse mundo juvenil em profundas modificações. Se a idade juvenil pela sua própria força psicobiológica explode em mudanças, irradia vida em movimento, tanto mais o faz em momento de profundas transformações. Os jovens são a febre da sociedade. Mais. Antenas apuradas, captam as ondas circulantes, ainda que não saibam selecioná-las bem, produzindo imagens sobrepostas. Ao decodificá-las podemos entender melhor o que está a acontecer.

Será que se pode falar de uma cultura ou subcultura juvenil de caráter mundial? A mídia projeta imagem estereotipada do jovem moderno: forte, belo, empreendedor, vendendo saúde e ousadia. Evidentemente essa pintura colorida não corresponde à realidade, mas entra no jogo ideológico do marketing.

No entanto, os jovens comungam de algumas mesmas características, embora nos iludamos, ao nivelá-los ou reduzi-los todos a um mesmo denominador comum. Existem especificidades culturais, econômicas, psicológicas nos diferentes segmentos juvenis, que merecem tratamento pastoral bem diversificado.

O Brasil urbanizou-se nessas duas últimas décadas de maneira surpreendentemente rápida. As estatísticas falam de 75% das pessoas morando nas áreas urbanas. Entretanto, existem ainda significativos grupos de jovens, quer em regiões rurais, quer ainda em cidades de menor porte ou mesmo nas periferias de cidades maiores, de resistentes traços religiosos rurais, ao lado de comportamentos estritamente urbanos.

Essa complexidade torna o trabalho com os jovens mais difícil, refugando respostas simplistas. Contudo, há uma plataforma comum, há elementos que tendem a caracterizar os jovens de hoje em sua totalidade, quer porque esses traços encontram uma base na sua própria condição psicobiológica, quer porque a socialização da mídia impregna os jovens deles[1].

# ALGUNS TRAÇOS DA JUVENTUDE DE HOJE

Algumas dessas características pertencem às modernidade e pós-modernidade que avançam e atingem amplos setores da sociedade e, de modo mais profundo, rápido e impactante, os jovens.

Assim, pesquisas consistentes e reflexões de filósofos da cultura mostram que a sociedade moderna gira em torno do "sol da felicidade"[2], "do prazer"[3], da "auto-realização"[4], quer na forma de promessa, quer de experiências concretas. E o jovem, mais do que ninguém, sintoniza afinadamente com essa onda.

O prazer é a porta de acesso aos jovens de hoje. Suas preferências inclinam-se para lá onde sentem mais prazer. E por isso preferem experiências grupais esporádicas a grupos estáveis com compromisso e regulamentos. Buscam mais o emocional, afetivo que o racional, intelectual. Deixam-se atrair muito mais pelo lúdico, pelos "musicais" que pela militância e encontros sérios políticos ou religiosos. Desejam "ficar" com um/a parceiro/a e não criar vínculos afetivos estáveis[5]. Rejeitam qualquer medida coercitiva a modo de freio[6]. Nisso tudo, o prazer presente sobrepõe-se a projetos e perspectivas futuras. Manifestam maior preocupação com seu bem-estar agora que com sacrificar-se por um futuro. Um dito em espanhol traduz bem essa experiência: "Las flores no las quieren para el funeral, sino ya".

E ao referirem-se ao futuro, vêem-no antes como possibilidade de realizações de sonhos de bem-estar. Uma pesquisa promovida pela Revista *Isto É*[7], ainda que se refira a jovens paulistas das classes A e B, ela reflete já alguns valores e sonhos dessa nova geração jovem. Procuram viver bem e com muito prazer dentro do capitalismo, respeitando a família e a propriedade. Trocam "a foice e o martelo" pelo computador com seus jogos. A vida torna-se para muitos deles um interminável videoclipe, uma mistura alucinante de dinheiro, sucesso e fama com uma pitada de romantismo. Se isso vale dos ricos como realidade, existe nos mais pobres como sonho impossível.

É uma geração, reflete sobre essa pesquisa o pedagogo Sílvio Bock, "sem conflito existencial, mais superficial, hiperativa, pouco rebelde, irreverente e contestadora da hierarquia". Para o publicitário Jaime Troiano, esses jovens são "a primeira geração pronta para viver sem culpa. Ela não quer romper com nada nem criar padrões novos".

E quando saíam nas passeatas pelo impeachment do presidente Collor, não tinham objetivo estritamente ideológico-político, mas cada um trazia sua motivação própria: raiva contra o Collor, matar aula, curiosidade, participar de um grande acontecimento, acompanhar amigos, aparecer na TV, programa diferente, fazer bagunça, etc. Um pequeno grupo, sim, refletia um compromisso político.

Mostram-se jovens sem culpa, não se sentem responsáveis pela miséria social, não se angustiam por não responder às expectativas dos pais. Vivem a própria vida e pronto, sem seguir líderes nem cartilha. Não têm gurus, apenas modelos pelos quais pautam suas aspirações e que se encaixam no perfil que eles traçam de si e nos sonhos para o futuro.

A morte de Ayrton Senna e mais recentemente o fim trágico dos Mamonas Assassinas revelaram modelos-imagens com que muitos jovens se identificavam. Pessoas que encarnavam acesso rápido à riqueza, arrojo, ousadia e no caso dos Mamonas uma irreverência e rebeldia lúdica.

Essa juventude vive o embalo das músicas, ora barulhentas em estilo rock, ora com toques românticos e até mesmo "caipira". Mesmo os pobres procuram vestir grifes, mostrar que estão na moda.

Evidentemente há grupos de jovens ainda não tocados por esta onda pós-moderna, de formação religiosa tradicional, pura, aberta ao mundo religioso. Jovens idealistas, sensíveis ao compromisso e à transformação social.

Talvez mereça também rápida caracterização a realidade religiosa do jovem. Sob o nome de "Nova Era", vive-se um ressurgir ambíguo e plural de formas religiosas[8]. Ao sentir em si o dilaceramento de certo vazio de sentido na sociedade consumista e hedonista, ele volta-se para experiências religiosas que lhe podem garantir um sentido maior. Há fenômenos religiosos de massa que o afetam. Assim há anos que em Taizé milhares deles se reúnem para celebrar, rezar, meditar, conviver. A Compostela, a Chartres muitos peregrinam. Nossos estádios se alegram com multidões de jovens a cantar, a rezar.

Cada ano em Campina Grande, PB, durante o Carnaval, platéias com mais de 1.000 jovens renunciam aos folguedos carnavalescos para curtirem experiências espirituais das mais diversas conotações religiosas.

## PECULIARIDADES DE GRUPOS

Contra esse fundo mais ou menos comum, os jovens diferenciam-se muito sob o aspecto pastoral. No início da década de 80, a partir dos movimentos de juventude daquela época, tracei uma tipologia do jovem[9]. Vivendo aquela experiência dos movimentos de juventude, observara atitudes e traços bem diversos nos jovens que os freqüentavam.

Uns eram movidos por uma angústia existencial de conotação religiosa. De um lado, tinham assimilado na família e na catequese uma religião, onde as realidades do pecado e medo ocupavam amplo espaço. O contato, que eles tiveram com a nova visão de pecado como opção fundamental, trouxe para muitos profunda libertação interior[10]. Muitos deles, uma vez resolvida essa angústia existencial religiosa, abandonavam os movimentos, carregando, sem dúvida, para a vida uma outra percepção mais libertadora da religião.

Hoje continua havendo jovens angustiados existencialmente. Mas de modo diferente. O sentimento de culpa e de angústia lhes vem de outra fonte. Para muitos, as relações com a família os marcam negativamente. Pais ausentes, envolvidos mais profundamente em sua vida profissional. Pais separados e recasados de modo que muitos perdem algumas das referências fundamentais na infância e adolescência. A crescente onda hedonista, o consumismo desbragado, a liberação sexual precoce, o acesso fácil à droga, a violência das gangs aumentam o nível de angústia e culpabilidade. Retrato certamente hipertrofiado é traçado no filme Kids, onde a vida do jovem é reduzida ao trinômio: sexo, droga e violência. Ausência total de relações afetivas humanas e integradoras.

A insegurança do futuro cresce para toda a humanidade. Afeta naturalmente mais fortemente os jovens que continuarão habitando o planeta depois de os adultos o termos deixado. Pois esse planeta está ameaçado pela poluição, pela destruição da natureza, pelo desaparecimento rápido de inúmeras formas de vida, pelas guerras, pelas armas mortíferas, pelas hecatombes provocadas pelas contínuas agressões ao meio ambiente, etc. Tudo isso gera angústia nessa nova geração.

Os jovens socialmente inquietos, nas décadas de 60 e 70, vinham de experiências fortes de Ação Católica, sofriam o impacto da repressão militar, reagiam contra a imposição violenta da ideologia dominante alienadora. Muitos entraram na clandestinidade até a luta armada, sendo, não

poucos, eliminados pelos órgãos repressivos. Outros buscaram experiências de Igreja lá, onde ainda havia algum espaço de criticidade social.

Hoje se percebe nítido recuo nessa postura. A pesquisa da *Isto É*, citada acima, aponta baixos índices de envolvimento político dos jovens. A pesquisa da Arquidiocese de Belo Horizonte sobre a juventude confirma a mesma percepção. 90,6% declaram não participar de movimento social e comunitário. Mais de 65% não mostram preferência partidária, refletindo o desligamento e descrédito para eles da política partidária. O sociólogo P. Carlos Fragoso, interpretando essa pesquisa, observa: "Há um interesse moderado de um grupo pela política que cresce proporcionalmente ao nível de escolaridade e renda dos jovens, embora um outro grupo significativo (40%) se diz desinteressado. A metade dos que se interessam não tem preferência por partido e um quarto deste grupo opta pelo PT, mas o grau de militância é ínfimo"[11]. A própria evolução das organizações estudantis, hoje mais voltadas ao lazer que à política, revela o mesmo fenômeno.

Nesse sentido, pode-se constatar que, sob o aspecto político, os jovens são mais alienados estatística e qualitativamente em relação às décadas de 60. A militância política declina. O fracasso da experiência do socialismo real dos países do Leste reforçou essa crise da militância, além de um acordar reivindicador da problemática da subjetividade[12].

Revendo a tipologia acima indicada, constata-se que os jovens religiosamente tradicionais, que eram mais abundantes em décadas anteriores, continuam existindo em regiões rurais ou periferias urbanas de migração recente. No entanto, tudo leva a crer que seu número tende a diminuir com o impacto crescente da mídia sobre o mundo juvenil numa linha modernizante e secularizante em relação à função normativa da Religião.

Talvez nesse campo religioso se tenha dado a maior mudança no mundo jovem. Já não engrossam as fileiras daqueles que viam na Igreja, sobretudo católica, representada por suas autoridades, um ponto de referência de vida, de valor, de verdade. Antes emigram desse reduto tradicional, colocado sob a batuta do poder eclesiástico normativo, ou abandonando totalmente a prática religiosa ou assumindo outras formas religiosas que lhes respondam mais à subjetividade.

Cresce o número de jovens que buscam expressões exóticas religiosas, como mencionei acima ao referir-me à Nova Era. A dimensão religiosa subjetiva predomina numa linha de satisfação de carências afetivas profundas que o mundo moderno sob o domínio crescente da tecnologia provoca.

Esses jovens navegam por muitas águas religiosas, mudando de porto conforme a sua situação afetiva. Buscam antes experiências religiosas isoladas e momentâneas que um engajamento religioso estável.

Em alguns casos, essa nova figura religiosa vem substituir por uma mística cósmica ou/e psicológica o ardor da militância de outras décadas. Vários estudiosos já constataram que os novos movimentos religiosos foram e são alimentados por egressos das lutas políticas de esquerda[13].

Aderem a um tipo de movimento psico-místico-paracientífico-espiritual-terapêutico[14]. Muitas vezes sorvem verdadeiro coctel religioso: gotas de islamismo, bocado de judaísmo, migalhas de cristianismo, um dedo de nirvana, um toque marxista, uma dose de paganismo à medida, sem preocupar-se pela falta de coerência do conjunto e as suas múltiplas lógicas internas[15].

Se os movimentos de Ação Católica, sobretudo as JEC, JOC e JUC, souberam plasmar um jovem cristão engajado poli-

ticamente, hoje faltam esses espaços. Os enormes esforços da Pastoral da Juventude (PJ), da Pastoral da Juventude nos Meios Populares (PJMP), da Pastoral Universitária (PU) não têm conseguido recriar aquelas experiências.

Recente reportagem do "Jornal do Brasil" referia-se a fenômeno novo no Brasil. A classe C – aqueles que percebem até 5 salários mínimos – vem sofrendo profunda transformação. Deixam a visão imediatista do auto-sustento e tolerante com sua situação subordinada, tornam-se mais exigentes quanto aos bens de consumo, reclamam seus direitos, cobram honestidade dos políticos no manejo do dinheiro público e investem mais em educação de seus filhos para garantir-lhes futuro melhor. Os jovens dessas famílias lutam com garra maior para subirem na vida, galgando os degraus da escolaridade até a Universidade.

A busca da ascensão social de jovens de classes economicamente mais pobres não é fenômeno novo. Mas a forma como isto se dá num contexto mais amplo de estabilização da moeda, da revolução tecnológica da microeletrônica e da informação, modifica fortemente o processo ascensional da juventude. Talvez seja reservada à classe C em ascensão importância decisiva no processo eleitoral. Pastoralmente parece ser a classe que melhor pode morder projetos construtivos de futuro, pensar utopias, sonhar com transformações sociais à medida que a simples gana de ascensão se converter em horizonte social mais amplo.

## RESPOSTAS PASTORAIS

Antes de tudo, todo trabalho com os jovens defronta-se com essa condição fundamental da modernidade, ainda mais acentuada na pós-modernidade, de que o prazer fez-se pólo central em torno do qual giram as outras realidades. A questão fundamental na pastoral consiste, portanto, em descobrir o Evangelho como caminho de felicidade, até mesmo de prazer. E a felicidade e o prazer passam hoje pela experiência concreta e não pela simples promessa da eternidade futura.

## EXPERIÊNCIAS INICIAIS

O primeiro passo de aproximação pastoral com os jovens deveria partir de experiências concretas breves e provocadoras, em que eles pudessem perceber duas coisas simultaneamente:

- a alegria e o prazer da vivência;
- seu caráter profundamente evangélico.

Dois tipos de experiências poderiam servir de ponto desencadeador de uma pastoral:

- uma experiência grupal espiritual de cunho mais psicologizante;
- uma experiência de compromisso social num clima de alegria sem os ranços da militância.

Num momento ulterior, essas experiências deveria caminhar em linha de maior aprofundamento espiritual e social.

Um trabalho pastoral com os jovens hoje depende mais de pessoas que de estrutura. Talvez sejam características da modernidade e pós-modernidade a desconfiança e o ceticismo diante das instituições, para valorizar-se mais a presença "cara a cara". Isso significa que teríamos que tomar consciência de que nossa ação junto aos jovens depende muito da maneira concreta de os tratarmos, de relacionarmo-nos com eles.

O primeiro contato, a primeira acolhida, o primeiro encontro com os jovens costumam marcar muito, positiva ou negativamente, um trabalho pastoral. As pessoas das pastorais da Igreja não foram educadas ao acolhimento pessoal, mas à eficácia do agir[16]. Na relação com os jovens é fatal a presença de pessoas azedas, depres-

sivas, carentes, infelizes, que não conseguem passar aos jovens esperança na vida, a alegria do Evangelho.

O trabalho pastoral com os jovens encontra-se num dilema. De um lado, a proposta cristã tem um nível de seriedade e profundidade inegociável. Não se podem rebaixar as exigências evangélicas. Doutro lado, a porta de acesso ao jovem é o prazer, a busca da felicidade. Torna-se real problema pedagógico encontrar o momento em que um clima "light", de prazer, de busca de felicidade de encontro inicial deve abrir-se à seriedade e às exigências concretas da vida cristã. Sem um mínimo nível de exigência e de responsabilidade não há formação possível do caráter do jovem. As exigências devem ser percebidas por ele, não como coação e coerção vindas de fora e sobretudo de maneira arbitrária e autoritária, mas como algo unicamente para seu bem. A dimensão profunda e prazerosa, que vem da entrega de si e da alegria de ser para o outro, consegue motivar os jovens de hoje.

## EXPERIÊNCIA DO SACRAMENTO DA CRISMA

A experiência pessoal tem mostrado que um dos momentos fundamentais da vida do jovem tem sido a preparação e vivência do sacramento da Crisma. Além da própria graça sacramental, há nesse sacramento uma força simbólica que tem atraído muito os jovens, especialmente de paróquias de periferia. Em muitas paróquias, dedica-se um ano inteiro à sua preparação. Há, em geral, abertura e descobertas. A perseverança do compromisso com a prática eclesial depois da recepção do sacramento tem sido, no entanto, um problema não resolvido. São poucos que continuam engajados na vida pastoral. Isso não invalida, porém, a riqueza do momento preparatório. Um trabalho com os jovens, que se vincula a paróquias ou mesmo a colégios, poderia pensar como trabalhar a preparação e vivência do sacramento do Crisma, sem descuidar a questão da perseverança. Pode-se transformar em momento privilegiado para pensarmos séria reflexão vocacional cristã e religiosa.

## EXPERIÊNCIA DE ENGAJAMENTO PASTORAL NO COTIDIANO DA VIDA PAROQUIAL

Em algumas paróquias, tem-se conseguido envolver alguns jovens com trabalhos concretos da vida paroquial. Em alguns casos, eles, sob a liderança do pároco, praticamente cuidam de toda a parte material e da organização da paróquia desde o microfone da missa até a preparação de qualquer evento importante. Participam de perto da vida paroquial no seu cotidiano e nos festejos extraordinários. Se, ao lado disso, há um cuidado espiritual dos mesmos, consegue-se excelente trabalho pastoral. Quanto mais dinâmica for a paróquia ou outra obra similar, tanto mais os jovens se verão envolvidos. Nessa convivência quase diária com uma obra de Igreja, eles vão conhecendo as dificuldades, mas também as alegrias do "serviço do Senhor". Afeiçoar-se-ão mais às coisas do culto do Senhor ou de uma obra apostólica ou social determinada, conforme o caso.

## EXPERIÊNCIAS DE CELEBRAÇÃO

A celebração eucarística é o centro da vida eclesial. O modelo paroquial tradicional já não consegue falar a muitos jovens. Sem abandoná-lo naturalmente, pode-se pensar em alternativas menores de celebração para jovens em outro dia da semana.

Pessoalmente durante vários anos, fiz uma experiência desta natureza com jovens.

Numa sala maior da casa, onde morava, no centro de Belo Horizonte, todas as 3as feiras às 18h celebrava uma Eucaristia para jovens. A primeira parte era uma longa partilha sobre o Evangelho, a própria vida, a situação que viviam, etc. Eles vinham de suas aulas, dos cursinhos, do trabalho e encontravam naquela missa um momento de vivência espiritual da Eucaristia e de partilha da palavra. Num clima bem informal, só jovens, fora do cotidiano escolar ou de trabalho, eles experimentavam um momento de espiritualidade e convivência. O importante era eles terem um ponto de referência na cidade, em que podiam uma vez por semana celebrar uma eucaristia bem ligada à própria vida. O clima informal, a possibilidade de poder partilhar a própria vida, o ouvir a partilha de colegas da mesma idade e envolvidos com a mesma problemática, o contato com a Palavra de Deus, o encontro com o Mistério em situação de maior liberdade e simplicidade favoreciam uma vivência mais intensa e pessoal.

## EXPERIÊNCIA DE ENCONTROS COM O MESMO GRUPO

Outro tipo de pastoral juvenil são os grupos de jovens. Há grupos ligados mais diretamente a uma Instituição, paróquia, colégio, movimento ou outra obra apostólica. Funcionam independentemente da pessoa que o orienta ou coordena. É a força da Instituição que garante a continuidade. Tem a vantagem da constância, e não se exige tanto de quem o coordena. Mas o risco da rotinização, da burocratização ronda-os.

Outro tipo de grupo de jovem é mais carismático, ligado a uma pessoa determinada que tenha carisma especial, personalidade rica, alegre, comunicativa, que consegue agrupar jovens em torno de si. Este tipo de grupo costuma ser mais animado enquanto essa pessoa estiver presente. Tem a riqueza da força, do carisma, do exemplo do orientador, mas a fragilidade de depender de uma pessoa concreta que pode ser transferida, mudar de atividade e até mesmo morrer. Isso não impede que pessoas dotadas dessas qualidades devam investir mais em grupos de jovens ou unir seu carisma a algum grupo institucional, dando-lhe mais consistência ainda.

Na história das Congregações Marianas, tivemos no passado o exemplo do grupo do P. Mariaux. Certos grupos de JEC, JOC, JUC viveram enorme elan apostólico na década de 50 e 60, além do apoio institucional, graças também à presença de excelente e qualificada plêiade de assistentes eclesiásticos. Podem-se multiplicar os exemplos do passado e também apontar alguns ainda existentes. Em todo caso, evidentemente não é qualquer pessoa que tem carisma.

## VISITAS E CONVITES CONSTANTES

Uma vez que os jovens de hoje se inclinam muito mais para fazer experiências avulsas, descontínuas, em si mesmas gratificantes, surge como desafio provocante encontrar uma maneira de como prolongar a sua presença em experiências continuadas. Já nos movimentos da década de 70 observava-se que os encontros e cursos de jovens estavam sempre cheios, mas não dos mesmos jovens. Havia um fluxo rápido que dificultava uma formação mais séria e consistente.

A dificuldade maior consiste em arrancar o jovem da inércia inicial. Depois que vai à reunião, acaba gostando do convívio, da alegria do encontro. No entanto, cada vez parece um início absoluto e precisa-se de ligar o motor de arranque.

O simples contato por cartas-convite, ou mesmo por telefonema não consegue

dar a partida no motor frio. Só pequenas visitas, convites pessoais têm força para atrair os jovens. O calor da presença, a percepção do interesse, a experiência do carinho têm maior chance de motivar o jovem a freqüentar o grupo ou a pastoral.

A visita às casas, realidade que no mundo moderno tem decrescido significativamente, contém uma força de persuasão enorme. Quanto mais as relações na sociedade moderna descambarem para o anonimato, quanto mais os meios eletrônicos substituírem o "cara a cara", tanto mais impacto persuasório terão as visitas por causa de sua raridade crescente na sociedade industrializada.

## COMPARAR A EXPERIÊNCIA DE MOVIMENTOS, CASA DE ENCONTROS, INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE COM A PARÓQUIA

Seria interessante aprofundar mais as diferenças, originalidades do tipo de trabalho pastoral junto aos jovens ligado a paróquias e a outro tipo de organização. Houve ultimamente um deslocamento mais acentuado desse trabalho para as paróquias. Estas têm-se transformado em seus pólos dinamizadores. Isso tem provocado o fenômeno recente no Brasil de haver muito mais vocações para o clero diocesano que para o religioso. Apesar de ainda os sacerdotes diocesanos serem menos numerosos, os seminaristas diocesanos já superam os religiosos. Isso significa que a presença de menos sacerdotes diocesanos consegue mobilizar mais vocações que uma quantidade maior de religiosos. Evidentemente podem-se apontar outras muitas causas desse fenômeno. Talvez isso signifique que a paróquia tenha mais poder de atuação sobre os jovens que a ligada a outras instituições.

As paróquias dinâmicas têm envolvido mais os jovens na sua vida que as instituições dedicadas aos jovens. A perspectiva de futuro de trabalho com os jovens depende da capacidade que se tiver de envolvê-los na vida da obra. É a partir das experiências, ações práticas que eles podem ser formados na espiritualidade e vivência mais profunda de Deus.

A pedagogia sempre constituiu-se preocupação fundamental de todo trabalho com jovens. A juventude de hoje talvez seja mais sensível que a de outros tempos a uma "pedagogia do coração", da sensibilidade, do afeto. Por isso, a música, os encontros prazerosos, os grupos de partilha, tornam-se fundamentais para reuni-los e a partir daí pensar uma evangelização. O sucesso que os "grupos musicais" (Legião Urbana, Rolling Stones, Mamonas Assassinas, e tantos outros) têm tido no meio juvenil nos sinalizam uma porta de abordagem da sensibilidade e do coração do jovem. Os evangélicos, apesar de todo rigorismo que praticam, têm desenvolvido grupos "rock" de música religiosa com enorme sucesso. Não se trata de imitá-los, mas de perceber a "porta de entrada" da juventude. São tocados pela música, pelas letras, pela dança, pelo ritmo.

## CONCLUSÃO

O conhecimento da juventude e o diálogo com ela é de capital importância para o futuro do trabalho com os jovens e da promoção vocacional. Antes de qualquer juízo moralista e comparativo com outras gerações, cabe um primeiro esforço de conhecer as mudanças que estão a acontecer no meio dos jovens e os fatores que as influenciam. Somente nessa perspectiva, um trabalho pastoral junto aos jovens adquire relevância e tem chance de êxito. Essas rápidas reflexões ficam como pistas para ulteriores reflexões e discussões.

# NOTAS

1. Uma excelente obra para penetrar mais profundamente no conhecimento psico-social dos jovens é: Gérard Lütte, *Liberar la adolecencia. La psicología de los jóvenes de hoy,* Barcelona, Herder, 1991.
2. J. Stoetzel. *Les valeurs du temps présent: une enquête européenne,* Paris, PUF, 1983.
3. "No mundo dos homens, o gozo é o alfa e omega, princípio e fim" (E. Guisan, *Manifiesto hedonista,* Madrid, Anthropos, 1990, 140).
4. Charles Taylor, *Le malaise de la modernité,* Paris, du Cerf, 1994.
5. A letra dessa canção juvenil revela bem o clima:
   "*Cuando unos labios amenazan*
   con devorarme el corazón
   Enciendo la señal de alarma
   *y escapo en otra dirección*".
6. O cantor espanhol Joaquín Sabina expressa muito bem essa repulsa a todo compromisso:
   "Al deseo los frenos le sientan fatal.
   Que voy a hacerle yo?
   si me gusta el guisqui sin soda
   el sexo sin boda
   *las penas con pan*" (Joaquin Sabina)
7. *Isto É*, 21 de abril de 1993, n. 129: 34-36.
8. "Nova Era: desafio à fé cristã", in: Família Cristã 62 (fev. 1996) n. 722: 36-43.
9. J. B. Libanio, *O mundo dos jovens. Reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja,* São Paulo, Loyola, 1993. Coleção Teologia e evangelização n. 3.
10. Foi no contexto desses movimentos de jovens que nasceu o meu livro: *Pecado e Opção Fudamental,* Vozes, Petrópolis 1975.
11. Encarte Especial: Jovens: Uma nova geração, *Jornal de Opinião,* 83 (1994): 29 de agosto – 04 de setembro, n. 274.
12. Fernando Gabeira formulou com muita lucidez essa crise de militância desde a perspectiva da afetividade: *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro, Codecri, 1979.
13. D. Hervieu-Léger, *Vers un nouveau christianisme? Introduction à la sociologie du christianisme occidental,* Paris, du Cerf, 1986.
14. Th. Roszak, *Unfinished Animal: The Aquarian Frotier and the Evolution of Consciousness,* Nova Yorque, Harper and Row, 1975, p. 30.
15. J. Sudbrak, *La nueva religiosidad. Un desafio para los cristianos,* Madrid, Paulinas, 1990.
16. O Projeto Pastoral Construir a Esperança da Arquidiocese de Belo Horizonte vem desenvolvendo o "ministério da acolhida": Ministério da Acolhida, in: Construir a Esperança, Informativo do Projeto Pastoral da Arquidiocese de Belo Horizonte, agosto de 1993, n. 26: 3; Por uma Igreja mais acolhedora, in: Id. maio de 1994, n. 33: 2-3.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Muitos religiosos e religiosas continuam empenhando-se com extrema dedicação no trabalho com jovens, seja nos colégios, seja em outras áreas de ação educativa ou pastoral. A visão do "mundo dos jovens" que o autor apresenta no seu artigo contribui para iluminar e inspirar esse empenho evangelizador? A partir da sua experiência, que aspectos desse "mundo dos jovens" você ressaltaria?
2. Procure debater na comunidade as "respostas pastorais" que o autor sugere no texto, ponderando quais delas são mais viáveis na sua realidade, e como poderiam ser articuladas num trabalho de conjunto, ou mesmo intercongregacional.

# O TRAUMA DO DESEMPREGO. CAUSAS E DESAFIOS

Pe. Inácio Neutzling, SJ
Curitiba – PR

É absurdo e perigoso melhorar a produtividade num hospital. Não serial melhor possibilitar às enfermeiras permanecer um pouco mais ao lado do enfermo? Porque jogar no olho da rua 22 mil cobradores de ônibus com a implantação de catracas eletrônicas em São Paulo?

Recente pesquisa do Gallup mostra que para 74% da população brasileira, os problemas mais graves do País são os econômicos. E dentre os problemas econômicos, a maioria (42%) aponta o desemprego como o problema econômico mais grave[1]. Uma pesquisa realizada pelo CEBRAP, em meados de 1995, detectou que para 63% dos metalúrgicos de São Paulo, o maior medo hoje é o desemprego e a demissão em massa[2]. Realmente, o desemprego é cada vez mais um trauma. O choque do desemprego tem, segundo os psicólogos especializados no tratamento do trauma do desemprego, o mesmo efeito da morte de um parente. São conhecidos inúmeros casos de depressão e inclusive de suicídio, de funcionários do Banco do Brasil, por exemplo, por causa das demissões[3]. Nos EUA, "uma série de estudos acompanhados no transcorrer da última década descobriu uma clara correlação entre o crescente desemprego tecnológico e maiores níveis de depressão e morbidez psicótica". Os desempregados tornam-se "descartáveis, depois irrelevantes e, finalmente, invisíveis no novo mundo high-tech do comércio global"[4]. As mesmas pesquisas descobriram que, nos EUA, um aumento de 1% no desemprego resulta no aumento de 6,7% nos homicídios, 3,4% em crimes violentos e de 2,4% em crimes contra a propriedade[5].

O desemprego, hoje, é uma **chaga**[6], cada vez mais aberta, na sociedade brasileira. A capacidade do País de criar empregos tem sido inferior ao crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e da população que a cada ano ingressa no mercado de trabalho, estimada em 1,3 milhões de pessoas. No ano passado, a ocupação total cresceu 1,6% até outubro, enquanto o PIB aumentou 4,2%[7].

O aumento do desemprego, no Brasil, é uma tendência ascendente na década de 90. Entre janeiro de 1985 e agosto de 1989 foram criados no Brasil 3,3 milhões de postos de trabalho com carteira assinada. Entre setembro de 1989 e agosto de 1994 foram eliminados 1,6 milhões de postos de trabalho formais[8]. "A indústria paulista fechou 941% mais vagas em 1995 que em 1994. No ABC, em São Paulo, havia em 1987, 196 mil metalúrgicos. Em 1990: 189 mil; em 1991, 182 mil: em 1993, 159 mil e em 1995 eram 146 mil. O nível de emprego caiu, de uma base de 100%, em 1987,

para 74,4% em meados de 1995"[9]. Pesquisa feita no início deste ano pela FIESP mostra que 46% das empresas pretendem diminuir o contingente de empregados no primeiro semestre de 1996[10]. Uma cidade como Curitiba, tem nada menos que 128 mil pessoas desempregadas no mês de fevereiro[11].

Certos setores são mais duramente atingidos pelo desemprego. Um exemplo é o caso dos bancários. Em dez anos, o número de empregados nos bancos privados foi reduzido pela metade. E atende a um número muito maior de clientes além de fazer mais transações[12].

Várias explicações têm sido dadas para a forte emergência do desemprego.

## 1. Desemprego: conseqüência da revolução tecnológica e da reengenharia das empresas

Hoje, para produzir a riqueza, já não é mais tão necessário o trabalho. Os fatos cada vez mais evidenciam isto. No conjunto dos países capitalistas europeus a produção da riqueza quase que quadruplicou em trinta e cinco anos. No entanto, isto não significou a necessidade de quadruplicar o trabalho. Pelo contrário. Na Alemanha, desde 1955, o volume anual complexivo de trabalho diminuiu em 30%. Na França diminuiu 15% em 30 anos e 10% no espaço de 6 anos[13].

No começo do século, um emprego de tempo integral significava mais de três mil horas de trabalho por ano. Em 1960, duas mil e oitocentas horas. Em 1985, eram um mil e seiscentas horas, criando um produto interno bruto, 2,5 vezes maior que vinte cinco antes. Nas quinhentas maiores empresas americanas a proporção dos empregos permanentes e de tempo integral só representa 10% do total. Um estudo da Federação Internacional dos Metalúrgicos, prevê que dentro de 30 anos, menos de 2% da atual força de trabalho em todo o mundo "será suficiente para produzir todos os bens necessários para atender a demanda total"[14].

A agricultura é um exemplo contundente deste processo. Um agricultor que alimentava quatro pessoas no fim da última guerra, trinta anos mais tarde nutria 36. A safra agrícola de 1994/1995, no Brasil, por exemplo, foi recordista: 81,2 milhões de toneladas de grãos. Dez anos antes, ou seja, na safra de 1985/1986, foram colhidos 53,9 milhões de toneladas de grãos. Em dez anos, a produção brasileira de grãos cresceu 51%. A área plantada, por sua vez, caiu entre 1985 e 1995 quase 10%, ou seja, de 42,5 milhões /ha na safra de 1985/86, para 39 milhões/ha, na safra de 1994/95. Portanto, o aumento de produção está diretamente vinculado com o aumento da produtividade das lavouras que cresceu, em dez anos, 64%[15]. Produzir mais não é mais aumentar a área cultivável ou trabalhar mais. É aumentar, sim, a produtividade[16].

Até há pouco tempo os estudiosos acreditavam que o setor de serviços seria capaz de absorver o grande número de pessoas desempregadas pela revolução tecnológica. Mas esta hipótese, hoje, já está descartada. Caixas automáticos, *homebanking*, débito direto via cartão, escritórios eletrônicos, os *telecommuters* (pessoas que trabalham em suas residências, onde têm computadores ligados às suas empresas), os "escritórios virtuais", significam o fim de carreira para milhares e milhares de pessoas.

Todo este processo é acompanhado pela reengenharia das empresas[17]. Michael Hammer, o grande teórico da reestruturação empresarial, afirma que a reengenharia resulta na perda de mais de 40% dos empregados numa empresa e pode levar a uma redução de até 75% dos funcionários. A gerência média está especialmente vulne-

rável à perda do cargo em função da reengenharia. Estima-se que até 80%, das pessoas envolvidas em funções de gerência intermediária são suscetíveis à demissão[18].

Enfim, evidencia-se cada vez mais que "economia global caminha rapidamente para a era da fábrica sem trabalhadores[19], onde a segurança no emprego é coisa do passado. A maioria das pessoas fará parte da "classe ansiosa"[20].

Rompe-se o vínculo *mecânico* entre tempo de trabalho produtivo e produção. Não é mais possível valorizar com precisão a produtividade do trabalho nas oficinas flexíveis, com fabricação assistida por computador que só requer alguns supervisores. Em sistema robotizado, para passar de um volume de trabalho a outro não é preciso mais trabalho. Assim, querer continuar enquadrado pela lei do século passado (trabalho/produção/salário) é um *nonsense* econômico. A noção de salário, em seguida a do salário mensal, foi uma idéia interessante que correspondeu a uma certa civilização industrial. "A nova civilização informatizada pede que se invente um conceito novo para assegurar a redistribuição das riquezas produzidas coletivamente, com homens a menos e muitos robôs"[21].

## 2. Combate ao desemprego = retomada do crescimento econômico?

Tanto os economistas quanto o próprio Presidente da República têm apontado como primeira saída para resolver a questão do desemprego o crescimento da economia. Assim, Delfim Netto afirma peremptoriamente que "para reduzir" o desemprego o único remédio é um robusto crescimento econômico, e este exige um robusto crescimento das exportações"[22]. Fernando Henrique Cardoso, tanto em Nova Delhi quanto ao México apontou como "a primeira e talvez a mais importante medida a promoção do crescimento econômico sustentado, através da adoção de política corretas"[23].

O crescimento econômico como saída para questão do desemprego é um mito. Basta observar os países mais ricos do mundo. Houve crescimento econômico, mas a oferta de emprego diminuiu. Por exemplo, de 1970 a 1992, a Espanha cresceu economicamente 93%, mas o emprego total diminuiu em 2%. Entre 1965 e 1985, o PIB alemão foi multiplicado por três enquanto o volume anual de trabalho diminuía em 27%. Um estudo alemão mostrou que, entre 1955 e 1960, 100 bilhões de marcos investidos na indústria para melhorar a produtividade criavam 2 milhões de empregos. Entre 1965 e 1970, ele suprimia 100 mil empregos. Entre 1970 e 1975, suprimia 500 mil[24].

Acreditar no mito do crescimento econômico como capaz de resolver o desemprego leva a sociedade brasileira a transpor os modelos de desenvolvimento econômico do Norte para cá. Mas, como lembra o economista Ignacy Sachs, "os países do Sul não têm qualquer chance de se salvar transpondo os modelos do Norte, a não ser se acomodando numa dualidade ainda maior de suas sociedades. Em vez de se iludir com a existência de uma modernidade universal, é preciso que construam projetos adaptados ao seu contexto cultural, social, econômico e ecológico". A única forma de crescimento sustentável que tem um sentido é a que repousa numa redistribuição do trabalho. O desafio consiste na construção de um modelo de sociedade que não tenha como único objetivo a produção de mercadorias, mas que seja capaz de converter os ganhos de produtividade em benefício qualitativo. Uma sociedade que não tenha como prioridade a produção de valores de troca para um mercado segmentado e excludente, mas seja capaz de criar um consenso sobre a prioridade da produção de valores de uso socialmente necessários[25].

## 3. Redução do desemprego = Redução da produtividade?

Algumas pessoas apostam na redução da produtividade como saída para o desemprego. São os neoludistas. Reduzir a produtividade é intrinsecamente estúpido. Como igualmente estúpido é erigir a produtividade em lei física que deve aplicada sistematicamente a todos os setores. Entre nós a tendência mais forte, inclusive nas instituições religiosas encantadas com a busca da qualidade total, é a de querer aplicar a filosofia da produtividade em tudo e por tudo, como se todas as atividades humanas, inclusive a cultura, a saúde, a educação, as relações sociais pudessem ser colonizadas pela cultura produtivista, como se cada pessoa tivesse sido feita no molde do robô e possuísse os mesmos comportamentos de adaptação à pressão dos ritmos sociais. A produtividade, como no filme "Tempos Modernos", de Chaplin, irremediavelmente arrasta o homem em sua esteira. O ritmo da produtividade não é apenas o ritmo de uma máquina isolada. É o ritmo do conjunto da empresa, depois é o ritmo da existência do assalariado que corre sem parar para produzir "just in time", num ambiente onde se considera o estresse como um indicador de eficácia.

Não é absurdo, até perigoso, melhorar, por exemplo, a produtividade num hospital? Não seria melhor dar possibilidade às enfermeiras de permanecerem um pouco mais ao lado de cada enfermo? É necessário jogar no olho da rua 22 mil cobradores de ônibus com a implantação de catracas eletrônicas na cidade de São Paulo?[26].

"Por que não exigir dos hipermercados, por exemplo, um número de empregados por metro quadrado, um total de presença humana por hipermercado, para recriar o serviço, a relação, o conselho? É claro que o custo destes empregos repercutiria nos preços. Os consumidores, sem dúvida, passariam a pagar, parcialmente, o desemprego. Isto seria algo aberrante?[27].

Em todos os setores não expostos à concorrência internacional, toda vez que se quer realizar um ganho de produtividade junto com uma supressão de empregos, seria preciso se perguntar, além do custo direto, qual é o custo indireto, qual é o custo social, qual é o *pretium doloris?* Numa sociedade caracterizada por uma forte taxa de desemprego em que cada ganho de produtividade do trabalho vai gerar um desempregado a mais, precisaríamos perguntar-nos sobre a urgência de sua implantação.

O exemplo japonês neste assunto é instrutivo. Os japoneses entenderam bem as vantagens e os defeitos da corrida à produtividade. São os campeões da produtividade nos setores expostos à competitividade, mas também os campeões da corrida à contra produtividade nos serviços internos e na agricultura, empurrando as duas lógicas com o exagero que os caracteriza. Uma taxa de desemprego de 2%, cinco vezes menor que na França, mas 15 milhões de empregos artificiais.

"Funcionamos com uma dupla economia", explica Haruo Shimada, professor da universidade de Keio, "um setor eficaz, muito automatizado, que exporta muito, e um setor ineficaz que emprega enormemente mão-de-obra"[28].

A redução e o apoio ao setor de baixa produtividade pode ser financiada pelos ganhos de produtividade do setor de alta produtividade. Manter uma economia a duas velocidades significa possibilitar à sociedade tempo para inventar novos mecanismos de repartição do trabalho, de redistribuição do emprego. Ela permite dar tempo às pessoas para se adaptarem à nova civilização à civilização do tempo livre, que vai emergindo.

## 4. Redução do desemprego = Flexibilização das relações de Trabalho?

Uma outra causa apontada para o desemprego é a excessiva regulação do mercado de trabalho. Para Fernando Henrique Cardoso, uma saída para enfrentar o desafio do desemprego é **"tornar mais flexível o conjunto de regras relativas às relações de trabalho,** de modo a preservar o número de empregos. Esta flexibilização deveria possibilitar, por exemplo, que empresas e trabalhadores negociassem livremente um leque tão vasto quanto possível de tópicos, tais como o número de horas-extras etc. Deveria também resultar em menores custos para a contratação de trabalhadores"[29]. Na conferência pronunciada no Colégio do México detalha mais estas propostas, e volta a insistir "na diminuição do custo do fator trabalho e nas negociações entre o capital e o trabalho para a flexibilização das relações trabalhistas, incluindo medidas que dêem maior autonomia aos sindicatos para a celebração de contratos coletivos de trabalho"[30].

É uma saída nada original. Argentina e Espanha são os países que mais desregulamentaram o seu mercado de trabalho e hoje estão com taxas de 20% e 24% de desemprego, respectivamente.

As relações de trabalho no Brasil já são extremamente precárias. Um índice desta precariedade é a alta rotatividade. Cerca de 50% dos trabalhadores do setor formal estão há menos de dois anos no mesmo emprego. Isto significa que, se a probabilidade de cada trabalhador mudar de emprego fosse a mesma, a cada quatro anos todos os trabalhadores do país teriam trocado de emprego[31]. O dado é alarmante, se comparado com a situação de outros países. É um dos índices de rotatividade mais elevados do mundo. Ele evidencia que o custo de demissão não é alto. É mais barato demitir e readmitir um trabalhador do que preservar seu emprego ao longo de um ciclo econômico.

Assim, a proposta da introdução dos empregos temporários em que trabalhadores podem ser contratados com encargos menores e demitidos sem indenização, é perversa. O recente acordo do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, referendado pela Força Sindical, com a FIESP vai neste sentido. Na mesma direção vai a Portaria 865 do Ministério do Trabalho, de dezembro de 1995, que orienta os fiscais a não multarem acordos que descumpram a lei[32]. "Esta proposta não tem qualquer compromisso com a melhoria da qualidade do emprego. Apenas, o trabalhador que poderia estar no setor "informal"(sem encargos e sem custo de demissão) agora passa a ter um emprego "formal"(sem encargos e sem custo de demissão). Fica, assim, consagrada na lei a segmentação do mercado de trabalho"[33]. "Os efeitos sobre a ampliação da precarização e da desigualdade do mercado de trabalho nacional seriam enormes e um fracasso enquanto medidas voltadas para o aumento do emprego, como já demonstrou a experiência de vários países europeus e latino-americanos"[34]. A assessoria econômica do Ministério do Trabalho da França, constata que "cada vez mais gente percebe que as políticas de redução de encargos sociais e de flexibilização do mercado de trabalho mostraram seus limites"[35]. E o conservador presidente francês, Jacques Chirac é enfático. "A Europa é a guardiã do modelo social no mundo. Esse modelo social compreende sistemas de proteção social que devem ser reforçados"[36].

## 5. É o custo do trabalho que causa o desemprego?

As propostas de precarizar ou flexibilizar as relações de trabalho têm como pressuposto que a causa do desempenho é o custo do trabalho que, por sua vez, contribuiria para elevar o assim chamado "custo do Brasil".

O custo da hora trabalhada no Brasil, incluindo no cálculo todos os encargos sociais, é baixíssima se comparada com vários países. O custo médio da mão-de-obra, em US$, por hora trabalhada na indústria de transformação no Brasil é de 2,79. Na Coréia é de 4,16, na Espanha de 11,88, nos EUA é de 14,83 e na Alemanha é de 21,30 [37].

Comparando o custo da hora de trabalho pelo salário mínimo legal, ela também custa muito pouco. Vejamos: O custo da hora trabalhada, segundo o salário mínimo de fevereiro de 1996, em US$, era nos EUA de 4,58, na Argentina de 1,48 e no Brasil: 0,93 [38].

Se não incidisse nenhuma taxa ou contribuição sobre a folha, se as empresas deixassem de pagar os salários indiretos (como o 13° etc.) e ainda descontassem do salário o domingo e a tarde de sábado, feriados, férias, auxílio-doença e aviso prévio, o custo da hora trabalhada seria de R$ 0,46. Com todos os direitos e encargos, a hora custa R$ 0,91, ou US$ 0,93. Na Argentina, de acordo com o mesmo critério, o custo mínimo da hora, incluídos todos os direitos e encargos, é de US$ 1, 48.

Tomando o parâmetro da participação dos salários no valor agregado da indústria brasileira, constata-se que ela é uma das mais baixas do mundo, muito abaixo, inclusive do mesmo índice praticado por economias muita mais inexpressivas que a nossa. Os salários são, no Brasil, apenas 23% do valor agregado na indústria. Segundo a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial, essa estatistica é de 37% no economicamente inexpressivo Panamá, 38% na Índia, 51% na África do Sul, ou de 69% na Itália e 71% na Noruega [39].

Essas comparações deixam claro que a redução do chamado "custo Brasil" não deve ocorrer pela diminuição dos rendimentos do assalariado ou das contribuições para a seguridade social, sob pena de agravar uma distribuição de renda já excessivamente desigual e de desamparar os já pouco assistidos. Ou seja, "não há a menor racionalidade econômica em se reduzir ainda mais essa ridícula participação dos salários na renda nacional. Isso seria comprimir ainda mais o já desproporcionalmente mercado interno brasileiro e agravar ainda mais uma das causas dos poucos empregos que temos em nosso Pais" [40]. Thomas Coutrot, assessor econômico do conservador governo francês afirma ser um "absurdo atribuir o desemprego no Brasil a um custo salarial elevado" [41]. E Ciro Gomes, ex-ministro da Fazenda, afirma que "não ha pretexto no Brasil atual para um salário mínimo menor de 200 reais" [42].

## Conclusão

O enfrentamento da chaga do desemprego e a conseqüente ruptura do tecido social provocada por ele, exige:

a. Uma atenta e acurada revisão das causas dos desempregos. Trata-se de um problema complexo que não pode ser, simplisticamente, reduzido à uma única e isolada causa.

b. Uma mobilização da sociedade brasileira para forjar um novo projeto nacional de defesa da produção e do emprego. É urgente uma revolução nas prioridades na linha do que foi indicado na 2ª Semana Social Brasileira [43] e por Cristóvam Buarque, com sua proposta de Revolução nas Prioridades [44]. Isto significa romper com a redução de todos os problemas da sociedade brasileira ao econômico. Não basta só estabilizar a moeda. É preciso subordinar a estabilidade da economia à priorização dos grandes problemas sociais: alimentação, saúde, educação, moradia limpa e digna, transporte público e acesso à justiça.

c. A criação de uma cultura da solidariedade[45]. A resolução da crise não é somente do âmbito do econômico. Ela é de ordem ético-cultural. Como afirma

Cristóvam Buarque, "está em jogo a redescoberta da necessidade de uma revolução ética mais do que uma revolução social"[46].

Em síntese, estamos diante do seguinte desafio: como ultrapassar a esfera da economia, ou seja, o que é o mesmo, como romper a esfera do trabalho remunerado. A racionalização da economia libera tempo e continuará a liberar mais ainda e conseqüentemente não é mais possível fazer depender a renda dos cidadãos da quantidade de trabalho de que a economia necessita.

Num sociedade onde o trabalho "não é apenas objetivamente amorfo, mas também está se tornando subjetivamente periférico"[47], não é mais impossível continuar a fazer do trabalho remunerado a fonte principal da identidade e do sentido da vida de cada pessoa [48]. Novos direitos e uma nova liberdade emergem como possibilidade:

a. o direito de cada um a ganhar a vida trabalhando, mas trabalhando menos e melhor, recebendo por inteiro a sua parte da riqueza socialmente produzida.

b. O direito de trabalhar de modo descontínuo, intermitente, sem perder durante estas pausas a renda plena de modo que possa abrir novos espaços às atividades sem fim econômico e reconhecer a estas atividades uma dignidade e um valor eminente, seja para os indivíduos seja para a sociedade no seu conjunto[49].

O desemprego, portanto, é uma questão que faz emergir o desafio de pensar, inventar e criar um novo modelo de sociedade onde a pessoa humana possa realizar todas as suas potencialidades. Enfim, o desemprego não é somente um problema econômico, mas, fundamentalmente, um problema político.

*Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT*

## NOTAS

1. "Gazeta Mercantil", 31-01-96, A-6.
2. CHAIA, Miguel, "Trabalho: Entre a Política e o Conceito", *São Paulo em Perspectiva 9* (3) 1995, p. 131.
3. Henrique Pizzolato, membro do Conselho de Administração do Banco do Brasil, afirma que quintuplicaram os casos de funcionários que o procuram com problema de depressão. Ele recebe telefonemas de parentes, amigos e colegas que pedem atenção para um ou outro funcionário que apresenta comportamentos estranhos, fora dos seus padrões habituais. "O meu gabinete transformou-se em consultório de desabafo de bancários em dificuldades e com medo de demissão" – constata. *CEPAT Informa*, nº 12/1995, p. 15.
4. RIFKIN, Jeremy, *O Fim dos Empregos. O Declínio Inevitável dos Níveis dos Empregos e a Redução da Força Global de Trabalho*, Makron Books, São Paulo, 1995, p. 216 e 218.
5. RIFKIN, J., op. cit. p. 231.
6. A expressão é da *Laborem Exercens*, nº 8.
7. O IBGE calcula que o PIB brasileiro, em valores normais, atingiu, em 1995, um total de US$ 677 bilhões. Em 1994, o PIB alcançara o equivalente a US$ 522 bilhões. "Gazeta Mercantil", 14-02-96, A-6.
8. Os números foram apresentados pelo ministro do Trabalho, Paulo Paiva – "Estado de S. Paulo", 7-01-96, B 1.
9. JORGE, Miguel, "O emprego e o novo paradoxo", Gazeta Mercantil, 1-02-96, A 2. Jorge Miguel é vice-presidente de Recursos Humanos e Assuntos Corporativos da Volkswagen do Brasil.
10. "Folha de S. Paulo", 27-02-96 2-8.
11. Isto corresponde a 12,6% da População Economicamente Ativa. É o maior índice desde que o IPARDES e o DIEESE iniciaram a pesquisa sobre emprego e desemprego em Curitiba. Cf. Informativo PED, fevereiro/96.
12. A constatação é do presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban) Maurício Schulmann. Segundo ele, "há banco que estão com mais de 30% de suas transações feitas por processos sem funcionários, em horário aberto, o que dá uma grande redução de custos". Cfr. *CEPAT Informa* nº 12/1995, Síntese informativa, p. 14.
13. Há uma literatura imensa sobre este fenômeno. Aqui nos baseamos em: GORZ, André, "Saindo da Sociedade do Trabalho", *São Paulo em Perspectiva 9* (3) 1995, p. 135-144; AZNAR, Guy, *Trabalhar Menos para Trabalharem todos*, Ed. Scritta, São Paulo, 1995; RIFKIN, Jeremy, *O Fim dos Empregos*, Makron Books, São Paulo 1995.
14. RIFKIN, J., op. cit. p. 9.

15. Boletim do DESER, *Conjuntura Agrícola* 63/1995, p. 9-14.
16. G. Aznar afirma que "aqui temos uma mudança de civilização" in: AZNAR, G., op. cit., p. 34.
17. M. Hammer define a reengenharia como "o repensar fundamental e a reestruturação radical dos processos empresariais que visam alcançar drásticas melhorias em indicadores críticos e contemporâneos de desempenho, tais como custos, qualidade, atendimento e velocidade" em: HAMMER, Michel – CHAMPY, James, *Reengenharia revolucionando a Empresa,* Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1994, 9ª ed., p. 22.
18. RIFKIN, Jeremy, *O Fim dos Empregos. O Declínio Inevitável dos Níveis dos Empregos e a Redução da Força Global de Trabalho,* Makron Books, São Paulo, 1995, p. 7.
19. RIFKIN, J., op. cit. p. 8.
20. A expressão é de Robert Reich, secretário do Trabalho dos EUA, "Folha de S. Paulo", 3-03-96, MAIS 5-9.
21. AZNAR, G., op. cit. p. 107-108.
22. DELFIM NETTO, Antônio, "Ruído e Desemprego", "Folha de S. Paulo" 28-02-96 1-2.
23. Folha de São Paulo, 28-01-96, 1-8.
24. AZNAR, G., op. cit. p. 27.
25. AZNAR, G., op. cit. p. 53-58.
26. "Gazeta Mercantil", 28-03-96 C-1: "O setor emprega cerca de 22 mil cobradores que, com a implantação das catracas em São Paulo, estarão literalmente no 'olho da rua'" – afirma o responsável pelo projeto.
27. AZNAR, G., op. cit. p. 68.
28. AZNAR, G., op. cit. p. 69.
29. "Folha de S. Paulo", 28-01-96, 1-8.
30. "Folha de S. Paulo", 21-02-96, 1-6.
31. AMADEO, Edward J., "Emprego: não legalizar a precariedade", "Folha de S. Paulo", 11-02-96, 2-2; Os dados são da pesquisa feita por Gustavo Gonzaga, economista e professor da PUC-RJ e divulgada no último Boletim *Economia, Capital & Trabalho* do Departamento de Economia da PUC-RJ – Gazeta Mercantil, 29-01-96, A 5.
32. MATTOSO, José Eduardo L., "Desemprego e Relações de Trabalho", "Estado de S. Paulo" 15-02-96 A-2.
33. AMADEO, Edward J., art. cit.
34. MATTOSO, José Eduardo L., "Desemprego e Relações de Trabalho", "Estado de S. Paulo", 15-02-96 A-2; Veja acima a citação do exemplo da Argentina e Espanha.
35. Entrevista de Thomas Coutrot, "Folha de S. Paulo", Mais, 3-03-96 - 5-10.
36. "Gazeta Mercantil", 28-03-96 A-16.
37. DIEESE, *Anuário dos Trabalhadores 1993.*
38. FIOCCA, Demian, "A Mão-de-Obra custa pouco no Brasil", "Folha de S. Paulo", 14-02-96, 2-2.
39. GOMES, Ciro – UNGER, Roberto Mangabeira, *O Próximo Passo. Uma Alternativa Prática ao Neoliberalismo,* Topbooks, Rio de Janeiro, 1996, p. 103.
40. GOMES, Ciro, "A polêmica dos encargos sociais", "Estado de S. Paulo" 24-02-96 B-2.
41. Entrevista de Thomas Coutrot, "Folha de S. Paulo", Mais, 3-03-96 - 5-10.
42. GOMES, Ciro – UNGER, Roberto Mangabeira, *O Próximo Passo,* op. cit., p. 106.
43. Setor Pastoral Social, *Brasil: Alternativas e Protagonistas. Por uma Sociedade Democrática,* Ed. Vozes, Petrópolis, 2ª ed., 1994.
44. BUARQUE, Cristóvam, *A Revolução nas Prioridades. Da Modernidade Técnica à Modernidade Ética,* Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1994.
45. MATTOSO, Jorge, "Mobilização Social pode evitar desastre", "Folha de S. Paulo", Mais 3-03-96, 5-13.
46. BUARQUE, Cristóvam, *A Revolução na Esquerda e a Invenção do Brasil,* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p. 110.
47. OFFE, Claus, "Trabalho: A Categoria Sociológica Chave?" in: OFFE, Claus, *Capitalismo Desorganizado. Transformações Contemporâneas do Trabalho e da Política,* Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985, p. 194.
48. GORZ, A., op. cit. p. 57.
49. GORZ, A., op. cit. p. 57: No sentido ver RIFKIN, J. quando fala da economia social capaz de dar um novo sentido ao trabalho que não visa unicamente a produção de mercadorias, mas que seja socialmente útil. RIFKIN, J., op. cit. 240 ss.

## QUESTÃO PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

A XVII AGO da CRB procurou aprofundar a reflexão sobre os novos rostos da missão no contexto da modernidade brasileira. Tratando de dar continuidade a essa reflexão, o texto do Pe. Inácio Neutzling aborda a grave questão do desemprego hoje no Brasil. Na nossa realidade, como se configura esse novo rosto da missão que constituem os desempregados? Como você e sua comunidade se sentem desafiados por esse fenômeno?

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar – Cinelândia – Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de maio de 1996

No dia 25 de março de 1996, o Papa João Paulo II publicou a **"Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata, sobre a Vida Consagrada e sua Missão na Igreja e no Mundo".** A Conferência dos Religiosos do Brasil editou este texto. Você precisa ter este livro. Peça-o à sede de sua CRB Regional ou à CRB Nacional. E depois, ler com paz e pausadamente. Estudá-lo. É a mais atual palavra oficial da Igreja sobre a nossa vida de Religiosos e Religiosas.

**Vida Religiosa ou Vida Consagrada?**

Todo batizado é consagrado pelo Pai, no Espírito, para a mesma missão do Filho: testemunhar o amor de Deus e servir de instrumento de sua comunicação aos homens. É a dimensão ontológico-teologal do batismo, ou seja, toda a vida do cristão posta sob a ação de Deus que o chamou, consagrou e reservou. Esta **consagração proveniente do batismo, única e idêntica para todos**, não se desenvolve de maneira uniforme em todos os batizados. Desenvolve-se conforme a variedade das vocações concretas. Embora única, a consagração do batismo tem expressões diversas nas diferentes e complementares vocações cristãs, suscitadas todas pelo mesmo Espírito. Uma destas expressões, enquadrada na economia sacramental do batismo, mas não pura e simplesmente confundida com ela, nem sua conseqüência necessária, é a consagração da Vida Religiosa.

É o mistério de Cristo consagrado pelo Pai e da Igreja que Cristo consagrou que **configura e dá sentido e valor à consagração da Vida Religiosa**. A Vida Religiosa participa, sob um aspecto específico, da sacramentalidade de Cristo e da Igreja. A Igreja é toda inteira de natureza sacramental. Nela o Espírito Santo transfigura e eleva determinados elementos visíveis e humanos em sinais portadores da graça. Todo aspecto sacramental supõe uma intervenção do Espírito Santo. A Vida Religiosa tem sua dimensão própria sacramental. Está estabelecida por uma intervenção do Espírito Santo. O Senhor chama para a Vida Religiosa e confirma a aliança batismal numa expressão mais íntima e plena.

**A Vida Religiosa é UM modo especial de viver a consagração batismal**. É um processo de plenificação do ser cristão e do agir como tal. Não obstante ser uma forma limitada de realização da existência humana do cristão, é a **ÚNICA maneira de viver o batismo** para aquele que foi chamado para a Vida Religiosa. É uma forma que busca ser eminente, 'magnífico testemunho' diz João Paulo II, em condições privilegiadas para se desenvolver mediante a prática dos conselhos evangélicos. Na profissão dos conselhos evangélicos que oficializa, de modo ritual, teológico e canônico, a Vida Religiosa, há uma retomada e uma reconfirmação da consagração batismal que é revestida com este **NOVO dom do Pai** e revivida com NOVO empenho de fidelidade por parte de cada filho.

Deus, pela profissão dos conselhos evangélicos, reveste nossa filiação batismal com uma fisionomia específica. Não imaginamos bem como tudo isto se dá. Mas Deus pode. E o que ele quer, ele o faz. A consagração da Vida Religiosa dá relevo ao batismo. É um **singular e fecundo aprofundamento da consagração batismal.** E, se nada lhe acrescenta sacramentalmente, radicaliza um jeito de vivê-lo e de expressá-lo com novo impulso. É este amadurecimento de algo preexistente que embala, com vontade mais determinada, pelo caminho da santidade. Não é pouco. Só pode ser dom específico do Espírito. É uma especial consagração.

O Concílio Vaticano II destaca a existência da consagração na Vida Religiosa com expressões vigorosas. Ele fala de "consagração de modo especial, de modo peculiar, de modo mais íntimo, estado de consagração a Deus, consagração particular". E João Paulo II fala de **"nova consagração, forma específica de consagração, nova e especial consagração"**. Estas sinalizações do Vaticano II e do Magistério são pontos luminosos de referência que valorizam e justificam plenamente o conceito de consagração na Vida Religiosa.

Adquira. Leia. Divulgue a **"Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata, sobre a Vida Consagrada e sua Missão na Igreja e no Mundo".** É uma alentada atualização da tradicional e clássica teologia da Vida Religiosa.

**DEUS**, de quem todo **DOM** perfeito provém, o abençoe e o guarde são e salvo. Volte para você seu rosto de olhar sereno e lhe conceda a bênção, o perdão e a paz. **MARIA**, Mãe de Deus e nossa também, interceda por nós. Amém. Sempre ao seu inteiro dispor, com afeto e estima fraterna, subscrevo-me,

atenciosamente

**Pe. MARCOS DE LIMA, SDB**